

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Alantiara Peixoto Cabral

**Trajéoria profissional e formação continuada dos professores de
educação física da rede estadual de ensino da Bahia: tecendo fios de
memória**

Vitória da Conquista
Agosto de 2016

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Alantiara Peixoto Cabral

**Trajétoria profissional e formação continuada dos professores de
educação física da rede estadual de ensino da Bahia: tecendo fios de
memória**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta.

Vitória da Conquista
Agosto de 2016

Cabral, Alantiara Peixoto
 C240t Trajetória Profissional e Formação Continuada dos Professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino da Bahia: Tecendo fios de memória; orientador: Felipe Eduardo Ferreira Marta - Vitória da Conquista, 2016.
 126f.

Dissertação (mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

1.Memória 2. Trajetória profissional 3.Professores de educação física. 4.Formação continuada. I.MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. Título.

Título em Inglês: Professional Trajectory and Continued Formation of Teachers of Physical Education of the Bahia State Teaching Network: Weaving threads of Memory

Palavras-chaves em Inglês: Memory. Professional Career. Physical Education Teachers. Continuing Education.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (Orientador), Prof. Dr. Cláudio Eduardo Félix dos Santos (titular), Prof. Dr. Luís Vitor Castro Júnior (titular).

Data da Defesa: 24 de agosto de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alantiara Peixoto Cabral

Trajatória profissional e formação continuada dos professores de educação física da rede estadual de ensino da Bahia: tecendo fios de memória

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Data da aprovação: 24 de agosto de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Cláudio Eduardo Félix dos Santos
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Luís Vitor Castro Júnior
Instituição: UEFS

Ass.: 

Dedicatória

Para Josira, minha mãe, que mesmo não lendo os livros que eu li, nem estudando onde eu estudei compreende o sentido mais amplo da palavra educar. A essa professora especial, como tantas outras (os) dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa vencida. Mais uma vitória a ser alegremente comemorada. Foram um pouco mais de dois anos de experiências riquíssimas, e um aprendizado contínuo que tanto me faz ser grata pela oportunidade concedida de poder ter ingressado nesse programa e ter chegado até aqui. E hoje agradeço em especial:

Ao meu bom DEUS, força divina que a inteligência humana não foi capaz de explicar, obrigada pela presença constante nos momentos de alegrias e superação e também naqueles momentos de angústia e agonia, que muitas vezes compareceram nessa jornada, e me ajudou a ter forças para continuar quando algumas vezes desacreditava dessa possibilidade.

Ao meu filho, Bernardo, você foi o presente recebido durante este percurso. Tão pequenino e agiganta o meu ser com apenas um olhar. O Anjo que pousou na minha vida, mola propulsora para eu seguir adiante. À você, meu AMOR INCONDICIONAL.

Ao meu companheiro e amigo, Aécio, por estar ao meu lado, incentivando, apoiando e torcendo por mim. Obrigada por ser, um amigo fiel com quem tenho dividido todos os momentos da minha vida. Eu te amo!

À toda minha família, em especial à minha mãe, Josira, pela educação dedicada a mim, pelos valores ensinados, pelo amor transmitido; aos meus irmãos, Alantiel e Alantielma, por me ensinarem mais do que imaginei aprender; aos meus sobrinhos, pelo carinho e amor. Vocês são à base da minha existência.

Ao meu orientador, Professor Felipe Eduardo Ferreira Marta, pela oportunidade de crescimento intelectual, confiança e apoio à construção da minha vida profissional, como também pela sabedoria e dedicação com que orientou este trabalho. Obrigada, saiba que você foi essencial para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por tudo!

À banca examinadora, Professor Cláudio Eduardo Félix dos Santos e Professor Luís Vitor Castro Júnior, por aceitarem fazer parte da composição da banca examinadora deste trabalho, contribuindo de maneira significativa para o mesmo.

Aos professores participantes da pesquisa por cederem seu valioso tempo, colaborando para reflexões sobre a educação física.

À todos os professores e colegas que tive na vida, pré-escola à pós-graduação, por terem contribuído das mais diversas maneiras para a minha formação.

Enfim, a todos e todas que fazem parte do meu mundo fraterno e afetivo, que embora não nomeados, acompanharam-me nesse percurso de concretização de um objetivo profissional e pessoal, **MUITO OBRIGADA!**

*Sou um homem comum
de carne e de memória
de osso e esquecimento.
e a vida sopra dentro de mim
pânica
feito a chama de um maçarico
e pode
subitamente
cessar.
Sou como você
feito de coisas lembradas
e esquecidas
[...]*

– Ferreira Gullar, Brasília, 1963

RESUMO

O presente trabalho se constituiu em uma investigação que analisou as opções e escolhas dos professores de Educação Física da NRE 22 que atuam na cidade de Jequié-BA quanto à formação continuada, sobretudo, quais memórias motivaram estas escolhas, bem como as lembranças em torno da formação continuada proposta pela Rede Estadual de Ensino no período de 2003 a 2014. Para realização do estudo, a História Oral foi o método que viabilizou a concretização de entrevista com os professores de Educação Física que revelaram a sua memória em torno da trajetória escolar e formação profissional, enfim descortinaram suas histórias em relação à educação física no interior da Bahia do início da década de 80 até os dias atuais. A hipótese que norteou este trabalho foi que as experiências da cultura corporal durante a educação básica pode ter influenciado as escolhas profissionais bem como as escolhas de formação continuada. Assim, contribuíram com suas memórias para a pesquisa os professores: Alberto José Andrade Ferreira; Eduardo Costa Vieira; Luciano Ferreira Bittencourt; Suzyanne de Almeida Pereira Munaro; Emerson Carlos Paim; José Gonçalves Lopes Junior; Rogério Santos Teixeira; Temístocles Damasceno Silva; Júlio César Oliveira Luz; Ianny Caroline Melo de Souza e Rafael Carlos Lavigne Diniz. Com base nas investigações, foi possível conhecer características do ensino da Educação Física na escola de educação básica em Jequié nos anos 80 até o início dos anos 2000, reconhecendo nesse período a grande influência do esporte para a escolha de ser professor de Educação Física, como também narraram os primeiros anos do curso de Licenciatura em Educação Física da UESB, reconhecendo seu importante papel para a expansão da formação em Educação Física em solos baianos, como também suas ações para a formação continuada dos professores de Educação Física já formados e os recém-egressos dessa universidade. Nas memórias sobre as escolhas e opções de formação continuada elas estavam alicerçadas nas experiências de formação desde a educação básica e reafirmadas no ambiente acadêmico, ou seja, quando tinham a opção de escolher seus caminhos sempre seguiram os cursos e especializações ligados a treinamento físico, atividade física e saúde. No entanto as novas oportunidades de experiência e a realidade do momento vivido contribuíram também para outras escolhas, quando tiveram a oportunidade de vivenciarem o ambiente escolar também durante a graduação, estas experiências abre para outras possibilidades de escolhas de formação continuada. Quanto às ações do estado para a formação continuada dos professores identifiquei nas memórias a seguinte “linha temporal”: 3 (três) Exames de certificação nos anos de 2004, 2005 e 2006; Videoconferência no ano de 2008; Referência Curriculares para a rede pública do estado da Bahia nos anos de 2010 e 2011; Capoeira na Escola: Patrimônio de todos nós no ano de 2010 e 2 (dois) cursos de Atualização em práticas pedagógicas nos anos de 2012 e 2014. Os professores entrevistados reconhecem essas últimas ações de cursos com a mesma essência dos exames de certificações, já que o cumprimento das atividades e aprovação condiciona o aumento salarial, direito trabalhista, no entanto vêem os cursos com uma proposta interessante de formação, no entanto, o que motiva essas ações deveria ser a formação e não o aumento salarial. As outras ações realizadas visando à melhoria da prática pedagógica do professor de Educação Física são vistas pelos professores como construtivas, no entanto falta um maior diálogo com os professores para uma construção permanente dessas ações e também para que os professores compreendam todo o processo.

Palavras-Chave: Memória. Trajetória Profissional. Professores de Educação Física. Formação Continuada.

ABSTRACT

This paper is from an investigation which examined the options and choices of Physical Education teachers of NRE 22 working in the city of Jequié city - Bahia state as the continuing education, especially, what memories motivated these choices, as well as the remembrances around the continuing education proposed by State schools from 2003 to 2014. In order to accomplish the study, the Oral History was the method that made possible the accomplishment of interviews with the Physical Education teachers who revealed their memory about the school career and training professional, well showed their stories in relation to physical education in Bahia in the early 80s to the present day. The underlying hypothesis in this study was that the experiences of body culture in basic education may have influenced the career choices and the choices of continuing education. Thus, the following teachers contributed with their memories for the research, their names are: Alberto José Andrade Ferreira; Eduardo Costa Vieira; Luciano Ferreira Bittencourt; Suzyanne de Almeida Pereira Munaro; Emerson Carlos Paim; José Gonçalves Lopes Junior; Rogerio Santos Teixeira; Themistocles Damasceno Silva; Julius Caesar Oliveira Light; Ianny Caroline Melo de Souza and Rafael Carlos Diniz Lavigne. Based on the investigations, it was possible to identify characteristics of the teaching of physical education in basic education school in Jequié city in the 80s until the early 2000s, recognizing in that time the great influence of sport to the choice of being a teacher of Physical Education, as also chronicled the early years of the Bachelor's Degree in Physical Education UESB, recognizing their important role for the expansion of training in Physical Education in Bahia soils, as well as their actions to the ongoing training of physical education teachers already trained and newly graduates of this university. In the memories of the choices and continuing education options they were grounded in the training experiences from basic education and reaffirmed in the academic environment, when they had the option to choose their paths always followed the courses and specializations related to physical training activity and physical health. However the new opportunities for experience and the reality of the time lived also contributed to other choices, when they had the opportunity to experience the school environment also during graduation, these experiences open to other possibilities of continuing education choices. As for the state actions for the continuing education of teachers identified in the following memories "timeline": three (3) certification tests in 2004, 2005 and 2006; Videoconferencing in 2008; Curriculum Reference to the public the state of Bahia in 2010 and 2011; Capoeira School: Heritage of us all in 2010 and two (2) Update courses in pedagogical practices in the years 2012 and 2014. The interviewed teachers recognize these latest actions courses with the same essence of the certification exams, since compliance activities and approval conditions the increasing of wage, labor law, however see the courses with an interesting proposal for training, but, what motivates these actions should be training and not the salary increase. Other actions carried out aimed at improving the teaching practice of physical education teacher are seen by teachers as constructive, but lack a greater dialogue with the class for a permanent construction of these actions and also for teachers to understand the whole process.

Keywords: Memory. Professional Career. Physical Education Teacheres. Continuing Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC - Atividade Complementar

ACERT - Agência de Certificação Ocupacional

APLB - Associação de Professores Licenciados da Bahia

AT - Anísio Teixeira

AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem

BA – Bahia

CAP – Colégio Antônio Pinheiro

CBCE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte,

CEAD-UnB - Centro de Educação a Distância da Universidade de Brasília

CEEPRP - Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão e tecnologia da Informação
Regis Pacheco

CEMS - Centro Educacional Ministro Spínola

CNPQ - Conselho Nacional de Pesquisa

DEM - Democratas

DIREC's - Diretorias Regionais de Educação

DOE - Diário Oficial do Estado da Bahia

DS - Departamento de Saúde

EAD - Educação a Distância

ENAF - Encontro Nacional de Atividade Física

ENEFD - Escola Nacional de Educação Física e Desporto

FACED - Faculdade de Educação

FETRAB - Federação dos Trabalhadores Público do Estado da Bahia

FETRAB - Federação dos Trabalhadores Públicos do Estado da Bahia

FLEM - Fundação Luis Eduardo Magalhães

FTC - Faculdade de Ciências e Tecnologia

GEAB - Ginásio de Esporte Aníbal Brito

GEPERP - Grupo de Professores de Educação Física da Rede Pública de Ensino da Bahia

IAT - Instituição Anísio Teixeira

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia

IERP- Instituto Educacional Régis Pacheco

JERP - Estudantis da Rede Pública

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

NEAFS - Núcleo de Estudos em Atividade Física e Saúde

NRE - Núcleo Regional de Educação

ONG - Organização não Governamental

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PEV - Programa Educar para Vencer

PFL - Partido da Frente Liberal

PNE's - Portadores de Necessidades Especiais

PT - Partido dos Trabalhadores

SEC - Secretária da Educação

SESI - Serviço Social da Indústria

SOET - Sociedade Nacional de Educação, Ciência e tecnologia

UCSAL - Universidade Católica de Salvador

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UNEB - Universidade Estadual da Bahia

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Identificação e caracterização dos professores-narradores.....	31
Tabela 2. Identificação e caracterização dos professores-narradores.....	63
Tabela 3: Identificação dos cursos de Especialização realizados pelos professores entrevistados.....	88
Tabela 4: “Linha temporal” da formação continuada proposta pelo governo estadual do período de 2003 a 2014.....	107

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Inauguração do Ginásio de Esporte Aníbal Brito, início da década de 80.....43

Imagem 2: Mapa da localização dos auditórios da videoconferência.....101

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 ESCOLHA PROFISSIONAL NA MEMÓRIA DOS PROFESSORES QUE INICIARAM SUA FORMAÇÃO NAS DÉCADAS DE 80 E 90	29
2.1. “FUI ATLETA POR CAUSA DA ESCOLA”: EDUCAÇÃO FÍSICA CERCADA PELO AMBIENTE SOCIAL ESPORTIVO	38
2.2 “AÍ FUI MAIS PRO LADO DA ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE, DOS CURSOS DE VÔLEI, NÉ?” A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	47
2.2.1 “Ave Maria! Eu não imaginava nunca que o Curso de educação Física era aquilo”: A UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) em foco	51
2.3 “ESTABILIDADE... ESTABILIDADE E SEGURANÇA”: A ENTRADA DO PROFESSORES NO MERCADO DO TRABALHO	56
3 A MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES QUE INICIARAM SUA GRADUAÇÃO A PARTIR DO ANO 2000	60
3.1 “ENTÃO A GENTE DISCUTIA MAIS ATIVIDADE FÍSICA E EXERCÍCIOS, ESSES CONTEÚDOS PRA SUBSIDIAR”: A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALÉM DAS MODALIDADES ESPORTIVAS	63
3.2 O PERÍODO ACADÊMICO: A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: “EU CHEGO COM A IDEIA DA PRÁTICA ESPORTIVA, MAS ELA É DESCONSTRUÍDA AO PASSAR DO TEMPO”	70
3.3 “DEPOIS EU PENSEI EM DESISTIR DA ÁREA”: A CARREIRA PROFISSIONAL EM FOCO: OS DESAFIOS FRENTE À REALIDADE PROFISSIONAL	79
4 A REDE ESTADUAL DE ENSINO E A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR EM SERVIÇO	83
4.1 “COMECEI FAZER UMA ESPECIALIZAÇÃO AQUI NA UESB”: A IMPORTÂNCIA DA UESB NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOS NOVOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	85
4.2 “EU FIZ OS CURSOS QUE O ESTADO OFERECIA”: A PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA POLÍTICA GOVERNAMENTAL NO PERÍODO DE 2003 A 2014 PARA OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	95
4.3 “O QUE MUDOU NA VERDADE FOI O PERFIL DOS CURSOS. ANTES NÓS TÍNHAMOS UMA PROVA NÉ?”: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	107
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	121

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu oficialmente em Dezembro de 2013, com a abertura do edital do Mestrado em Memória, Linguagem e Sociedade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, campus de Vitória da Conquista. Neste momento, iniciei as primeiras aproximações com a metodologia da história oral e a teoria da memória, contudo, acredito que o embrião desta pesquisa foi estabelecido desde a experiência na educação básica, com a disciplina pedagógica educação física.

No ensino médio tentei fazer parte do time de voleibol da escola. Sempre fui apaixonada pela cultura corporal¹, amava o movimento, mas nos treinos não conseguia jogar com o grupo ficando apenas na repetição da técnica. O grupo do voleibol feminino já tinha um repertório motor desenvolvido para esta modalidade. Eu, uma menina vinda de uma cidade pequena², onde não existia quadra na escola, não tinha adquirido os movimentos básicos para aprender jogar o voleibol. Como era irritante repetir um movimento sozinho e não viver a alegria do jogo, realizar um passe, marcar um ponto.

Não foi à experiência de sucesso com o esporte que contribuiu para a escolha profissional, muito menos o desejo de ser professor. Chegar em casa e ver a mesa repleta de livros e papéis, trabalhar 60 horas por semana, não era o sonho da adolescente. Esta era a realidade marcada em minha memória durante toda a infância e adolescência, filha de professora, irmã de professores.

O ano de 2004 marca o início do curso de Licenciatura em Educação Física, o campo educacional como *locus* de trabalho ainda não era o almejado. Ser professor até então, não era um desejo profissional. Naquele momento, a Educação Física que constituía minha memória era caracterizada ao momento do “baba”, os meninos jogam futsal e as meninas, quando muito, brincam de baleado. Esta educação física marcou toda minha vida escolar na educação básica.

¹ A cultura corporal é abordado no Coletivo de Autores (SOARES et al.; 1992, p.62), a partir da lógica Materialista-Histórico-Dialético, afirmando que “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade” Os temas da cultura corporal são: Jogos, lutas, esportes, ginástica e dança. Coletivo de Autores é a denominação dada aos seis autores do livro Metodologia do Ensino de Educação Física, publicado em 1992, pela editora Cortez.

² Aiquara, distrito criado com a denominação de Aiquara pelo Decreto Estadual nº 8143, de 08-09-1932, subordinado ao Município de Jequié, de acordo com censo do IBGE a cidade no ano de 2010 tinha 4.602 habitantes, e previsão para 4.767 habitantes em 2015. Vivi lá até 2001, com uma quantidade ainda menor de habitantes. Informação no site: <<http://cidades.ibge.gov.br/>>.

Por que a Educação Física? O curso de Licenciatura em Educação Física da UESB está lotado no Departamento de Saúde – DS, logo a Educação Física era o caminho para alcançar outros cursos: fisioterapia, enfermagem. Desejava um curso de maior status social, mas por outro caminho. Então pensei: vou para a Educação Física primeiro.

Aos poucos, o ambiente universitário proporcionou-me um maior conhecimento sobre a profissão do professor. Ser educador, estar no ambiente escolar passa a ser um desejo. Ser professor de Educação Física começa a se encontrar com a minha personalidade.

A universidade foi o espaço utilizado para aprender os conhecimentos específicos e pedagógicos do futuro professor de educação Física. A universidade não foi um espaço de passagem, mas um local que marcou a minha vida onde aproveitar todas as oportunidades que ela oferecia naquele determinado momento era a meta.

Ao receber o diploma, não me permiti ser outra coisa. A escola, a sala de aula, a quadra poliesportiva, são os ambientes que me realizam profissionalmente, então não é de se estranhar que o professor de Educação Física faça-se o ator principal desta pesquisa, especificamente as experiências de sua formação. Portanto, lembranças do passado possibilitaram-me a percepção mais nítida de que a educadora que sou veio nascendo e se construiu ao logo de tudo que vivi.

Foi o cenário cotidiano da educação física escolar, que tornou premente a necessidade de uma reflexão sobre a prática vivida. O primeiro contato com o espaço escolar, especificamente com a disciplina educação física, aconteceu durante os Estágios Supervisionados após primeiros 2 (dois) anos do curso. Até então, a universidade não tinha proporcionado uma maior aproximação dos futuros professores com o ambiente escolar.

Em conjunto com a professora de Estágio Supervisionado amadureci as reflexões que começaram a florir. Elaboramos um artigo relatando a experiência do Estágio Supervisionado I, construção que contribuiu para uma maior reflexão sobre o cenário da educação física escolar, e a formação inicial do professor de Educação Física³. Nesta pesquisa identifiquei as dificuldades encontradas para realização do estágio, dentre elas, “os muros da Universidade”, ou seja, a falta de aproximação entre universidade e escola. Era preciso estreitar esses laços.

Em outro estudo, agora já durante a especialização em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física Esporte e Lazer, oferecida pela Universidade Federal da Bahia no ano de 2010, debrucei-me sobre a formação inicial dos professores de educação física do estado da Bahia, no que tange aos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de Educação

³MORAES, E. V.; CABRAL, A. P.; SOUZA, L. N.; ALCANTARA, M. S. de. O Estágio Supervisionado nos cursos de Educação Física: um desafio presente nesta formação. *Dialogia*, São Paulo, v.7, n.2, p. 199-209, 2008.

Física das Universidades Públicas da Bahia, quatro estaduais (UESB, UESC, UEFS e UNEB) e duas federais (UFBA e UFRB)⁴.

Essas reflexões realizadas direcionaram-me a pensar no processo de qualificação profissional dos professores de educação física, especialmente as capacitações realizadas depois da graduação, a formação continuada, ou seja, passei a refletir sobre a capacitação daqueles que já dedicam tempo da sua vida à formação de jovens no interior da Bahia, especialmente, aqueles professores de educação física, concursados e que possuem uma estabilidade profissional.

Portanto, o presente estudo é direcionado para a memória em torno da formação continuada dos professores de Educação Física da rede de ensino estadual da Educação Básica do Estado da Bahia, especificamente, da NRE 22⁵.

A NRE 22 está localizada na cidade de Jequié, mesma cidade onde se encontra inserido o curso de Educação Física da UESB. Esta Universidade pública foi uma das pioneiras na formação dos primeiros professores de Educação Física no interior da Bahia. Até 1996, apenas a Universidade Católica de Salvador, Universidade Federal da Bahia e a Faculdade Montenegro cumpriam este papel, somente esta última é localizada no interior baiano, no entanto, faz parte da rede privada de ensino.

Nesse sentido, é de interesse precípua nesta dissertação descortinar a memória em torno da formação continuada dos professores de Educação Física da NRE 22, especificamente, de professores que atuam na cidade de Jequié/BA. Desta forma, busquei analisar as opções e escolhas destes profissionais quanto sua formação continuada, sobretudo, quais memórias motivaram estas escolhas bem como as lembranças em torno da formação continuada proposta pela rede estadual de ensino no período de 2003 a 2014. Período este, que compreende o governo de Paulo Souto e o Governo de Jaques Wagner, mandatos de partidos diferentes com propostas diferentes de formação.

Nesta perspectiva, após maiores aproximações com a teoria da memória e a realização da entrevista piloto, novos olhares foram direcionados ao objeto de estudo. Para entender a memória dos professores quanto à formação continuada foi importante traçar também a

⁴UESB: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; UESC: Universidade Estadual de Santa Cruz; UEFS: Universidade Estadual de Feira de Santana; UNEB: Universidade Estadual da Bahia; UFBA: Universidade Federal da Bahia e UFRB: Universidade Federal do Recôncavo Baiano.

⁵ NRE – Núcleo Regional de Educação possui sob sua área de jurisdição 16 municípios, são eles: Aiquara, Apuarema, Barra do Rocha, Boa Nova, Dário Meira, Gongogi, Ibirataia, Ipiaú, Itagi, Itagibá, Itamari, Jequié, Jitaúna, Manoel Vitorino, Nova Ibiá e Ubatã. Informação no site: <<http://nre22jequie.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>>. O presente estudo será realizado apenas com os professores de Educação Física do município de Jequié.

memória em torno da trajetória escolar e formação profissional, pois ajudam a pensar as escolhas da formação continuada.

Pensando nos fenômenos que envolvem a memória dos profissionais da educação física, estabeleci alguns objetivos específicos visando atingir a meta proposta neste estudo que é de compreender a temática aqui debatida, dentre os quais destaco: problematizar as circunstâncias que balizaram as escolhas dos professores em relação ao ingresso no curso de Educação Física, examinando suas experiências na educação básica, na educação familiar, bem como a ambiência do período; compreender o início da atuação profissional dos professores narradores e analisar o programa de formação continuada proposto pela rede estadual de ensino no período de 2003 a 2014, a partir das memórias dos professores de Educação Física.

Ao eleger as memórias como fio condutor deste estudo, parti da hipótese que as experiências da cultura corporal durante a educação básica podem ter influenciado as escolhas profissionais bem como as escolhas de formação continuada.

A memória é o vivido, a experiência. Para Thompson, em “A miséria da teoria” é a experiência que dá corpo a cultura e ao pensamento, “a experiência foi, em última instância, gerada na vida material. Foi estruturada em termos de classes, e conseqüentemente o ser social determinou a consciência social.” (THOMPSON, 1981, p.189).

Assim, para chegar à memória dos professores de Educação Física utilizei como metodologia de trabalho a história oral, escolhendo conhecer a trajetória e formação profissional bem como a formação continuada dos professores a partir dos seus relatos orais, ou seja, fundamentei a pesquisa nas entrevistas dos professores da rede estadual de ensino da cidade de Jequié, no sentido de conhecer a trajetória formativa desses professores. Seguindo os apontamentos de Portelli (1997), os relatos orais são documentos do presente sob a responsabilidade do entrevistado e do entrevistador, ou seja, é um documento do presente compartilhado.

Chamo a atenção ainda para os apontamentos de Alberti (2004), ao afirmar que a entrevista não é a própria história, ela é a fonte. Analisei e interpretei como uma fonte oral. Após a transcrição da entrevista, levantei perguntas e verifiquei como usufruir dessa fonte, tirando dela as evidências e os elementos que contribuiriam para resolver o questionamento da pesquisa.

As entrevistas é a fonte principal deste estudo e a essência da pesquisa serão as vozes dos professores narradores. As lembranças registradas em suas falas nos guiaram a entender o

percurso da formação continuada, abrindo um leque para conhecer as opções e escolhas de formação depois do período da graduação em Licenciatura em Educação Física.

Para a escolha dos sujeitos da pesquisa, inicialmente busquei o levantamento de todos os professores de Educação Física da rede estadual do município de Jequié no órgão responsável, NRE 22, no entanto, não alcancei estas informações, pois não existe uma organização no setor responsável, consegui apenas uma lista com alguns telefones e/ou e-mail dos professores que participam dos Jogos Estudantis da Rede Pública (JERP) e suas respectivas escolas de atuação.

O JERP (Jogos Estudantis da Rede Pública) é um evento que envolve um grande quantitativo de professores de educação física e ocorre todo ano, tornando necessário por parte do articulador dos jogos saber quais as escolas e os professores que irão participar desse evento.

Neste levantamento obtive o contato de 26 professores de 13 escolas. Na rede estadual de ensino em Jequié existe um total de 15 escolas, assim, apenas duas não estavam presente na participação do JERP, no entanto, quanto aos professores não consegui inferir o montante, caminhamos em busca desta informação e, ao mesmo tempo, iniciamos a primeira entrevista.

Parti do pressuposto que o tempo é um grande aliado no acúmulo de experiências de vida, onde então para iniciar o estudo realizei a entrevista piloto com o professor mais antigo da rede e que atua na escola mais antiga da cidade, CEEPRP – (Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão e tecnologia da Informação Regis Pacheco)⁶, localizada no centro da cidade.

Pretendia seguir esta lógica, realizar o estudo com os professores que tinham mais tempo de serviço, no entanto, este caminho predefinido necessitou de mudanças, primeiro porque no contato com os professores que lecionam há mais tempo não houve uma aceitação, justificando o desejo de não realizar a entrevista, uma vez que, a entrevista seria gravada e seu nome também seria revelado. Se fosse para preencher um papel, assinalar respostas estaria à disposição e outros não responderam o contato inicial.

Outra mudança necessária no percurso foi o mapeamento geral quanto à formação dos professores da Disciplina de Educação Física da NRE 22. Para isso, pretendia levantar um diagnóstico sobre dados específicos de cada professor, ano que concluiu o curso em

⁶ Instituição de ensino que durante sua trajetória passou por diversas modificações e denominações. Inicialmente no ato da criação em 14 de dezembro de 1948 sob a Lei nº 130 foi denominado Ginásio Público Régis Pacheco, mais tarde com a ampliação do seu espaço passou a ser designado como Instituto Régis Pacheco (IERP) e desde 2011 passou a ser chamado de Centro Educacional Profissional Regis Pacheco. Sua criação foi em 14 de dezembro de 1948, no entanto sua primeira aula inaugural só veio acontecer em 19 de março de 1952, neste momento o Governado do Estado era Régis Pacheco e o prefeito da Cidade Lomanto Júnior.

Licenciatura em Educação Física, curso de especialização e ano que iniciou a atuação na rede estadual de ensino.

Com esse diagnóstico em mãos, iniciaria a busca pelos professores colaboradores do estudo, contudo, não obtive estas informações. Ao deixar nas secretárias das escolas uma tabela para preenchimento, pouco retorno se obteve. Ficando para a pesquisadora a responsabilidade de encontrar cada professor a fim de levantar estas informações, entretanto, por questão de tempo não foi possível realizar tais visitas.

Não obtendo os dados de todos os professores com perfis desejados por mim, o foco principal dos entrevistados não poderia mais ser os docentes mais antigos. Então, definimos como critérios os educadores que tinham uma maior aproximação com a pesquisadora, buscando experiências diversificadas de formação inicial.

Neste novo caminho realizei o contato com 27 (vinte e sete) professores, 2 (dois) negaram participação, 2 (dois) estavam afastados de suas atividades, um com licença médica e outro em licença maternidade, 9 (nove) não responderam ao primeiro contato, 1 (um) durante o ato do agendamento e a data agendada veio a óbito em um terrível acidente automobilístico, 3 (três) não realizaram a entrevista pela dificuldade de encontrar uma data, de tal modo que realizei 11 (onze) entrevistas neste primeiro momento.

É importante salientar que a atitude durante o estudo foi de respeito total às negativas e às não resistências, por considerar o interesse e a disposição dos professores entrevistados fundamentais para iniciar o trabalho. Foram enormes os percalços que encontrei frente à construção do estudo, dentre eles cabe destacar a não colaboração de alguns professores que por motivos diversos, se negaram a colaborar com a pesquisa, mas dei sequência à mesma com a participação daqueles que prontamente se dispuseram a colaborar comigo no estudo acerca do tema em debate.

Os professores inicialmente foram contatados por telefone, rede social e nos locais de trabalho. Neste primeiro momento, discorria sobre os objetivos e metodologia do estudo, a fim de detectar os interessados em participar da pesquisa. Apesar de alguns apresentarem interesse inicial, outros contatos foram feitos até a confirmação e agendamento da entrevista.

As entrevistas ocorreram no período de abril a setembro do ano de 2014, sendo a maior parte realizada no mês de julho e nenhuma no mês de maio, junho e agosto. O primeiro mês corresponde o momento de análise da entrevista piloto. O mês de junho é o mês dos festejos juninos, portanto, momento de grande festa na cidade e recesso das escolas.

Em alguns casos, por existir um maior vínculo afetivo entre os envolvidos na entrevista, ou seja, do professor pesquisador (eu) e do professor entrevistado, os primeiros

diálogos ocorreram presencialmente e através da concordância do (a) entrevistado (a) foi possível realizar a gravação do diálogo. Muitos dos professores entrevistados apresentaram bastante interesse e entusiasmo no contato prévio. No dia agendado para a gravação o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado, deixando clara a necessidade de suas identidades serem reveladas.

É importante evidenciar a dificuldade do agendamento, muitas vezes, quando o professor apresentava entusiasmo de colaborar com a construção do trabalho existia uma dificuldade de encaixar na sua agenda nosso encontro.

No momento da entrevista apresentava novamente a proposta de trabalho e acentuava que se tratava de um diálogo que envolvia sua trajetória de vida e sua trajetória profissional, desde a formação inicial até as experiências profissionais, dando um foco principal nas suas escolhas e opções de formação continuada.

Os encontros para a gravação da entrevista foram resumidos na maioria das vezes, a um momento, apenas um professor precisou de um segundo encontro, em razão do tempo disponível ter extrapolado e ter outro compromisso. Remarcamos um segundo encontro, que partiu do ponto encerrado no primeiro momento. As entrevistas duraram na sua maioria 1 (uma) hora a 2 (duas) horas.

Ao final de cada encontro registrei em diário de campo às expressões faciais, gestuais, momento de silêncios ao reconstruírem suas memórias. É importante pontuar que estas anotações não aconteciam durante a construção do diálogo, neste momento perseguia na permanência de um ambiente confortável.

Devemos ficar atentos às entrelinhas. Para Portelli (1997, p. 34), “[...] a informação mais preciosa pode estar no que os informantes escondem e no fato que os fizeram esconder mais que no que eles contaram”. Neste sentido, é evidente a necessidade de olhar além da impressão inicial bem como as várias expressões das “linguagens do corpo” no momento da entrevista com a história oral, fato este que ficou bastante evidente no momento da concessão das entrevistas pelos professores.

A utilização do diário de campo é uma ferramenta fundamental nas entrevistas, outro ponto importante na história oral é à transcrição, já que neste momento aquilo que não foi dito na fala deve ser relatado, a entrevista não é palavra fria e descontextualizada, é necessário ouvir várias vezes as entrevistas, para compreender o que os entrevistados desejam mostrar. Portelli (1997, p. 22): [...] “no que me diz respeito, não revelaria quase nada de importante sobre minha vida a alguém que, ao conversar comigo, assumisse uma atitude neutra,

impessoal e distante”. Por que devo eu esperar que outros me falem de sua vida se eu não me mostro disposto a contar algo a respeito da minha?

Na construção da narrativa de cada professor entrevistado, me provi dos apontamentos de Portelli (1997), ao estabelecer que uma das condições do entrevistador foi constituir prioridade sobre o que os professores desejavam contar, ao invés de buscar alcançar suas aspirações, ou seja, valorizar o que o pesquisador deseja ouvir. Assim, as memórias dos entrevistados foram constituídas no contexto partilhado por todos envolvidos no andamento da entrevista.

Na análise, não busquei julgar o que é correto ou desnecessário, mas sim, atentar ao contexto geral, ou seja, busquei analisar o contexto social, político e a classe social de cada professor entrevistado. Parti do pressuposto que não posso obrigar o professor dar um determinado depoimento, no entanto, posso construir sempre uma estratégia de cooperação por livre e espontânea vontade.

Finalizando o momento da entrevista, dei início à transcrição das mesmas. Neste momento procurei perseguir o caminho mantendo sua originalidade, repetições e marcar características da oralidade ou mesmo inadequações de regência e concordância.

A memória revela singularidade e o tempo de cada narrativa sempre contextualizada e carregada de sentidos. Assim, a fonte principal do nosso estudo foi à memória dos professores de Educação Física, mas também me debrucei nos documentos escritos e produções escritas a fim de contextualizá-las. No estudo refleti sobre as trajetórias de formação, especialmente as opções e escolhas da formação continuada.

A memória não é só lembrar os fatos ou eventos que aconteceram e que de alguma maneira fizemos parte dele, seja como uma memória vivenciada ou uma memória adquirida, ela é uma avaliação, uma comparação. Daí o fato de na construção do estudo, refletir mais questões e dúvidas do que arriscar afirmações.

Neste contexto, o estudo se pauta nas elaborações de Halbwachs sobre a memória, na qual acredita-se que ela não é o passado tal qual aconteceu. “não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro” (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Os professores entrevistados ao contarem sua experiência de formação, lançam sobre ela olhares e reflexões que no momento vivido poderiam não existir, mas hoje com as experiências adquiridas no fluxo da vida os fazem analisar e apresentar as histórias contadas a partir do que são hoje. Os olhos que hoje olham para o passado e os contam, não são os mesmo que olhavam anteriormente, agora é carregado de avaliação e comparação.

Um ponto interessante a enfatizar na realização deste estudo, é que no momento das entrevistas não era apenas uma mestranda que estava levantando informações, sobretudo, era sua colega de trabalho. Aquela que nas reuniões estavam ombro a ombro com os professores de Educação Física da rede básica de ensino. Neste contexto, é importante frisar que mesmo sendo professora da secretaria de educação, o olhar sobre o objeto de estudo caminhava além das aparências, tinha como meta o particular na responsabilidade compartilhada da entrevista, o olhar envolvido na pesquisa era de um pesquisador e não de professor da disciplina.

Nas narrativas dos professores entrevistados, em muitos momentos foi possível me reconhecer nas memórias contadas, uma construção afetiva se formou, mas o olhar direcionado na construção da fonte da pesquisa não foi deixado de lado. Ainda que estivesse fascinada pelas memórias e com um olhar apaixonado pelas histórias, o olhar crítico e político estavam presentes na construção das fontes, como também na narrativa das memórias.

Neste sentido a narrativa como afirma Bosi (1994, p.88) “é a forma artesanal da comunicação. Ela não visa transmitir o ‘em si’ do acontecimento, ela tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma”. Durante a pesquisa os professores entrevistados são sujeitos históricos envolvidos no contexto social e esse contexto muitas vezes, pode acabar intervindo no que será contada e como será contada. Durante a construção da narrativa apresentam a vida e suas transformações durante os momentos vividos. E, enquanto sujeitos envolvidos no meio social, suas vozes podem ser silenciosas e/ou silenciadas.

Os professores entrevistados são sujeitos que pertencem a vários grupos sociais, e ao tecerem suas memórias particulares e singulares se situam no encontro de muitas memórias coletivas, ou seja, ao relatarem suas experiências de formação e apontarem suas opções e escolhas de formação continuada. O grupo de professores entrevistados estará sempre carregado da sua memória do grupo escolar, memória do grupo familiar, memória do grupo de estudantes de Educação Física, memória do grupo de professores da rede de Estadual de Educação, entre diversos outros grupos que cooperam para constituição deste ser individual, mas ao mesmo tempo coletivo.

Estas características são de todas as pessoas que compõe a sociedade, têm relação com vários grupos e trazem o específico de cada um, como pontua Halbwachs (2003 p.42).

Por isso, quando um homem entra em sua casa sem estar acompanhado por ninguém, sem dúvida durante algum tempo “ele andou só”, na linguagem corrente – mas ele esteve sozinho apenas na aparência, pois, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam por sua natureza de ser

social e porque ele não deixou sequer por um instante de estar encerrado em alguma sociedade.

Na análise e interpretação das entrevistas levantadas, parti da premissa de que a memória individual de cada professor entrevistado é o ponto de vista sobre a memória coletiva deste grupo, não sendo fixa, mas sempre em movimento, ou seja, muda consoante o lugar social ocupado pelo mesmo. Dito de outra forma, ao apresentarem suas memórias os professores avaliaram e julgaram conforme o pensamento que está constituído hoje, eles avaliaram suas histórias e nos contam conforme o que pensam atualmente e não necessariamente é como pensavam outrora.

Concordamos com as ideias de Halbwachs (2003) ao defender o caráter construtivo da memória social, no qual o mesmo cita que a nossa memória não é uma reprodução das experiências passadas, mas é uma construção que se faz a partir delas no presente. Ancoramos novas experiências aos conhecimentos preexistentes e assim, construímos nossa imagem sobre os fatos.

A percepção dos sujeitos é particular, já que a sua capacidade de discernir é carregada pelos significados de tudo que o envolve, ou seja, o significado dado às situações é consequência de suas crenças, experiências, valores e papéis sociais inerentes ao grupo social. A memória é a reconstrução de uma trajetória individual entrecruzado com suas experiências e as experiências de outros.

Durante a entrevista, ainda que fisicamente só estivessem presente à pesquisadora e o professor entrevistado, a constituição da entrevista só foi possível porque suas memórias são ancoradas em todas as experiências que deixaram marcas e ainda podem ser lembradas. Assim, a memória coletiva dos professores da Rede Estadual de Educação, especialmente, os professores de Educação Física da NRE 22 que lecionam em Jequié, quanto suas opções e escolhas de formação continuadas são baseadas em todos os grupos coletivos que fizeram e ainda fazem parte de suas vidas.

É importante frisar que o grupo de professores entrevistados possui uma aproximação com a realidade o que contribuiu para que os fatos lembrados sejam carregados de sentido e significado vivo na memória. Os professores vivem no dia a dia, a experiência escolar e ainda se percebem professores de Educação Física no espaço da NRE 22, logo não se distanciaram desta realidade. Como afirma Halbwachs (2003, p.37) “Esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam”.

Como o presente estudo objetivou desvendar as opções e escolhas de formação continuada dos professores, sendo as vozes dos mesmos o ponto crucial na pesquisa, trilho o

caminho da metodologia da história oral temática, especialmente os apontamentos de Portelli: a) as escolhas profissionais; e b) a formação continuada.

Os estudos de Portelli contribuíram para a elaboração e constituição das entrevistas, especialmente, a análise do âmbito da subjetividade como afirma o mesmo ao dizer que; a subjetividade é a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e dos fatos orais narrados, sendo mais do que uma interferência. Destaco que a minha análise se deram na visão e versão mais profunda da experiência narrada, buscando não apenas interpretar os fatos relatados, mas também o silenciado pelo professor.

O entrevistador, mesmo considerando o momento da entrevista como uma construção compartilhada tem um papel primordial para a construção das fontes orais, já que estas dependem largamente do que os entrevistadores põem em termo das questões, diálogos e relações pessoais. O narrador e pesquisador são impelidos para dentro da história e se tornam parte da história.

Durante a realização desta pesquisa especificamente, durante a gravação das entrevistas, foi possível perceber um ambiente de igualdade na diferença. De acordo com Portelli (1997), somente a igualdade na diferença nos prepara para aceitar a diferença, partindo do pressuposto que sem diferença não há igualdade, apenas semelhança. Assim, no trabalho com a história oral tentei construir uma igualdade sobre as diferenças dos envolvidos, considerando a igualdade enquanto um elemento que torna a entrevista aceitável e somente a diferença faz a entrevista relevante.

O grupo de professores que compõem este estudo compartilha aspectos em comum e também tem suas diferenças. Por isso, agrupei em dois grupos, o primeiro inicia sua vida universitária anterior aos anos 2000 e o segundo ingressa na Universidade após este período.

Desta maneira, o texto é dividido em três capítulos, o primeiro capítulo tem como título; **a escolha profissional na memória dos professores que iniciaram sua formação nas décadas de 80 e 90**, neste capítulo a memória dos professores-narradores é apresentada a partir dos fatos rememorados daqueles que tiveram a experiência de iniciar a Licenciatura em Educação Física até a década de 90. A intenção é problematizar as circunstâncias que balizaram as escolhas dos professores em relação ao ingresso no curso de Educação Física, examinando suas experiências na educação básica, na educação familiar, bem como a ambiência do período. Além disso, analisamos características da Educação Física no interior da Bahia, destacando as experiências narradas pelos professores desde o ambiente universitário até a atuação profissional, não almejando construir uma história única da Educação Física no interior.

No segundo capítulo, abordarei **a memória da Educação Física na trajetória de formação dos professores entrevistados que iniciaram sua graduação a partir dos anos 2000**. A memória dos professores-narradores é apresentada a partir dos fatos rememorados daqueles que tiveram a experiência de iniciar a Licenciatura em Educação Física a partir dos anos 2000. A intenção foi compreender o processo de rememoração dos professores narradores, englobando três momentos distintos de formação: a experiência com a educação básica, experiência no ambiente universitário e o início da sua atuação profissional.

E por fim, abordarei no terceiro e último capítulo **A rede estadual de Ensino e a formação continuada do professor em serviço**, na qual debruçarei a minha análise nas memórias dos professores de educação física a partir do momento que alcançam a estabilidade financeira, ou seja, passam a fazer parte do quadro de professores efetivos da rede estadual de ensino. A intenção será problematizar a realidade vivida por estes professores e quais os caminhos trilhados quanto à formação continuada, bem como, enfatizar as propostas de formação oferecida pela rede estadual de ensino no período de 2003 a 2014.

2 ESCOLHA PROFISSIONAL NA MEMÓRIA DOS PROFESSORES QUE INICIARAM SUA FORMAÇÃO NAS DÉCADAS DE 80 E 90

Início a presente seção apresentando os atores principais deste estudo. No presente quadro identifiquei e caracterizei o período de formação, o ano de início da atuação na rede básica de ensino, a escola em que atua e o curso de especialização realizado pelo professor entrevistado. Estas informações têm como pretensão auxiliar na compreensão da importância de cada professor ter buscado em suas memórias, certos acontecimentos e desprezado outros, ou seja, dão um significado detalhado de um determinado evento em detrimento de outros.

Tabela 1. Identificação e caracterização dos professores-narradores

Identificação	Universidade que realizou o curso de Licenciatura em Educação Física	Ano que iniciou na rede estadual de Educação	Escola que Atua	Exercício em outra atividade remunerada fora do magistério	Pós-Graduação
Alberto José Andrade Ferreira	UCSAL – 1984 -1987	1990	CEEPRP	Até 2005 em academias de ginásticas	Especialização Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte – UESB (2012)
Eduardo Costa Vieira	Faculdade Montenegro – 1994 - 1998	2001	Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira	Escolinha de Iniciação do Futsal	Especialização Atividades Físicas para população Especiais – UESB (2001)
Luciano Ferreira Bittencourt,	UESB 1997 -2001	1999 - 2002	Colégio Estadual Luiz Viana Filho	Não	Especialização Atividades Físicas para população Especiais – UESB (2003)
Emerson Carlos Pain	UESB 1998 -2002	2007	Escola Estadual	Preparador Físico de	Especialização Atividades Físicas

			Professora Florípes Sodré	Times de Futebol	para população Especiais – UESB (2003)
Suzyanne de Almeida Pereira Munaro	UESB 1998 - 2002	2002	Colégio Estadual Luiz Viana Filho	Não	Especialização Atividades Físicas para população Especiais – UESB (2002)
José Gonçalves Lopes Junior	UESB 1998 -2002	2002	Colégio Estadual Luiz Viana Filho (vice-diretor) Colégio Estadual Mary Rabelo (Professor)	Instrutor de Esporte de Quadra do Serviço Social do Comercio	Especialização Metodologia do Ensino da Educação Física – UESB (2003) Especialização Metodologia do Ensino Superior – UESB (2004)
Rogério Santos Teixeira	UESB 1999 - 2003	2007	Colégio Estadual Mary Rabelo	Academia de Ginástica	Especialização Educação Física Escolar – EAD (2010) Especialização Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte – UESB (2012)

Fonte: Entrevistas e currículo lattes dos mesmos.

O grupo de professores que compõem este estudo compartilha de aspectos em comum e também tem suas diferenças. Por isso, agrupamos em dois grupos, o primeiro inicia sua vida universitária anterior aos anos 2000 e o segundo ingressa na Universidade após este período, neste momento apresentaremos a memória de formação do primeiro grupo.

O primeiro grupo em alguns momentos foi subdividido em 2 (dois), pois como apresenta o quadro acima, dois professores, Alberto Ferreira e Eduardo Vieira, realizaram sua formação superior em instituição distinta, ou seja, estes professores fizeram sua graduação do Curso de Licenciatura em Educação Física na rede privada de ensino, ocorrendo em períodos

e locais distintos bem como, os momentos históricos. É importante destacar que quando estes professores iniciaram seu curso de licenciatura em Educação Física nas Universidades privadas, nas universidades públicas do interior da Bahia ainda não contavam com o curso de Licenciatura em Educação Física.

O professor Alberto Ferreira residiu durante toda a sua infância e adolescência na cidade de Jequié/BA, concluindo o ensino médio nesta cidade, mudando-se para a capital com a finalidade de dar continuidade aos seus estudos, agora, no nível superior em uma Universidade privada no curso de Educação Física, uma vez que, em Jequié não existia o curso de Licenciatura nesta área. Assim que o professor concluiu o seu curso, retornou para sua cidade natal e começa a atuar como professor de Educação Física, experiência esta, marcada pelo período da segunda metade da década de 70 e década de 80 do século XX.

O professor Eduardo Viera tem a sua vida escolar na educação básica demarcada durante a década de 80 e início dos anos 90 do século XX, e a experiência no ambiente universitário a partir da segunda metade dos anos 90. Este professor também viveu a sua infância e adolescência na cidade de Jequié, e quando termina o ensino médio a família passa a residir na cidade de Ilhéus-BA, situação que favoreceu seu ingresso no curso de Educação Física na Faculdade Montenegro, instituição privada, sendo esta instituição a primeira a ofertar o curso de Licenciatura em Educação Física em solos do interior baiano.

Todos os outros professores são egressos do curso de Licenciatura em Educação Física pela UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), e experimentaram o mesmo período universitário, ainda que sejam de turmas diferentes. Luciano Bittencourt é da primeira turma, Suzyanne Munaro, Emerson Paim e o José Junior são da segunda turma e Rogério Teixeira terceira turma. Todos iniciaram o curso antes do ano 2000 e experimentaram o processo de implementação do curso.

Neste capítulo, a intenção foi problematizar as circunstâncias que balizaram as escolhas dos professores em relação ao ingresso no curso de Educação Física, examinando suas experiências na educação básica, na educação familiar, bem como a ambiência do período. Além disso, analiso características da Educação Física no interior da Bahia, destacando as experiências narradas pelos professores desde o ambiente universitário até a atuação profissional, pois estas memórias ajudam a pensar as escolhas de formação continuada quando não são mais estudantes e sim professores de educação física.

No entanto, para melhor entendermos o panorama da formação em Educação Física, vivenciado pelos professores entrevistados, cabe introduzir brevemente a expansão da formação em Educação Física no interior da Bahia⁷.

A Implementação do primeiro curso de Educação Física na Bahia se deu na Universidade Católica de Salvador (UCSal) em 1973. Anterior a este período, Ferraro (1991) aponta que a formação em Educação Física ocorria no Rio de Janeiro, estudantes eram enviados para estudar inicialmente, na escola do Exército e a partir de 1940 eram enviados para ENEFD, (Escola Nacional de Educação Física e Desporto). Até a implementação do primeiro curso de formação superior em Educação Física Ferraro (1991) assinala que, 90% dos que atuavam na área eram leigos⁸ e quando muito eram credenciados para assumirem a profissão com cursos de curta duração.

Pires (2009) afirma que a formação profissional consubstanciada pela Universidade Católica de Salvador (UCSal) procurou obedecer fielmente à Política Nacional de Educação Física e Esportes, onde recomendava que os trabalhos na área de Educação Física no Brasil teriam como objetivos centrais a melhoria da aptidão física da população, o grande aumento da participação estudantil e popular em práticas desportivas e o aprimoramento técnico dos desportistas.

Esta formação proporcionada inicialmente na Bahia é afirmada pelo professor Alberto Ferreira, quando nos conta seu período de formação inicial. Sua memória é marcada pela experiência de um curso voltado para área fitness e as disciplinas relacionadas à modalidade esportiva. “[...] *tinha ginástica 1,2,3,4 e 5, tinha cinesiologia forte, tinha musculação mesmo*”. “*Oh! Por eu ter sido atleta tudo ficou mais fácil*”, também pontua sobre a metodologia:

Qual a metodologia que você naquela época não, não era assim que se falava, lá falava iniciação esportiva, então você vai dar iniciação, como você vai iniciar com seus alunos? Como é que você vai colocar ele para fazer? Tocar a bola, qual é a posição? Como é que você vai fazer a punhadura da bola? Como é que você vai? Quais são os exercícios que você pode fazer em cima da punhadura, né? Qual o tipo de método? Hoje fala é método analítico, método global, não sei o que. Antigamente não, era assim como é que você pode colocar seu aluno para ele entender que o movimento tem que

⁷ É importante salientar que não almejo dar conta da história da implementação dos cursos de Educação Física no território baiano, mas sim compartilhar questões importantes para compreender o cenário vivenciado pelos professores entrevistados quando pontua sua experiência de formação. Estudos de Ferraro (1991), Pires (2003), Pires (2006) e Pires (2008), Pires; Junior e Marta (2014) apresentam o panorama da história de implementação da Educação Física na Bahia.

⁸ O autor apresenta a palavra leigo, no entanto, acredito que o olhar do autor foi equivocado ao utilizar a denominação de leigos para os professores não licenciados.

ser feito desta forma, se não for desta forma, vai ser um erro técnico, um erro técnico.

O professor Alberto Ferreira, realizou a sua formação inicial em 1984, momento que demonstra que na Bahia só UCSal, oferecia a formação em Licenciatura em Educação Física. Mais de 10 anos se passaram da implementação do curso em Educação Física, no entanto, as características de formação pontuada por Pires (2009) ainda estavam presentes.

Pires; Junior e Marta (2014), apresenta um interessante apontamento sobre este modelo de formação, o curso da UCSal surge baseado no modelo de formação da ENEFD e esta foi a instituição que formou a grande maioria dos docentes do curso de Licenciatura em Educação Física da UCSal, então é de se esperar que a sua estrutura de currículo foque nos aspectos técnicos e esportivos, além do peso das disciplinas da área biomédica.

Corroborando a isso, Pires; Junior e Marta (2014, p. 219), também enfatiza para a necessidade de mudança no currículo, buscando abraçar as novas discussões da Educação Física, “o professor Georgechoama afirma que, já no ano de 1975, propôs alterações em sua estrutura, inclusive de acabar com o exame físico, sendo visto como ‘uma bobagem’, no entanto, as mudanças ocorridas não foram na essência e a dinâmica curricular existente não aconteceu”.

Situação também reafirmada pelo professor Alberto Ferreira, que inicia seu curso em 1984, entretanto, o mesmo relata seu período universitário com grande influência das disciplinas com base nas Ciências Biológicas e de cunho técnico-desportivo.

O movimento de mudança curricular proposta pelo professor Georgechoama, vem ancorada na situação em que o Brasil estava passando e conseqüentemente, a educação física também. Germano (1994) aponta que o período de 1975 a 1985 é configurado como sendo um período de “crise de legitimidade do Regime Militar, e neste contexto surge os Planos Nacional de Desenvolvimento (PND), que almejava uma melhor distribuição de renda e uma maior participação econômica e política das classes trabalhadoras no País”. Com este novo contexto social, as políticas educacionais começam ser refletidas e conseqüentemente, mudanças passam a ocorrer.

Conduzida por este movimento educacional, a educação física entrou na chamada “crise de identidade”, o contexto da década de 1970, todos os ideais de transformar o Brasil em uma potência olímpica não se tornou uma realidade, fato que provocou uma profunda crise de identidade nos pressupostos da Educação Física brasileira.

De acordo com Paiva (2004, p.54) “os anos 70 e 80 caracterizam novos caminhos para área, com a implementação da pós-graduação e/ou com ‘a crise’ da educação física. Medina

(1995) aponta que os métodos de ensino começam sofrer influências de movimentos “humanistas” e também a década de 80 culminou numa importante produção teórica, até então, não vista no Brasil. Ou seja, presenciamos na educação física uma mudança no modelo de educação proposta, já que até a década de 1970, ela esteve aprisionada a paradigmas cientificista e ao modo positivista de fazer ciência. (DAÓLIO, 2003).

Acompanhando este movimento em meados da década de 80, algumas instituições de ensino superior que formavam profissionais em Educação Física “implementaram novas propostas curriculares, procurando formar o aluno numa perspectiva mais ampla⁹” (DARIDO, 2003, p.28). No entanto, apesar destes debates, “a prática docente permaneceu fortemente ancorada no paradigma da aptidão física e esportiva” (PAIVA, 2004, p.73).

Neste contexto, é claro que mesmo com tentativas de mudanças no currículo, ainda são evidenciados o esporte e a aptidão física como sendo elementos centrais na formação dos professores de Educação Física que cursavam o curso da UCSal, no período vivenciado pelo professor entrevistado, sendo esta a única universidade que até o momento cumpria este papel na Bahia. Formação que seguia ainda os objetivos da formação do corpo físico, seja ela, do melhoramento da aptidão física ou da formação esportiva, sabendo que para ser um bom jogador também era necessário ter um bom desenvolvimento físico, logo à formação dos futuros professores de Educação Física na Bahia no final da década de 80, ainda seguia os princípios da década de 70, momento da implementação do curso.

O professor Alberto Ferreira, ao passar no vestibular, de imediato foi na capital, já que tinha familiares seus que residiam lá, o que facilitou a sua estadia na capital até concluir o seu curso. Já para o professor Luciano Bittencourt as coisas não foram tão fáceis assim. Só foi possível fazer o tão sonhado curso de Educação Física, quando esta graduação passa a existir na grade curricular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) na cidade Jequié, cidade esta, onde o mesmo residia. *“Eu não tinha condição de morar, na época só existia educação física em Salvador, eu não tinha estrutura, minha família não podia me bancar lá e eu não tinha condição de ir.”*

O professor Luciano Bittencourt termina o ensino médio em 1991. Neste período, aqueles que desejavam cursar Educação Física não tinham muitas alternativas, ou deslocava-se para a Salvador ou para Ibicarai. Frente a este panorama, muitos desistiam ou adiavam seus sonhos. *“Bom! Eu fiz letras, por que era a única opção que eu tinha na verdade. Eu queria*

⁹ Formação mais ampla aqui é considerada como aquela que acontece a fim de escapar de modelos da formação de professores de Educação Física que reproduzem em suas práticas pedagógicas uma visão totalmente esportiva, competitiva, individualista e sem fundamentos teóricos (DARIDO, 2003).

continuar estudando, só que a minha primeira opção era educação física, não existia educação física”.

Deste modo, o professor relata a sua preferência pelo curso de educação física apesar de o mesmo não existir na sua cidade ainda e não dá condições econômicas de se manter na capital baiana, ficando evidente que na sua memória só era possível fazer tal curso em salvador, esquecendo-se de outras possibilidades, como por exemplo, fazer em outra cidade do interior, ou até mesmo em outro estado.

No momento pontuado pelo professor Luciano Bittencourt, na Bahia existiam apenas três possibilidades de cursar Educação Física, embora o professor não se recorde da Faculdade Montenegro, na cidade de Ibicaraí. Em 1989 temos o primeiro curso de Educação Física no interior da Bahia, este oferecido por uma instituição privada. É importante ressaltar neste contexto que no início dos anos 90 ainda no interior da Bahia, não existia formação em Educação Física em Universidades Públicas.

Pires (2009) sobre a interiorização do ensino da educação física na Bahia que afirma que:

Em 1989, a Faculdade Montenegro cria o primeiro Curso de Educação Física no interior do Estado da Bahia, na cidade de Ibicaraí. Todavia, podemos considerar, em grande medida, que a efetiva expansão e conseqüente interiorização da Formação Profissional em Educação Física na Bahia foi consolidadas pelas Universidades Públicas Estaduais (PIRES,2009, p. 30).

Dentre os professores entrevistados um, é advindo desta experiência de formação. Em 1994 o professor Eduardo Vieira inicia seu curso de formação na Montenegro, o mesmo morava no sul baiano, o que possibilitou o seu deslocamento, como afirmado anteriormente. Residia em Ilhéus-BA e a faculdade ficava a uma distância de 70 km, *“eu ia [...] é são 70 km, eu ia e voltava todos os dias”.*

Dito de outra forma, no panorama baiano o primeiro curso de Educação Física surgiu na década de 70, o segundo só passa a existir em 1988 e o terceiro em 1989, surgindo assim, anos depois do primeiro, mas dessa vez no interior, na cidade de Ibicaraí.

Sobre a implementação do curso de Educação Física pela Faculdade Montenegro é bastante escassa a publicação de material que aborda a fundação do curso. Infelizmente os estudos encontrados pontuam apenas a existência desta faculdade, ano de implementação, mas falta um maior aprofundamento sobre as motivações para seu surgimento, bem como o caminho trilhado até a chegada da sua implantação.

A primeira Universidade Pública a oferecer o curso de Educação Física foi a Universidade Federal da Bahia – UFBA, tendo dado início no ano de 1988, ou seja, o curso da UFBA é o segundo curso de Educação Física no estado da Bahia. A formação superior em Educação Física na Bahia estava debutando, completando seus 15 anos de implementação.

Sobre este assunto Pires (2009) destaca que a UFBA (Universidade Federal da Bahia), nasceu apontando para um modelo diferenciado de formação, talvez influenciado pela unidade de instalação na Faculdade de Educação, o convívio com outras áreas de conhecimento pode ter possibilitado um alargamento na perspectiva formativa.

Mesmo com a materialização do primeiro curso de Educação Física no interior do Estado da Bahia, Pires (2009) considera que a efetiva expansão da Formação Profissional em Educação na Bahia foi consolidada a partir da segunda metade da década de 1990. Todas as Universidades Estaduais baianas começam ofertar o curso de Formação de Professores de Educação Física. Até a primeira metade da década de 90 a experiência possível de formação na Bahia estava restrita a estas três possibilidades apresentadas anteriormente.

Atualmente, no interior baiano a Formação de Professores de Educação Física é oferecida pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB¹⁰; Universidade do Estado da Bahia – UNEB¹¹; Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como o nome deixa claro, esta Universidade fica localizada no município de Feira de Santana¹². Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, implementa o curso em 2004, contemplando cidades do Sul da Bahia, Itabuna e Ilhéus e a Universidade do Recôncavo Baiano – UFRB¹³.

¹⁰ O Curso de Educação Física da UESB está no campus de Jequié, Em julho de 1996 foi criado o curso, reconhecido pelo dec. 8565, DOE 14 e 15/06/2004, o curso está lotado no Departamento de Saúde – DS e tem como objetivo a formação do profissional para atuar na pré-escola, ensinamentos fundamental e médio e na educação superior, possibilitando também, aquisição de conhecimentos genéricos na área não formal (academias, condomínios, associações desportivas, clubes, centros sociais urbanos, clínicas e outros). Informação retirada do site: <http://www.uesb.br/catalogo/cga-csa.asp>.

¹¹ Na UNEB o curso de Educação Física está presente no Campus II (Alagoinhas), funcionando no turno matutino, no Campus IV (Jacobina), funcionando no turno matutino e no campus XII (Guanambi) funcionando no turno diurno, sua implementação iniciou na cidade de Guanambi no ano de 1999 e no ano de 2004 expande essa oferta com a criação do curso em Alagoinhas e Jacobina, e atualmente no campus X, Teixeira de Freitas. Informação retirada do site: <http://www.uneb.br/institucional/a-universidade>.

¹² O curso de Licenciatura em Educação Física faz parte do Departamento de Saúde, com algumas disciplinas ligadas ao Departamento de Educação. Informação retirada do site: <http://www.uefs.br/portal/ensino/graduacao/cursos>. O curso passou a ser pensando a partir da necessidade de professores de Licenciatura em Educação Física no estado da Bahia e especificamente no município de Feira de Santana, começou a funcionar no primeiro semestre de 1997 e obteve o seu reconhecimento através do Parecer nº 198/2004, do Conselho Estadual de Educação da Bahia, em 05 de julho de 2004 e do Decreto nº 9150, de 28 de julho de 1995, do Governo do Estado da Bahia, publicado no Diário Oficial da União de 29 de julho de 2004 (UEFS, 2008).

¹³ Em 23 de dezembro de 2009 foi criado pela Resolução nº. 035/2009 o curso de Licenciatura em Educação Física, campus Amargosa, começou a funcionar em 2010, com oferta de 50 vagas no turno noturno Informação retirada do site: <http://www.ufrb.edu.br/cfp/index.phd/cursos/cursos>.

De acordo Pires (2009), a criação dos Cursos de Formação de Professores de Educação Física nas Universidades Estaduais baianas, foi resultado de uma longa experiência de debates e da ausculta nas comunidades locais, mas com a justificativa central no atendimento de demandas reprimidas e carências profissionais nas regiões de instalações dos cursos.

Quanto à carência profissional, o professor Alberto Ferreira expõe que em 1990 quando prestou concurso para a DIREC 13, atual NRE 22¹⁴ o número de aprovados não supriu a necessidade de professores. *“Tinham 4 vagas, só passaram 3 pessoas, de 6 que fizeram só passaram 3”*. Até este momento a expansão dos cursos de Educação Física não tinha chegado ao interior baiano, o que de certa forma, justifica o quantitativo de inscritos.

Atualmente, presenciamos outra realidade. Os concursos oferecem vagas e a concorrência é cada vez maior, já que a cada ano estas universidades tanto as públicas quanto as privadas têm lançado grande quantidade de profissionais formados em Educação Física no mercado de trabalho. (PIRES, 2009).

Pires (2009, p. 30) analisa os cursos de Educação Física das Universidades Estaduais como uma continuidade de um perfil de formação de Professores de Educação Física iniciado pelo curso da UFBA.

Partindo-se da análise dos projetos de criação dos cursos de Educação Física das Universidades Estaduais baianas, podemos observar que na UESB, UEFS, UNEB e UESC, todos eles, em maior ou menor medida, assumem a continuidade de um perfil de formação iniciado na Bahia pelo Curso de Educação Física da UFBA. Esse resultado, a nosso juízo, é fruto de uma combinação de fatores, quais sejam: abrigarem-se em uma estrutura pública de ensino, sobretudo em um ambiente universitário; contar com professores (concurados) egressos do Curso da UFBA, o que favoreceu uma orientação parecida com a formação recebida; estarem orientados pela mesma legislação referente à formação Profissional em Educação Física no Brasil, 03\87 e pelas Diretrizes Nacionais; na elaboração dos seus projetos, consultorias dadas por professores do quadro docente da UFBA.

Então, o que se presencia na Bahia é a expansão da formação de Professores de Educação Física a partir da segunda metade da década de 1990 do século XX, especialmente em solos do interior com o intuito de atender as demandas das regiões. Como este estudo terá como foco a região de Jequié, a maioria dos professores entrevistados é advindo da formação

¹⁴ O Governo do Estado publicou, no Diário Oficial do dia 31 de dezembro de 2014, o Decreto nº 15.806, de 30/12/2014, dispondo sobre a organização territorial dos Núcleos Regionais de Educação, a partir da extinção das Diretorias Regionais de Educação (DIREC).

proposta pela UESB, os que não são egressos desta universidade iniciaram sua graduação anterior ao período de implementação do curso de Licenciatura em Educação Física, até a primeira metade da década de 90.

Abordarei a seguir, por meio das memórias narradas pelos professores entrevistados, a Educação Física que perpetuou durante as suas experiências na Educação Básica. O esporte no ambiente escolar aparece enquanto um elemento importante para os entrevistados durante a educação básica.

Desta forma, as escolhas do curso de Educação Física pelos professores entrevistados, se deram através da grande influência que os mesmos sofreram quando alunos da rede básica de ensino por volta dos anos 80 e 90 períodos, marcado pela forte presença do militarismo que naquele momento ainda era bastante visível, fatos que acabaram colaborando para produzir seus efeitos na memória destes professores que justificam suas ações e escolhas dentre elas, a preferência da própria profissão. Em outras palavras, a opção da profissão, no caso destes atores, baseou-se fortemente em uma memória afetiva que remonta a um relativo “sucesso” no esporte escolar.

2.1 “FUI ATLETA POR CAUSA DA ESCOLA”: EDUCAÇÃO FÍSICA CERCADA PELO AMBIENTE SOCIAL ESPORTIVO

Quando eu comecei na 5ª série no CAP, eu estudei da 5ª até o 3º ano no CAP, então quando eu entrei na 5ª série a educação física, eu me lembro que tinha um professor na 5ª série que era militar, tinham poucos profissionais de Educação Física nessa época, isso foi em... eu entrei no CAP, 86¹⁵.

[...] como é que funcionava, nós tínhamos as aulas de educação física e na aula de educação física era identificada aqueles alunos que tinham um pré disposição pra uma determinada modalidade esportiva, aí havia paralela a aula de educação física havia as turmas de esportes que funcionava no ginásio de esportes entendeu? E os alunos que eram selecionados pra prática desportiva eram liberados das aulas de educação física, existia esse detalhe, então assim eu cheguei a fazer parte da turma de voleibol, cheguei a treinar o voleibol e tal¹⁶.

Os fragmentos colocados em epígrafe destacam a memória da Educação Física na educação básica na década de 80 e 90. Os professores Eduardo Vieira e Luciano Bittencourt, retratam os resquícios militares e a prática da Educação Física direcionada as modalidades

¹⁵ Entrevista concedida a autora por Eduardo Costa Vieira em 11 de Setembro de 2014 na cidade de Jequié – BA.

¹⁶ Entrevista concedida a autora por Luciano Ferreira Bittencourt em 12 de setembro de 2014 na cidade de Jequié-BA.

esportivas. Os relatos destes professores colocam em posição de destaque a memória em torno da prática esportiva em suas experiências escolares e, em menor grau, a presença da influência militar.

Segundo estudiosos após Segunda Guerra Mundial a influencia militar, especialmente a ginástica, perde sua hegemonia e o esporte é a cena principal da Educação Física Escolar. Bracht (1999) afirma que após a Segunda Guerra Mundial o esporte ganha a cena da Educação Física Escolar. O cenário esportivo é forte na memória dos professores entrevistado, mesmo com questionamentos no meio intelectual a partir da década de 80 e 90 do século XX, a experiência esportiva no ambiente escolar é sinônimo de educação física.

A partir da década de 80 do século passado, surgem muitas discussões acerca da Educação Física. Para Caparroz (1997) a análise operada pelos intelectuais deste período aponta para um movimento autointitulado renovador da Educação Física brasileira. Foram questionadas as influências médicas e militares que marcaram sua inclusão na escola, assim como sua subordinação a instituição esportiva.

E com o intuito de romper com essa vertente tecnicista, esportivista e biologicista da Educação Física surge novas propostas pedagógicas para área, buscando um olhar crítico para as práticas da Educação Física Escolar no intuito de compreender o homem em sua totalidade. CASTELLANI FILHO (1998).

Um traço comum entre as memórias¹⁷ apresentadas dos professores entrevistados é a presença ilustre do esporte enquanto único conhecimento da educação física e alguns resquícios desta área ligada ao militarismo, evidenciando, portanto, a memória individual dos professores de Educação Física que o esporte é um elemento fundamental para sua formação na educação básica. Os traços comuns das interações sociais do grupo de professores de Educação Física têm em suas experiências corporais à prática esportiva, enquanto um elemento primordial para a Educação Física Escolar.

O grupo de professores que apresentam suas memórias para a construção deste estudo, ou seja, os professores-narradores experimentaram a formação inicial em Licenciatura em Educação Física até a década de 90, e serão aqui denominados também, como alunos/atletas¹⁸.

As aulas Educação Física destes professores entrevistados predominavam na prática de uma modalidade esportiva no contra turno, melhor dizendo, os professores apresentam como

¹⁷ É importante salientar que ao afirmar que apresento a memória individual dos professores entrevistados, parto do princípio que a memória individual é o ponto de vista da memória coletiva, conforme cita Halbwachs (2003).

¹⁸ Alunos/Atletas aqui neste estudo serão aqueles professores que durante sua vida escolar tiveram uma experiência de sucesso nas aulas de educação física, caracterizando o grupo de alunos que eram selecionados para representar a escola nos jogos escolares e ao final terem o sucesso de uma medalha.

ponto em comum a participação nos jogos escolares. Eles não eram apenas alunos da escola, eles eram os atletas que levavam o destaque da escola nas experiências dos jogos escolares.

As recordações individuais nos dão pistas para compreender as características das aulas de Educação Física no interior da Bahia no período da década de 80 e 90 e, como estas experiências escolares foram de suma importância para as escolhas profissionais, estas recordações como diria Halbwachs, coletivas.

É compreensivo que este caminho que começa se abrir não implica no desaparecimento total dos caminhos trilhados anteriormente, fato que nos faz perceber que a história não se faz de forma linear, o surgimento de algo novo não contribui para o desaparecimento total de práticas antigas.

Fato que pude reconhecer nos depoimentos apresentados pelos professores entrevistados. A educação física, enquanto uma prática de influências militares e em maior grau esportivas, a partir da década de 80 na realidade escolar do coletivo de professores entrevistados ainda pendura.

O esporte toma a cena principal da educação física no imaginário dos professores. A alegria vivenciada nos jogos escolares e nas aulas de Educação Física tem um significado forte nas suas memórias. A oportunidade de ser o aluno/atleta da escola abriu um leque de oportunidades, construindo o desejo de que o ambiente esportivo permanecesse em suas vidas.

Botti e Mezzaroba (2007) afirmam que os estudantes de Educação Física têm justificado frequentemente, sua escolha profissional com base principalmente, no contexto esportivo, uma vez que, possuem um repertório diversificado em atividades físico-desportivo-recreativas e experiências de sucesso nesta área. Santos et al (2009) também corroboram com este pensamento, afirmando que a paixão pelo esporte e o envolvimento com esta prática antes da entrada na faculdade, é o argumento mais comum entre os profissionais da área da Educação Física.

O professor Alberto Ferreira deixa claro em suas colocações, como as experiências da sua vida têm uma relação direta com as escolhas do futuro. *“Eu sempre fui atleta né?... Por uma questão de comodidade e afinidade eu escolhi Educação Física na UCSal”*.

Desejo da minha mãe era que eu fizesse Direito, claro que não tem nada haver comigo. Ela queria! Eu acabei eu fiz vestibular pra Direito, passei no vestibular pra Direito. E lá Direito, eu fiz Educação Física na Monte Negro passei, fiz Educação Física aqui passei em 15ª lugar. [...] Vim pra cá e quando eu já tava cursando, já tinha feito um semestre ela me ligou minha filha num sei o que... oh minha mãe Direito não é minha praia, me deixe

aqui, eu acho que vou ter muito mais né? Sucesso como professora de Educação Física que é uma área que eu gosto¹⁹.

A professora Suzyanne Munaro com apenas um semestre, estando ainda numa fase de conhecimento do curso, já deixa claro que é: “*uma área que eu gosto*”, tão pouco tempo de curso apenas 6 meses, não sendo suficiente ainda para conhecer e caracterizar como preferências, no entanto, não são só os 6 meses de experiência com a Educação Física, mas sim o sucesso experimentado na educação básica que reporta ao sucesso como professora de Educação Física.

Como eram as atividades esportivas durante o período escolar dos nossos alunos/atletas, agora professores de Educação Física da rede Estadual de Educação?

Os professores entrevistados vivenciaram a educação básica no momento em que Jequié e região viviam fortemente os jogos escolares, situação que movimentava toda a cidade e região. O movimento dos jogos escolares perdurou por um grande período na cidade, o professor Alberto Ferreira relata sua experiência com o esporte ainda nos anos finais do ensino fundamental e início do ensino médio, final dos anos 70 e início dos anos 80. “*Jogava todas as modalidades. Representava a escola nos jogos. Aí fui chamado para seleção da cidade, aí fui estudar no CEMS²⁰, com bolsa de estudo, aí estudei os três anos lá no CEMS*”.

Nesse momento histórico, o esporte ganhava um grande destaque, seja no ambiente escolar ou na cidade, contribuindo para inauguração do Ginásio de Esporte da cidade, Ginásio de Esporte Aníbal Brito (GEAB), espaço que anteriormente era um campo de futebol²¹. Na imagem abaixo chama minha atenção quanto à quantidade de pessoas que estavam presente na inauguração, o que nos leva refletir o quanto no início da década de 80 do século XX o movimento esportivo era importante e prestigiado pela população jequieense da época.

19 Entrevista concedida a autora por Suzyanne de Almeida Pereira Munaro em 18 de julho de 2014 na cidade de Jequié-BA.

20 Centro Educacional Ministro Spínola-CEMS.

21 Foi construído no início da década de 80 quando o Prefeito Municipal de Jequié Walter Sampaio construiu com ajuda do Governador da Bahia Dr. Antonio Carlos Magalhães o Ginásio de Esporte Aníbal Brito. O Campo Aníbal Brito foi transformado em um moderno Ginásio de Esporte. Observamos na imagem o quanto que esta inauguração movimentou a cidade.

Imagem 1: Inauguração do Ginásio de Esporte Aníbal Brito, início da década de 80.



Fonte: Arquivo da Secretária de Esporte na cidade de Jequié - BA

A experiência esportiva não era resumida aquela oportunizada pelo ambiente escolar, os alunos/atletas que tinham um destaque nas práticas esportivas das aulas de Educação Física e tinham oportunidades nos times da cidade. Eles não eram só estudante da educação básica, eles eram atletas amadores da sua cidade.

Esta experiência esportiva durou um longo período, a professora Suzyanne Munaro e o professor Rogério Teixeira passam pela fase escolar em período diferente, Suzyanne Munaro é do início da década de 90 e o professor Rogério final da década de 80, no entanto ambos enaltecem o esporte na sua vida escolar.

Na fala da professora Suzyanne Munaro, isto é bastante enaltecido ao certificar a “malandragem” adquirida fora do ambiente escolar e que representar a cidades em jogos foi uma decisão ainda no período escolar.

[...] e aí ganhava muitas medalhas, meu Deus do céu! É muito bom lembrar esses... Gente e as corridas. [...] Fui assim sucessos nos jogos, fui à melhor atleta da escola. Naquele ano eu ganhei 13 medalhas [...] também jogava no time da cidade, jogava vôlei e handebol no time da cidade.

O professor Rogério Teixeira viveu um momento anterior ao da professora Suzyanne Munaro e posterior ao professor Alberto Ferreira, no entanto, ainda lembra que a experiência esportiva foi marcante em sua vida.

Ganhei bolsa para estudar no CEMS [...]. Por causa do voleibol, porque tinha uns jogos de recreação de Jequié, que eram jogos muitos cotados. As escolas queriam ganhar para divulgar o nome da escola. Então ele pegava os talentos dos colégios, montavam sua maravilhosa equipe, ganhavam os jogos.

O tempo histórico vivido por estes professores pontuados acima é diferente, mais de uma década, mas o esporte ainda é um elemento de grande efervescência e influência na vida dos estudantes. Nas memórias dos professores, encontro uma interseção ao relatarem a importância do esporte nas suas experiências escolares.

Por mais que tenham bilhares *sic* de alunos, mas quem tinha esporte tinha uma prioridade no colégio, tinha uma moral no colégio, era conhecido, então pronto. [...] Por causa do voleibol, por que tinha uns jogos e recreação de Jequié, que eram jogos muito cotados, as escolas queriam ganhar pra divulgar o nome da escola e tudo mais. Então ela pegava os talentos dos colégios, montavam sua maravilhosa equipe, ganhavam os jogos, e no ano seguinte com certeza, quem gostasse de vôlei ia pro CEMS que ganhou vôlei, quem gosta de futsal estuda no CAP²² por que era o melhor time de futsal de Jequié, então o esporte era a principal publicidade principal de cada escola²³.

Assim, na elaboração da memória dos professores entrevistado, o esporte apresentado pelo ambiente escolar aparece enquanto um elemento importante para sua vida, o atleta-aluno tinha diversos privilégios no ambiente escolar, podendo ter liberdade de fazer avaliações em outros momentos, ser liberado das aulas de Educação Física, além de ser disputado pelas “melhores” escolas particulares da cidade.

Por meio do esporte, os estudantes se destacavam e eram convidados para estudar em escolas particulares, a fim de ser o marketing da escola. A escola patrocinava o adolescente, mensalidade, fardamento, livros. Contrapartida, os novos estudantes tinham a obrigação de “levar” o nome da escola durante os jogos. Neste ponto destacamos o esporte como a porta para novas experiências de ensino, sem o esporte eles não teriam condições financeiras de estudar em escolas privadas.

É importante ressaltar que nem todos os professores entrevistados, que tiveram “seu passe” disputado pelas escolas de renome na cidade seguiram as escolhas para a Licenciatura em Educação Física. Quais caminhos os outros alunos/atletas seguiram? Esta oportunidade de estudar em escolas particulares refletiu mudanças em seus caminhos futuros? Reflexões que podem ser amadurecidas em outros trabalhos.

Quanto aos alunos/atletas que hoje são professores de Educação Física da rede estadual, fica clara a importância desta experiência para sua escolha profissional e a contribuição desta oportunidade para sua aprovação no vestibular.

²² CAP – Colégio Antônio Pinheiro.

²³ Entrevista concedida a autora por Rogério Santos Teixeira em 14 de Julho de 2014 na cidade de Jequié – BA.

O professor Rogério Teixeira retrata com bastante detalhe, o desejo que as escolas particulares tinham ao oferecerem bolsas de estudos para os alunos de destaques nos jogos escolares. Existia um jogo de disputa entre as escolas de renome na cidade, um jogo de “*quem dá mais*”, como afirma o professor. Esta apreciação aparece como uma situação de bastante alegria e emoção. Ver o seu “*passé*” disputado, trazendo para eles uma autoconfiança e possibilidades de melhores condições de estudo.

Ganhei bolsa pro CEMS e pro CAP. E aí fiquei naquela de escolher quem dá mais, quem dá menos que o CEMS o CAP me dava farda e o CEMS me deu livro e farda, aí ficou naquela briga de troca né? De valores por causa do atleta, comprar o *passé* aí eu fui pro CEMS, só que eu por pela idade, isso em 87 eu jogaria mais 2 anos né? Por causa da idade por que é até 18, aí eu jogaria 7ª e 8ª e eu fiquei com medo disso 1º, 2º e 3º ano né? Já que era uma bolsa integral como é que vai garantir, aí a escola garantiu, se eu fosse pra recuperação pagaria o valor da recuperação que era, acho que 20% do valor da mensalidade, muito alto, não teria condições, fiquei com medo, e eu só sairia do colégio se eu perdesse de ano. Então aceitei, aí estudei nunca tinha estudado tanto em minha vida por causa de esporte, nunca! Por que a verdade era essa né? Era estudar, tá no esporte e ter que estudar por que senão saia do esporte. Aí fiquei 7ª e 8ª no CEMS sem pagar um centavo [...] Eu entrei no colégio particular estudei 7ª, 8ª, 1º, 2º, 3º, bolsa total.

Na elaboração das memórias dos professores-narradores sobre este período da vida observei uma avalanche de momento alegres, mas também aqueles de obrigação. Uma obrigação que não era desejada pelo aluno, naquele momento nem a maior idade tinham alcançado e sua vida já era carregada de responsabilidades e decisões.

Tinha dado uma vida pela escola, quantas e quantas medalhas eu tinha trazido. Quantas e quantas vezes eu levei o nome daquela escola pra né? E eu me lembro que uma vez que eu também me machuquei. Eu falei assim oh! Tia Zé, eu não sei se eu vou poder competir porque o médico disse que [...] Ela disse assim oh Suzyanne você tem a obrigação de competir, é como se eu tivesse assim lhe patrocinando, na verdade eu estou lhe patrocinando pra você fazer isso [...] aí eu fui machucada²⁴.

É interessante notar que na fala da professora Suzyanne Munaro para além das diversas medalhas e momentos de sucesso e vitória ela carrega uma situação de obrigação em suas lembranças, o prazer dos jogos escolares é carregado por uma situação de dever. O que mistura alegria de lembrar as vitórias e tristeza que evoca nos momentos em que as vitórias perpassam por situações para além daquela vivenciada na quadra.

²⁴Entrevista concedida a autora por Suzyanne de Almeida Pereira Munaro em 18 de Julho de 2014 na cidade de Jequié-BA

Observei uma situação que não caracteriza mais o amor e a dedicação pelo esporte, mas agora é a obrigação. Uma adolescente passa a levar a vitória da escola como seu objetivo. A dedicação não é levada em consideração. Suas condições de saúde não têm significado para a escola, o que significa é a vitória.

O esporte de rendimento estava dentro do esporte educacional, ou seja, os ideais capitalistas que se expressam na necessidade de os alunos favorecer a divulgação do nome da escola, como por exemplo, ganhar medalhas e campeonatos internos e externos a cidade, não importando para eles, se este aluno estava em boas condições de saúde ou não. A escola adota os modelos competitivos do esporte rendimento para os jogos escolares, que muitas vezes, também são denominados Olimpíadas escolares. Esta memória de esporte escolar é a memória que demarca a compreensão da educação física para os professores-narradores.

Assim, os objetivos educacionais das competições no ambiente escolar não se afastam de interesses comerciais, e a escola centra-se nas marcas e nos resultados, e sua função principal que é a formação de crianças e adolescentes numa perspectiva ampla de educação é esquecida. Defendo neste texto que a perspectiva ampla de educação é aquela que não torna a Educação Física, apenas como sinônimo do esporte, mas sim a que valoriza a educação física enquanto uma prática pedagógica que tem uma gama de conhecimentos que precisam ser conhecido, discutido, refletido e criticado no ambiente escolar, como aponta Soares et. al (1992)

É notório no contexto apresentado as marcas de uma Educação Física criticada e negada a partir da década de 80, fato que se deve ao modelo unilateral, focado apenas na modalidade esportiva, evidenciado principalmente, no território baiano, especialmente no interior da Bahia, onde o esporte ocorria enquanto um elemento sob os cuidados da educação física resistente e rigoroso. Herança que é sentida até hoje e demonstrada no desenrolar das tramas educacionais.

Dois polos alimentavam as reflexões do esporte na memória dos professores entrevistados. Por um lado, a experiência esportiva contribuiu para o desenvolvimento do educando, tanto no aspecto social quanto no aspecto de desenvolvimento das aprendizagens escolares e, por outro lado, temos a esportivização precoce de um adolescente, que visava apenas à competição, questão essa, impulsionada principalmente pelo modelo de escola privada que exigia do aluno ganhar as competições na qual ele participava. O que elevava sua credibilidade e seus status “socioeconômico” perante a comunidade Jequieense, não percebendo o educando que está em processo de aprendizagem descartando desta forma, todo cunho pedagógico que este campo do saber pode proporcionar ao se trabalhar outros aspectos,

haja vista, ela não estar atrelada apenas as atividades esportivas, mas sim, outras habilidades que podem ser amplamente exploradas.

Scaglia e Gomes (2005) trazem uma reflexão importante quanto ao polo negativo do esporte na Educação Física escolar, o fato que é a supremacia da visão do adulto em detrimento dos anseios dos educandos, tendo ele que se adaptar aos padrões estruturais dos eventos esportivos institucionais.

Neste contexto, o aluno patrocinado que não cumpre sua função é eliminado daquele ambiente escolar, já que ele não atendeu aos anseios da instituição privada de ensino, ou seja, esta era a lógica das escolas particulares de Jequié na década de 80 e 90, fato que ocorria com os alunos bolsistas. Quando o aluno alcança a idade e não mais é possível representar a escola, descartando o aluno conseqüentemente.

Nas escolas particulares frequentadas por alguns dos professores entrevistados, mesmo os alunos/atleta que ganhou prêmios para a instituição, elevando o status da mesma, quando chegava no 3º ano do ensino médio, estes eram excluídos sob a perspectiva de que ele não teria mais “utilidade” para a escola, isto é, não iria trazer mais medalhas, não poderá mais ser usado como marketing, sendo assim, a escola não vê a necessidade de continuar patrocinando o aluno. A professora Suzyanne Munaro destaca este evento:

Aí eu já tinha 18 anos, foi aí que a diretora me chamou pra uma conversa, e falou assim: oh a partir de agora sua bolsa encerra, porque você estava aqui única e exclusivamente para competir, já que você não tem mais idade pra competir eu não tenho mais obrigação nenhuma de dar bolsa pra você. Eu tava no 3ª ano.

Desta forma, temos o esporte enquanto um marco guardado pelos professores-entrevistados. Os relatos orais apresentados por estes sujeitos sociais sobre as suas experiências na educação básica revelaram valores, interações sociais, escolhas profissionais, dentre outros aspectos, conforme certifica Halbwachs (2003) que permanece e continuam no grupo. Por conseguinte, os relatos possibilitaram conceber as permanências nos traços de lembranças, logo importante mecanismo da memória.

O Esporte é um elemento importante ao recordar as experiências da vida escolar, quando recorda a educação física deste período na maioria das vezes o esporte aparece como único elemento, muitas vezes até como sinônimo. As experiências da educação física eram resumidas as práticas esportivas no final da década de 70 até início dos anos 90.

Na década de 80 do século XX o Brasil, especialmente o sul, vive a crise da educação física, os professores começam a criticar o modelo de esporte implementado nas escolas, no

entanto em solos baianos isto perdura por um longo período, o que pode ser explicado por existir uma carência de professores formados na área, só a partir da segunda metade da década de 90 os cursos de Licenciatura em Educação Física em instituições públicas chegam em solos do interior baiano.

A seguir apresentarei a partir da memória dos professores de Educação Física, as experiências de formação na esfera privada e pública, apontando suas diferenças. Para encerrar destacarei as características do curso em Licenciatura em Educação Física no interior da Bahia a partir da memória de quem vivenciou seus primeiros anos, destacando seus desejos, angústia e desencontros com o curso de Licenciatura em Educação Física.

2.2 “AÍ FUI MAIS PRO LADO DA ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE, DOS CURSOS DE VÔLEI, NÉ?” A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A partir do ano de 1997 tem se início a um novo momento da Educação Física na Bahia, até este momento na esfera pública, apenas a Universidade Federal da Bahia – UFBA, oferecia o curso de Licenciatura em Educação Física. O curso da UESB surge dentro de um movimento de expansão dos cursos públicos de Educação Física no interior da Bahia, assim nesse momento histórico temos a UEFS e a UESB possibilitando a formação de nível superior em Educação Física.

Pires (2009, p. 30) afirma que em grande medida, a efetiva expansão e, conseqüente, interiorização de Formação Profissional em Educação Física na Bahia foi consolidada pelas Universidades Públicas Estaduais, todavia, não deixo de destacar, que, em menor escala, dentre o grupo de professores da rede estadual de ensino no município de Jequié-Ba, a UCSal e a Faculdade Montenegro fazem parte da memória de 2 (dois) professores-narradores.

Sendo assim, como o objetivo principal do estudo são as memórias dos professores, irei apresentar os caminhos trilhados pelos docentes entrevistados destas instituições, que em períodos cronologicamente diferentes cursaram a Licenciatura em Educação Física. O Professor Alberto José Andrade Ferreira obteve sua licenciatura em Educação Física, no ano de 1986, na UCSal, enquanto que o professor Eduardo Vieira foi licenciado em Educação Física no ano de 1998, como apresentei no tópico anterior. Mais de 10 anos se passaram do momento histórico do primeiro para o segundo, no entanto, muitos dos seus desejos e caminhos escolhidos convergem ao mesmo ponto.

Como foi apresentado no início do capítulo, a UCSal (Universidade Católica de Salvador) foi à primeira universidade a oferecer o curso de Educação Física, isto depois de três tentativas fracassadas, objetivando a implementação desta instituição. Só em 1972 a

Bahia consegue este feito tão desejado e necessário para nosso estado. No próprio *Jornal a Tarde*, de 29 de Julho de 1972, estampou-se a seguinte manchete: “*Educação Física tem escola na Bahia*”. (PIRES, 2009).

O novo curso é implementado a partir de referências da educação física com o foco na visão do corpo humano simplificado, visando apenas o desenvolvimento de técnicas. Pires et. al no estudo titulado o “primeiro curso da Bahia: Trajetórias e Personagens, aborda a criação do primeiro curso de Educação Física na Bahia, UCSAL, apresentando os bastidores desse movimento:

Com tudo isso, o pessimismo da inteligência nos adverte que a Bahia, consubstanciada pela formação profissional que começava a se realizar, procurou obedecer fielmente às linhas da Política Nacional de Educação Física e Esportes, definida pela lei 6.251/75, que preconizava que o trabalho da área no Brasil teria como objetivos centrais a melhoria da aptidão física da população, o grande aumento da participação estudantil e popular em práticas desportivas. Todavia o otimismo da vontade nos permite reconhecer, mesmo com todas as críticas que hoje é possível fazer, a importância histórica da constituição do curso de EF da UCSAL. (PIRES et. al, 2014, p. 221).

Esta visão aparecia explícita na metodologia do trabalho das disciplinas no curso da UCSAL, como relembra o professor Alberto Ferreira:

Era licenciatura plena. Só que na realidade era mais voltado para área de academia, o curso lá era bem focado mesmo na parte de fisiologia, na parte de... peraí. Tinha 5 disciplinas de ginástica, né? Tinha ginástica 1, 2, 3, 4 e 5. Tinha... cinesiologia forte, tinha musculação mesmo, sabe para você montar, montar o macro-ciclo, meso-ciclo, então era uma coisa mesmo bem voltado para área de academia.

No seu livro, *Educação Física na Bahia: Cenas e Flashes de uma história*, estes aspectos são reafirmados por Pires (2008), das 36 disciplinas que estão presentes no currículo desta universidade, 25 disciplinas apontam para uma formação de professores de educação física biologizados e preocupados em produzir as diversas técnicas esportivas, enquanto que apenas 5 (cinco) disciplinas organizam seus conteúdos à luz das Ciências Humanas e 6 (seis) que tratam de conhecimentos pedagógicos. Temos, portanto, mais da metade do curso centrada na formação da aptidão física e do desporto.

Com uma experiência desde a juventude, marcada pela prática esportiva e uma formação ligada diretamente à educação física não formal²⁵, não é de se espantar que a

²⁵ A formação do professor de Educação Física de maneira geral objetiva formar profissionais para atuação no cenário escolar, educação formal, e atuarem em áreas específicas da saúde. Hoje o profissional de Educação Física atua nas escolas, nas academias, nos clubes, nas clínicas de saúde, nas empresas, nos spas e em vários

primeira experiência profissional de Alberto Ferreira ainda durante a graduação, tenha sido em academias de ginástica e, logo nos primeiros momentos universitário já ocorre uma identificação com o curso de Licenciatura em Educação Física. É com alegria e satisfação que o professor relata: *“OH! Por que ter sido atleta ficou tudo bem mais fácil. A parte de, por exemplo: voleibol, quem deu aula fui eu. Basquetebol, quem deu aula foi eu. Handebol, Luciano, deu metade das aulas e as aulas práticas quem deu foi eu.”*

A experiência de juventude do Eduardo Vieira é marcada pela prática esportiva e o início da vivência profissional também acontece em academias de ginásticas, no entanto, o caminho universitário quanto à proposta de ensino da Faculdade de Montenegro, segue com uma formação que não priorizava as disciplinas de aptidão física e desporto, a partir da memória do professor. Eduardo Vieira afirma sua frustração no início do curso: *“então quando eu entrei no curso de licenciatura eu tomei um choque porque a grade, o currículo era voltado pra licenciatura mesmo, pra escola pra educação, então eu confesso que aquilo me frustrou no início”*.

Neste aspecto, percebo que as duas primeiras universidades particulares apresentam um foco de propostas para a formação em Educação Física diferente, o que pode ser justificado pela passagem de anos de uma para outra e o avanço nas discussões da área, como também o surgimento da UFBA, que apresenta um novo momento de formação em Educação Física, como afirma Pires (2009):

Só após quinze (15) anos, a Bahia conseguiu conquistar um curso público superior em Educação Física, o Curso da UFBA, que nasceu apontando para um modelo diferenciado de formação, talvez influenciado pela unidade de sua instalação, Faculdade de Educação da UFBA, e não em Instituto de Saúde, ou Escola isolada, e neste sentido, acreditamos que o convívio com outras áreas de conhecimento possibilitou um alargamento na perspectiva de formação profissional em Educação Física no Estado da Bahia, conseguindo influenciar os outros cursos que se seguiram, e tornando-se referência para a Educação Física baiana (PIRES, 2009, p. 1964).

Neste ponto destaco a necessidade de estudos sobre a Faculdade Montenegro, especialmente a história do curso de Educação Física que existe desde 1986, no entanto, faltam estudos que mostre sua história.

setores que englobam ações voltadas para a educação em saúde, são estes últimos espaços que caracterizamos no estudo como área não formal de atuação dos professores de educação física. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) a Educação Não-Formal é caracterizada como atividade ou programa organizado fora do sistema regular de ensino, com objetivos educacionais bem definidos, não estabelecendo sequência gradual, não levando a graus ou títulos e não se subordinando às normas e diretrizes estabelecidas pelo governo.

Os professores, Alberto Ferreira e Eduardo Vieira, têm uma vivência anterior ao momento universitário, tão intensa, em suas memórias que ao adentrarem o curso de Educação Física o foco deles estava mais voltado ao treinamento, ao rendimento, no entanto, quando vão adquirindo o amadurecimento e experiência profissional, a forma de olhar e viver a educação física gradativamente vai se modificando. Eduardo Vieira narra que: “*minha construção não foi essa, mas eu passei a entender que tinha que modificar*”. Situação que será melhor explanada posteriormente, quando trataremos sobre o momento da entrada destes profissionais no mercado de trabalho.

O professor Alberto Ferreira, formado na UCSal, durante seu período de formação apresenta a vivência universitária com satisfação e reconhece naquele espaço, à medida que o curso seguia a vertente da formação ligada aos princípios do esporte e da formação não-formal, isto é, clubes e academias. Enquanto o professor Eduardo cumpre as disciplinas curriculares e busca novos horizontes. “[...] *aí eu comecei a buscar outras coisas, buscar o que eu queria, e aí quando comecei o curso, eu comecei a ficar fascinado pela área fitness, da musculação, da ginástica [...] comecei estudar isso, comecei a pesquisar, a comprar material, ir para congressos.*”

Durante a graduação os professores entrevistados advindos da formação em Licenciatura em Educação Física das Universidades Privadas têm a certeza que não almejam o ambiente escolar. Com a certeza do que gostam, perseguem a direção da formação na área não formal, escolhem cursos envolvidos nesta temática, compram livros e visitam este ambiente, quando tem a opção de escolha.

Neste contexto, encontramos memórias demarcadas pelas experiências esportivas, desde o ambiente escolar durante a educação básica. No entanto, o ambiente não formal é o que prevalece enquanto desejo e perpetua de alguma forma na vida dos professores entrevistados, especialmente nas suas escolhas de formação.

As opções de escolhas de formação para além do currículo acadêmico são centradas durante e após a graduação, em cursos específicos voltados para a área fitness. Quando existe escolha, negar a formação educacional é o caminho a seguir. Estas questões serão mais bem explanadas no último capítulo, já que as formações continuadas na área educacional só passaram a ser realizadas quando as políticas públicas governamentais educacionais começaram a propor e a exigir qualificação profissional dos docentes, através dos cursos ofertados pelo MEC como, por exemplo, os de aperfeiçoamento e formação continuada.

2.2.1 “Ave Maria! Eu não imaginava nunca que o Curso de educação Física era aquilo”: A UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) em foco

Neste momento, volto o meu o olhar para os Professores de Educação Física que realizaram sua formação na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e iniciaram sua Licenciatura anterior aos anos 2000. São 5 (cinco) professores entrevistados que compõem a discussão deste tópico: Luciano Ferreira, Emerson Paim, Suzyanne Munaro, José Gonçalves e Rogério Teixeira.

A experiência de educação básica desses professores foi final da década de 1980 e primeira metade da década de 1990, antes do ano 2000. Escolhem o curso universitário reforçando as constantes influências vivenciadas no período anterior ao da graduação como sendo grande contribuinte para as escolhas do curso e do ambiente universitário.

As vivências com a educação física anteriores estavam ancoradas no sucesso esportivo, logo seriam também estudantes universitários e posteriormente, profissionais de sucesso. A professora Suzyanne Munaro relembra que desde o início do curso, já percebia que na profissão de Educação Física seria exitosa para ela, especialmente quando recebe a convocação para outro curso. *“Eu já estava cursando, já tinha feito um semestre, ela me ligou, minha filha num sei o que [...] Oh minha mãe, Direito não é minha praia, me deixe aqui, eu acho que vou ter mais né? Sucesso como professores de Educação Física”*.

Mesmo recordando que o curso de Educação Física *“era a melhor coisa do mundo”*, especialmente nos momentos das atividades que tinha uma maior identificação, como as disciplinas que são caracterizadas como práticas, como por exemplo, a natação, ocorre o susto: *“eu nunca imaginava que era aquilo o curso de educação física, nunca, nunca, nunca, mas me virei”*.

Neste sentido, cabe destacar a professora Suzyanne Munaro é aluna das primeiras turmas e presencia o início de curso com uma grade curricular focada nos dois primeiros anos nas disciplinas de educação. Naquele momento não tinha formado ainda o grupo de professores da área de educação física, inicia o curso com o quantitativo pequeno de professores, então na organização das disciplinas no fluxograma, as disciplinas específicas são realizadas principalmente a partir da segunda metade do curso.

Esta é uma realidade que marca a experiência do grupo de professores que carregam em suas memórias a experiência com o cenário do esporte escolar, no entanto, mesmo não se identificando com tudo apresentado pelo mundo universitário, cumprem seus deveres enquanto alunos acadêmicos e se formam Professores de Educação Física.

“O esporte mesmo, prática de voleibol que foi com Rogério né? A de Handebol foi com Cristiane Luna. Eu me identificava, porque eu sou muito assim de agir né? Eu não sou muito teórica assim não”. A professora Suzyanne Munaro teve durante toda a educação básica uma experiência com a educação física relacionada estritamente as práticas esportivas, então, durante suas opções de escolhas no ambiente universitário caminham nesse mesmo sentido, escolhe na universidade participação direta com o esporte e no que é relativamente prático como a área de atividade física e saúde.

Uma vida escolar demarcada em sua memória pelas vivências práticas, especialmente do esporte, ao adentrarem o mundo universitário não conhece outra possibilidade de Educação Física, como sendo esta, possuidora de uma gama de possibilidades de atuação e de conhecimentos que vão além da mera prática esportiva, mas devido ao fato de na sua formação na educação básica, esta só ter percebido a educação física enquanto modalidade essencialmente esportiva, isto acabou sendo altamente influenciador para a escolha da graduanda por um curso que enfatizasse mais as modalidades esportivas. Alguns estudos apontam estas escolhas pelo *status* acadêmico, no entanto, o grupo de professores entrevistado não justificou suas escolhas por este caminho, mas sim, pelo viés de gostarem da área.

Moreno (1997) e Figueiredo (2001), afirmam que a formação inicial de professores de Educação Física, vem mostrando que muitos estudantes durante o período de graduação, tendem a valorizar o curso por meio da ênfase dada às disciplinas do campo biomédico. Eles agiriam em busca de determinado *status* acadêmico que, segundo os estudantes, estaria mais agregado ao conhecimento científico presente nas disciplinas de cunho biológico.

Aí eu fui mais pro lado da atividade física e saúde, dos cursos de vôlei né? Mas os congressos que agente ia mais eu participava. Ta, ta [...] tinha o CBCE, mas eu sempre tava numa área cá. Tem uma área de atividade física, tem uma área de pesquisa de trabalho de esporte, treinamento esportivo né? Eu sempre dei mais foco pra esse lado²⁶.

É importante também salientar que o início da atuação profissional começa ainda enquanto acadêmicos. Em que *locus* começam a atuar? Assim como os professores anteriores, Alberto e Eduardo, a experiência profissional começa logo cedo, início do curso e sempre na área não formal.

Cabe destacar que apenas 2 (dois) professores iniciaram sua experiência profissional na área educacional, o professor Luciano Bittencourt, que já era professor de Português, sendo

²⁶Entrevista concedida a autora por Suzyanne de Almeida Pereira Munaro em 18 de julho de 2014 na cidade de Jequié-BA.

portanto, a Educação Física sua segunda graduação e o professor José Júnior, este não residia na cidade e sim, em uma cidade próxima, atuava em outra área e com a aprovação no vestibular de Licenciatura Educação Física foi convidado pelo secretário de Educação para trabalhar em uma escola. Nesta cidade não existia professor de Educação Física formado, nem estudante do Curso de Educação Física.

Por terem oportunidade de estarem no ambiente escolar, os mesmos trilharam outros caminhos, especialmente nas opções de formação. O professor José Junior com bastante emoção narra o momento do seu envolvimento com a Educação Física e o quanto isto foi importante para permanecer na área com compromisso e paixão. *“Foi meu envolvimento na Educação Física que não me permitiu essa transferência, assim pensar nisso. Eu falei não. Eu tenho um compromisso aqui [...] apaixonei-me pela discussão da educação”*.

Na maioria dos professores entrevistados, relatam terem tido oportunidade de iniciarem suas experiências profissionais em ambientes diversificados e todos voltados a sua formação acadêmica, dentre os quais destaca-se: academias, clube de futebol, nação, hidroginástica e especialmente nos projetos sociais elaborados pela prefeitura da cidade.

Quanto aos projetos sociais da prefeitura de Jequié-BA, os que mais se destacam são o Jequié Esporte 2000 e o Programa Segundo Tempo. O primeiro foi bastante referenciado na memória dos professores-narradores. As primeiras turmas tiveram oportunidade de estagiar com crianças e adolescentes, trabalhando a iniciação ao esporte até a conclusão do curso. Neste projeto todos os estagiários eram estudantes de Licenciatura em Educação Física da UESB, especialmente das primeiras turmas.

“Jequié Esporte 2000” foi um projeto que apresentava um bom quantitativo de estagiários participando. A professora Suzyanne Munaro ao lembrar sua participação pontua que atuou durante um curto período, já que estava próximo da sua formatura. *“Jequié Esporte 2000, quando lançou o projeto eu trabalhei [...] No projeto eu fiquei um ano e meio, porque estava perto de formar”*. Logo que lembra desse projeto a professora me apresenta uma foto que recebeu no período em que ela e todos os estagiários se faziam presentes, reconhecendo na imagem seus colegas de turma, como também apontando que todos os envolvidos estavam em processo de formação e eram estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física na UESB.

Infelizmente, sobre o projeto “Jequié Esporte 2000” não encontramos material produzido para entendermos o seu surgimento e compreendemos o que impulsionou a sua implementação. No ano 2000, vivíamos em nosso país o entusiasmo das Olimpíadas. Neste ano ocorreu as Olimpíadas de Sydney, o que nos leva a refletir que, se o projeto iniciou antes

das Olimpíadas pode ter sido impulsionado pelo movimento olímpico vivenciado no país, mas se começa depois das olimpíadas é provável que o seu surgimento seja para formação de novo atletas, visando mudar a situação do Brasil em Olimpíadas futuras, já que as olimpíadas de Sydney foi o palco do maior fracasso olímpico brasileiro.

Corroborando a isso Darido (2000) vem afirmar que:

O que mais se ouviu nesta Olimpíada foi que o Brasil ganhou poucas medalhas e que teve uma performance pífia ou desastrosa. O desempenho foi, de fato, inferior ao de Atlanta, em 1996. De 15 medalhas, incluindo três de ouro, passou para 12 sem nenhuma de ouro. Medalhas tidas como certas, no futebol masculino, tênis com Gustavo Kurten não vieram e, ainda, os favoritos vôlei de praia conquistaram duas medalhas de prata e uma de bronze e não as esperadas medalhas de ouro (DARIDO, 2000, p.102).

Este baixo desempenho do Brasil frente às Olimpíadas impulsionou as políticas governamentais de esporte para buscarem estratégias que resolvesse este problema no futuro. Oliveira (2010) cita que ao retomar historicamente a relação entre esporte e escola destaca o Programa Segundo Tempo, Esporte na Escola, Bolsa Atleta e Descoberta de Talentos Esportivos como programas que estariam relacionados ao fracasso olímpico do Brasil nas Olimpíadas de 2000. Estes programas surgem como ações relativas ao esporte escolares, base que, segundo o mesmo autor, para um suposto sucesso olímpico.

Este é o movimento histórico que vivia o país no início dos anos 2000, logo após uma triste participação nos jogos Olímpicos busca ações imediatas e eficazes para os próximos eventos. Logo, é possível que os professores entrevistados possam ter estagiado durante este período, especialmente nestes projetos que teriam a função de alavancar possíveis profissionais visando um melhor desempenho do país nas próximas Olimpíadas.

Ao passo que as experiências de estágio foram possibilitadas pela prefeitura da cidade, os professores entrevistados que iniciaram sua formação anterior aos anos 2000, descrevem a construção inicial do curso de Educação Física como sendo um período difícil, marcado por diversas dificuldades vivenciadas tanto por eles, como pela própria universidade, fato sentido principalmente no momento final do curso.

É importante frisar que estas dificuldades apontadas pelos professores entrevistados, egressos da UESB, é comum as várias universidades que acabam sofrendo problemas diversos ao implementar um curso, sendo esta, portanto, uma realidade não apenas da UESB. Neste sentido, vale enfatizar para a emergente necessidade da expansão da universidade bem como a criação de novos cursos naquele momento, visando com isso, atender as demandas apresentadas no cenário nacional.

Os professores que são advindos das primeiras turmas sofrem a falta de espaço para as aulas, especialmente as aulas práticas, exigindo a necessidade das mesmas acontecerem em um espaço específico tendo em vista, isto se configurar como sendo algo indispensável. Como dar aula de natação sem piscina? Aula de futebol sem um campo de futebol? O professor Rogério Teixeira aponta estas dificuldades de locomoção, afirmando que na UESB não existia lugares apropriados para as atividades práticas, tendo eles que se deslocarem de um lado a outro da cidade para terem aula de natação, futebol, futsal, handebol, dentro outros.

Mesmo com estas deficiências era preciso manter o curso, tendo em vista, a grande necessidade que precisava ser suprida naquele momento, já que era bastante restrita o quadro de professores formados em educação física, logo inicia-se o curso diante destas dificuldades e no decorrer dos anos estas situações vão sendo amenizadas.

Buscando resolver muitos dos problemas enfrentados, a professora Suzyanne Munaro, cita as greves como sendo um dos grandes impasses na sua graduação, enquanto o professor José Junior aponta os primeiros movimentos estudantis da Educação Física e participação em Centro Acadêmico.

Desta forma, observa-se as marcas nas memórias das experiências estudantis no período escolar da educação básica dos professores entrevistados, como sendo determinantes para a escolha do curso, tendo em vista, estes relatos serem constantes nos seus discursos, apresentando os traços destes momentos o que acabou se configurando como a mola propulsora da sua formação acadêmica nesta licenciatura.

Atualmente, estes profissionais exercem a docência na rede Estadual de ensino da educação básica, ministrando a disciplina de Educação Física no Núcleo Regional de Educação, NRE 22, Jequié-BA, onde eles afirmam que sua atuação enquanto docente desta disciplina se dá numa perspectiva mais abrangente, não repetindo as mesmas ações vivenciadas no período estudantil da educação básica, na qual a atuação dos professores naquela época se restringia apenas ao aspecto esportivo, esquecendo que a educação física vai além dos esportes e que, portanto, necessitam ser trabalhadas visando desenvolver as diversas habilidades que o ensino adequado desta disciplina pode proporcionar aos educandos.

A seguir, apresentarei uma construção do processo de entrada no mundo do trabalho dos professores de Educação Física formados nas primeiras turmas da UESB, e dos professores advindos das universidades particulares, apresentando as possibilidades e escolhas com relação ao trabalho. A partir das memórias dos professores destacaremos as visões e as mudanças quanto à compressão da Educação Física, apontando como os novos professores iniciam a suas vidas profissionais e o amadurecimento advindo desta experiência.

2.3 “ESTABILIDADE... ESTABILIDADE E SEGURANÇA”: A ENTRADA DO PROFESSORES NO MERCADO DO TRABALHO

Os professores enquanto alunos da universidade levam em suas memórias fortes marcas da educação física no período da educação básica, sendo estas memórias, responsáveis pelas escolhas do curso de Educação Física, já que estas oportunizaram grandes experiências de sucesso no esporte. Estas lembranças se fazem presentes durante a graduação, fazendo-os trilhar os caminhos que os levaram para a área da educação física não formal, especialmente treinamento e atividade física e saúde. Já, os professores Luciano Bittencourt e José Junior resolveram optar pelo ambiente escolar tendo em vista, eles terem experiência com este ambiente no início da graduação como estudante de Educação Física atuando no ensino básico como professores de Educação Física.

Dos professores que iniciam a graduação antes do ano 2000, temos dois momentos históricos distintos quanto à sua inserção no mercado de trabalho. O professor Alberto Ferreira e Eduardo Vieira obtém o título de professores de Educação Física em um momento que a interiorização e expansão da Formação Profissional em Educação Física na Bahia ainda não tinha se consolidado. Quanto a isso, Pires (2007, p.102) considera que “a efetiva expansão e consequente interiorização na Formação Profissional em Educação Física na Bahia foi consolidadas pelas Universidades Públicas Estaduais”. Desta forma, os outros professores que fizeram a licenciatura na UESB, começaram a atuar como profissionais na educação física a partir dos anos 2000.

Cabe destacar que esses professores escolhem exercer sua carreira profissional inicialmente começando pelo ambiente não formal, só mais tarde eles começam a atuar como professores em escolas, seguindo um longo período da sua vida profissional neste caminho. Nos anos que se seguem, os professores prestaram concurso para a rede estadual de ensino movido pela necessidade de estabilidade financeira. *“estabilidade [...] estabilidade e segurança, né?”*²⁷.

O Professor Alberto Ferreira ao retornar para sua cidade afirmou que tinha um emprego garantido além da acadêmica de ginástica. O suposto trabalho seria na escola em que o mesmo concluiu o ensino médio, porém, não seria como professor de Educação Física, mas como técnico da equipe de basquetebol e handebol da escola. Neste momento, ainda era

²⁷ Entrevista concedida a autora por Alberto José Andrade Ferreira em 09 de Abril de 2014 na cidade de Jequié-BA.

bastante efervescente os jogos escolares, períodos estes, que marcaram positivamente a memória dos professores que vivenciaram como estudante do ensino médio, Rogério Teixeira e Luciano Bittencourt.

Neste contexto, tanto o professor Alberto Ferreira como Eduardo Vieira, reafirmam no momento presente seus desejos iniciais, ou seja, seguir sua vida profissional ligada diretamente ao marco de sua memória, a área não formal, as acadêmicas de ginástica e o esporte. O Professor Alberto Ferreira sofreu um acidente de moto no ano de 2005 que inviabilizou sua atuação nas academias da cidade e atualmente permanece atuando apenas na área formal, na rede Estadual de Ensino Básico. A experiência no ambiente de academias de ginástica perdurou de 1987 até 2005, cerca de 18 anos. Enquanto o Professor Eduardo Vieira até o momento da entrevista segue atuando nas duas áreas.

Observamos a realização dos sonhos e a necessidade de se estabelecer na vida se concretizando, ao tempo que seguem nas atividades que almejavam e descobriram durante a graduação, continuam atuando enquanto professores de Educação Física na Educação Básica. O que mais evidencia nas suas escolhas anteriores à graduação prevalece nas suas vidas depois da graduação, no entanto, sua vida também é marcada pelas condições objetivas de vida.

Huberman (2000) afirma que no início da carreira, existe uma preocupação consigo mesmo. Desta forma, ao observarem que a atuação em academias e treinamentos esportivos não seria suficiente para suprir suas necessidades financeiras, a decisão de prestar um concurso público foi unânime, influenciada também pela família. Assim, o quesito financeiro constitui um fator determinante para seguir a carreira profissional de ser professor.

As experiências de vida são marcantes nas escolhas dos professores entrevistados. Fato que podem ser reconhecido nas descrições das experiências iniciais como professores no ambiente escolar. Diferentes formas de olhar e viver a educação física vai adquirindo novas conotações e ganhando novos sentidos.

Ao adentram as escolas públicas, ou seja, quando estes começam a atuar como professores de Educação Física da rede estadual de ensino, as experiências vividas por estes profissionais acabam influenciando de certo modo, a atuação destes sujeitos, onde estes podem refletir sobre o modelo de ensino ofertado a eles no período estudantil, o que acaba sendo altamente influenciador para mudança daquilo que eles julgavam inadequadas, fato que só foi possível diante da formação adquirida no período da universidade, frente aos conhecimentos empíricos adquiridos ali, sobre como deve ser de fato realizado o ensino da disciplina de educação física por um profissional que possui formação nesta área. No entanto,

acredito que em maior escala, esta nova forma de olhar o universo da Educação Física seja mais pelas novas memórias guardadas em sua consciência, já que um novo campo passa a ser explorado, o campo escolar.

Mesmo com um marco da educação física centrado nas propostas de esporte e atividade física e saúde, consegue perceber modificações em seu pensamento.

Eu não conseguia, eu tinha na verdade, eu que criava esse bloqueio sabe? De não querer ir pra sala de aula, na verdade eu também não queria entender o porquê da aula de educação física em sala de aula por que a minha vida foi ligada ao esporte, a minha vivencia foi fora da sala de aula entendeu? E eu não, eu não [...] Eu cumpria aquele o currículo da licenciatura, mas confesso que chateado. [...] Nunca fiz! Nem quando eu vim fazer a especialização aqui que tinha duas, duas vertentes tinham a educação física escolar e tinha atividade física para populações especiais, eu fiz minha inscrição pra populações especiais e tinha o curso de educação física escolar. Entendeu? A partir daí eu fui entendendo que eu tinha que mudar. Acho que o próprio amadurecimento, você vai amadurecendo entendeu? Você vai entendendo que a gente não pode dar murro em ponta de faca em algumas circunstâncias. É necessário, e aí eu entendi que eu precisava que eu precisava mudar, eu amadureci e comecei a mudar minha prática também²⁸.

Como a memória é vida, carregada de diversos elementos neste contexto, é claro o amadurecimento do individuo a partir de suas relações, ainda que prevaleça por muito tempo a memória demarcada pela educação física fora da sala de aula, que justifique em muitos momentos suas escolhas. A vida social, os caminhos trilhados são carregados por diversos significados.

As mudanças pelas quais o homem passa, ocorre na medida em que este é inserido na sociedade, uma vez que, tais mudanças dependem das relações estabelecidas com o outro sujeito, com o mundo (VIGOTSKI, 1998). Assim, os professores entrevistados constituem suas teias de relações sociais (escolas, grupos de professores que se relacionam cursos que frequentam), se desenvolvem enquanto homem e enquanto professor.

Como afirma Rossi e Hunger (2012), o ser professor é constituído mediante sua inserção no meio social, cultural e histórico e, embora o corpo profissional apresente semelhanças numa determinada fase da carreira docente, o percurso de cada professor tem suas singularidades.

Neste processo de se constituir professor, reconhecendo sua identidade profissional, as memórias das suas experiências produzem práticas docentes que vão se transformando a cada troca de experiência, a cada nova maneira de olhar o mundo.

²⁸Entrevista concedida a autora por Eduardo Costa Vieira em 11 de setembro de 2014 na cidade de Jequié-BA.

Característica marcante dos professores formados antes da expansão da Educação Física e da formação das primeiras turmas da UESB, foi o fato de este período ter sido demarcado pelo vasto campo de atuação naquele momento histórico, tendo em vista, na região interiorana da Bahia, ser bastante escasso a presença destes profissionais, realidade esta, vivenciada por estes profissionais que de imediato conseguiram trabalho, assim que adentraram o campo universitário, dando início a carreira docente como estagiários e os que não quiseram, assim que terminaram a licenciatura não tiveram problemas para entrar no mercado de trabalho, atuando na sua área de sua formação. É claro que em suas memórias, o desemprego não esteve presente em nenhum momento.

A seguir apresento a memória dos professores entrevistados a partir dos fatos rememorados daqueles que tiveram a experiência de iniciar a Licenciatura em Educação Física a partir dos anos 2000. A intenção é compreender o processo de rememoração dos professores englobando três momentos distintos: a experiência com a educação básica, experiência no ambiente universitário e o início da sua atuação profissional.

3 A MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES QUE INICIARAM SUA GRADUAÇÃO A PARTIR DO ANO 2000

Nesta seção, a memória dos professores entrevistados será apresentada a partir dos fatos rememorados daqueles que tiveram a experiência de iniciar a Licenciatura em Educação Física a partir dos anos 2000. A intenção é compreender o processo de rememoração dos professores narradores, englobando três momentos distintos de formação: a experiência com a educação básica, experiência no ambiente universitário e o início da sua atuação profissional. Nestas experiências identificarei e problematizarei a da educação física desde a Educação Básica até o os respectivos cursos de formação. O propósito é perceber em que medida o curso de formação teria impactado a Educação física perpetuada durante a Educação Básica.

Iniciei este capítulo apresentando os atores principais deste momento. No presente quadro identifico e caracterizo os professores entrevistados no estudo, evidenciando as seguintes características: Identificação, Universidade que realizou o curso de Licenciatura em Educação Física, período de formação, ano que inicia sua atuação profissional, escola que atua, ano que iniciou na rede estadual, exercício em outra atividade e curso de especialização.

Tabela 2. Identificação e caracterização dos professores-narradores

Identificação	Universidade que realizou o curso de Licenciatura em Educação Física	Ano que iniciou sua atuação profissional	Escola que Atua	Ano que iniciou na rede estadual de Educação	Exercício em outra atividade remunerada fora do magistério	Pós-Graduação
Temístocles Damasceno Silva	UESB 2001-2005	2005	Escola Estadual Maria Jose Lima Silveira	2012	Não	Especialização Atividade Física e Saúde – FTC ²⁹ (2006) Especialização Metodologia da Educação Física

²⁹Faculdade de Ciências e Tecnologia de Jequié/BA, FTC – JEQUIÉ.

						e do Esporte – UESC ³⁰ (2012) Mestrado em andamento em Desenvolvimento Regional e Urbano - Universidade Salvador (Início 2011)
Júlio César Oliveira Luz	UESB 2001 - 2005	2005	Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães	2007	Instrutor de academia do Serviço Social do Comercio	Especialização em Educação Especial – FTC (2004) Especialização em andamento em Gerontologia – UESB (2006)
Ianny Caroline Melo de Souza	UESB 2005 - 2009	2009	Colégio Estadual César Borges	2011	Não	Especialização em Atividade Física, Educação e Saúde para Grupos Especiais – Faculdade da Cidade do Salvador (2011) Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte – UESB (2013)

³⁰Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC.

Rafael Carlos Lavigne Dinniz	UESB 2005-2009	2009	Colégio Estadual Professora Anita	2011	Não	Especialização em Atividade Física, Educação e Saúde para Grupos Especiais – Faculdade da Cidade do Salvador (2011) Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte – UESB (2013)
---------------------------------------	-------------------	------	--	------	-----	--

Fonte: Entrevistas e currículo lattes dos mesmos.

Neste contexto, têm-se apenas professores egressos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB e que realizaram o curso de Licenciatura em Educação Física em períodos próximos. O professor Temístocles Silva e professor Júlio César são da mesma turma bem como, a professora Ianny Souza e Rafael Carlos também. Estes dois últimos iniciam o curso de graduação no período em que os professores, Temístocles Silva e Júlio César, já haviam concluído a sua graduação.

Desta forma, os professores Rafael Carlos e Ianny Souza, começaram o seu curso no período em que os professores Temístocles Silva e Júlio Cezar dão início a sua carreira profissional no exercício pleno de sua formação. Neste contexto, temos a vivência do mundo acadêmico ocorrendo do ano de 2001 até o ano de 2009.

Outro ponto a destacar no grupo é que apenas o professor Temístocles Silva é advindo da escola pública no período da educação básica pública, enquanto todos os outros estudaram os anos anteriores à universidade em escolas da rede privada de ensino. Assim sendo, o fato de Temístocles Silva ser advindo da rede pública de ensino o diverge dos demais colegas que vieram da escola particular, principalmente quando se leva em consideração o ensino da educação física, que provavelmente se diferenciava de uma rede de ensino para outra, ou seja, da escola pública para a escola particular, fato este que pôde ser verificado no momento dos relatos da entrevista cedida pelos professores aqui destacados.

A seguir apresentarei as experiências de formação dos professores entrevistados durante o ensino básico, neste momento a educação física relembada não é mais resumida à prática esportiva, agora a educação física abre um leque de possibilidades de conhecimentos, especialmente durante os anos do ensino médio.

3.1 “ENTÃO A GENTE DISCUTIA MAIS ATIVIDADE FÍSICA E EXERCÍCIOS, ESSES CONTEÚDOS PRA SUBSIDIAR”: A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALÉM DAS MODALIDADES ESPORTIVAS

Neste capítulo transcenderei a minha análise para as possibilidades de conhecimentos que começam a ser apresentados nas aulas de Educação Física. O universo da Educação Física começa sofrer modificações. Encontramos nas memórias apresentadas, o esporte enquanto uma prática a ser desenvolvida na escola e sob a responsabilidade do professor, não aparecendo nas memórias os professores não formados atuando no ambiente escolar. As modalidades esportivas acontecem no turno oposto e não existe a obrigatoriedade de participação. Segundo os professores entrevistados, ouve uma diminuição da carga horária da disciplina durante os anos do Ensino Médio, diminuindo assim, a quantidade de aulas.

Neste ponto, levantei a reflexão sobre a formação dos professores de Educação Física. A universidade começa a cumprir este papel e, nas memórias já aparece à educação física lecionada por professores formados. O professor Temístocles Silva e Júlio César realiza a educação básica até o ano 2000, momento em que ainda não tinha professores formados pela UESB, fato este que me leva a questionar quais professores de educação física estavam na escola? UFBA e a UCSAL contribuíram para esta realidade em solos do interior?

Enquanto que os professores que ingressaram no curso em 2005 vivenciaram a educação básica em período anterior, assim os professores de educação física no ensino médio destes professores entrevistados já poderiam ser os professores egressos da UESB, a primeira turma a colar grau foi no ano de 2001. Assim, observo que ainda que em menor escala a partir dos anos 2000 já começa a existir um movimento de formação de professores de Educação Física nas escolas do interior baiano.

Nessas circunstâncias, por mais que exista uma lei que garanta a educação física enquanto disciplina pedagógica desde 1996, o que contribuiu para o início de uma mudança é a nova realidade vivenciada pelo contexto local, ou seja, a partir do ano 2000 a expansão da formação em Licenciatura em Educação Física começa expandir e suprir as necessidades de Jequié e região.

A educação física desde a lei 9.394/96 está integrada a proposta pedagógica da escola, podendo ser oferecida no mesmo horário das demais disciplinas. O parágrafo 3º do artigo 26 estabelece que, “a educação física integrada à proposta pedagógica da escola, é um componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 1996).

Neste âmbito, nas memórias dos professores entrevistados que iniciou sua formação no nível superior a partir do ano 2000, a Educação Física começa a ser recordada no mesmo período das outras disciplinas, ficando para o turno oposto apenas a prática da modalidade esportiva.

O Professor Temístocles Silva pontua que a educação física em meados da década de 90 *“tinha regular. [...] você complementa sua carga horária, por que você tinha 1 (uma) aula em sala e essa prática que não tinha seria uma prática da própria educação física, mas seria uma prática esportiva, que fecharia em 3(três) aulas.”*

Na narrativa do professor Temístocles Silva, além de certificarmos a aula de educação física no turno regular de ensino, constata-se como a memória é sempre a reformulação do que foi vivido e sua transmissão varia de acordo com o momento narrado. Ou seja, durante a construção da narrativa temos um professor de Educação Física que passou por todo período da educação básica e universitário e ao relatar suas aulas de educação física durante os primeiros anos da educação básica transmite o passado e ao mesmo tempo, passa a sua visão do momento atual sobre o fenômeno relatado.

Esta é uma característica marcante desse professor durante toda a sua narrativa, sua memória na maior parte das vezes, apresentava o fato ocorrido e logo depois faz uma análise a partir do professor que se tornou hoje.

Dito de outra forma, a memória é sempre reformulada, o momento narrado irá interferir diretamente a transmissão das lembranças, visão esta que o professor tem hoje sobre o fenômeno que influencia o modo como será contado.

O professor na sua fala deixa claro que na educação física regular tinha apenas uma aula teórica, enquanto a prática esportiva eram 2 (duas) aulas, *“não seria uma prática da educação física”*, mas sim uma prática desportiva. No período vivido seu pensamento poderia ainda não ser este. Será que uma criança com 11 a 12 anos de idade teria maturidade suficiente para compreender que a aula no turno regular é de educação física, enquanto as aulas que aconteciam à vivência de uma modalidade esportiva não eram educação física e sim uma prática esportiva?

Ainda hoje no cotidiano escolar, os estudantes da educação básica compreendem, na maioria das vezes, que educação física é resumida ao momento da prática esportiva. Com isso, a probabilidade do professor na educação básica seguir este mesmo pensamento é maior, uma vez que, o mesmo também apresenta que neste momento a cidade vivenciava a efervescência dos jogos escolares e a educação física era ligada diretamente aos jogos escolares.

[...] se faziam as equipes para apresentar o colégio que na época estávamos na efervescência Polivalente e IERP, que era a grande rivalidade quando se tinham os jogos de recreação, que eu não cheguei a atuar em quadra, mas você tinha toda uma vista, era um grande, mega evento.³¹

Não só o professor Temístocles Silva ressalta o esporte como um conhecimento tratado, melhor dizendo, vivenciado nas aulas de educação física. Todos os professores entrevistados apresentam o ensino do esporte. *“Eram centradas no esporte mesmo, principalmente as modalidades”*³² *“ingressava na 5º série agente começava com as aulas de iniciação esportiva”*.³³

Ressaltamos também que é possível perceber que o momento histórico narrados pelos professores entrevistados, representa um estágio da educação física enquanto modalidade esportiva e a educação física no horário regular praticamente não existiam, ou seja, as concepções teóricas de alguns saberes necessários que o ensino desta disciplina pode favorecer, ficando restritas exclusivamente as modalidades esportivas, situação vivenciada especialmente pelos professores que estudaram o ensino fundamental II nas escolas particulares. A professora Ianny deixou esta situação bem clara na sua narrativa, afirmando que no ensino fundamental a educação física estava relacionada exclusivamente a prática desportiva, circunstância que se modifica ao iniciar o ensino médio.

[...] e tinha as aulas de educação física aí logo que a gente ingressava na 5ª série a gente começava com as aulas de iniciação esportiva que era no turno oposto, a gente não tinha aula de educação física como a gente tem hoje né? Inserida no currículo nos horários normais né? Aí a gente já escolhia, a partir da 5ª série a gente já escolhia o esporte que a gente já queria praticar aí tinha assim eles faziam teste de aptidão né? Logo que a gente entrava na 5ª série, então a gente passava por teste de aptidão, é media, pesava, o médico examinava a gente fazia aqueles exames pra ver reflexo entendeu? [...] Então

³¹ Entrevista concedida a autora por Temístocles Damasceno Silva, 22 de julho de 2014 na cidade de Jequié - BA.

³² Entrevista concedida a autora por Júlio César Oliveira Luz, 28 de julho de 2014 na cidade de Jequié - BA.

³³ Entrevista concedida a autora por Ianny Caroline Melo de Souza, 18 de julho de 2014 na cidade de Jequié - BA.

a gente é já entrava e é fazia a opção né? Ou a gente escolhia o vôlei dentro das oportunidades que tinha que era o vôlei, basquete futebol, futsal e só³⁴.

[...] Aqui em Jequié, foi quando vim pra cá pra Jequié, é agente saiu de Fortaleza, passou em Salvador um “períodozinho” curto, e veio pra Jequié em 97, aí o 1º ano em 97, 96 nessa época, não to lembrado de exatamente, mas vim estudar no Dinâmico aqui em Jequié, e eu pedi o 1º ano, primeira vez. Sai do Dinâmico fui pro CEMS perdi de novo, lá o 1º ano, (...)Aqui em Jequié mesmo no 1º ano quando tava aqui em Jequié. Comecei a se interessar mais pelo esporte né? Pela prática esportiva em si, e como eu era bom no gol, eu comecei a fazer parte da seleção do Dinâmico, e viajar aqui tudo, nesses “interiorzinhos” aqui da Bahia toda, aqui perto de Jequié, mas ainda que é daqui do colégio, então comecei a interessar mesmo pela questão esportiva.³⁵

Deste modo, não podemos negar que o esporte aparece forte nas aulas de educação física e segue o mesmo padrão do esporte apresentado pelos professores entrevistados do primeiro capítulo. No entanto, o leque dos conhecimentos da disciplina pedagógica da educação física começa expandir

O professor Temístocles Silva e a professora Ianny Souza, já apresentam novas experiências com o ensino da disciplina no ensino médio, já deparando notoriamente com novas oportunidades de conhecimentos a serem tratados nas aulas de educação física.

[...] tinha esse sistema de educação física ser no mesmo turno, e aí tinha a prática esportiva no turno da tarde, e aí fazia caminhada pelo centro de Jequié todo, e voltava pra escola, eu que negocio chato. [...] Era basicamente nisso. De vez em quando que tinha uma gincana, um caça tesouro, alguma coisa assim ou um texto interessante pra ler tal, mas era assim raramente entregava uma bola. [...] Ou alongamento também tinha sempre um alongamentozinho³⁶.

Já começava na 5ª. Isso! A gente tinha parte teórica em sala discutia corpo, higiene, lazer assim a forma que eu lembro algumas frases de um professor meu que hoje dando aula de lazer eu vejo equívocos né? Tipo há que a parte que você sai de casa no carro pra ir até o destino da viagem isso não conta como lazer, por que é estressante, a gente entende hoje que lazer nem sempre vai ter prazer, então eu faço algumas reflexões³⁷.

Outras possibilidades do trabalho com a educação física começam aflorar nas memórias narradas pelos professores. Agora, a Educação Física não se resume apenas a

³⁴ Entrevista concedida a autora por Ianny Caroline Melo de Souza, 18 de julho de 2014 na cidade de Jequié – BA.

³⁵ Entrevista concedida a autora por Rafael Carlos Lavigne Dinnis, 18 de junho de 2014 na cidade de Jequié – BA.

³⁶ Entrevista concedida a autora por Ianny Caroline Melo de Souza, 18 de julho de 2014 na cidade de Jequié – BA.

³⁷ Entrevista concedida a autora por Temístocles Damasceno Silva, 22 de julho de 2014 na cidade de Jequié – BA.

prática de uma modalidade esportiva, mas sim, ao ensino de outros conhecimentos e leituras de textos, realidade que até então, em nenhuma fase escolar foi demonstrado pelos informantes desta entrevista.

Neste momento, os entrevistados já pontuam o trabalho com textos que tratavam de assuntos diversos nas aulas de Educação Física, ou seja, texto que apresentavam conteúdos direcionados a manter uma qualidade de vida, através não só da atividade física, mas também por meio de uma alimentação saudável, a importância de se obter hábitos saudáveis de cuidar da vida e da saúde como um todo.

Assim sendo, os entrevistados pontuam que as práticas escolares do ensino da educação física já não atuam tanto na perspectiva do esporte em si, mas são conferenciados outros pontos, como corpo e lazer.

Os professores Júlio César e Rafael Carlos não apresentaram em sua memória momento da educação física para além das práticas esportivas. Ambos foram atletas da escola e representaram a escola em eventos esportivos, o que pode justificar as lembranças estarem restritas aos momentos da prática esportiva e jogos representando a escola durante a educação básica.

A respeito da recordação do que foi vivido Halbwachs (2003) sinaliza que a memória é seletiva, nem todos os fatos ficam registrados e as pessoas só têm recordações dos momentos que por alguma razão ficaram marcados em suas vidas, recordam os momentos que dão importância.

Deste modo, não podemos inferir que a educação física era restrita a prática esportiva, mas que nas lembranças destes professores o que fica de significativo são esses momentos. Talvez a não lembrança seja pelo simples fato de estes não exercerem importância para a sua memória, uma vez que, obtiveram grandes êxitos nas práticas esportivas na qual eles participavam em eventos representando a instituição escolar onde eles estudavam. Neste sentido, outros conhecimentos de educação física poderiam não ter nenhuma significação ou representação para os professores e, por isso, a não lembrança.

Outro ponto ressaltado foi à diminuição da carga horária da disciplina Educação Física com o passar dos anos no ensino básico, o professor Temístocles Silva sinaliza que:

Já o ensino médio já tava decaindo um pouco, [...] No ensino médio, que aí a gente acaba focando, acho que há uma diminuída na prática esportiva, [...] então a gente tinha educação física direcionada já pro vestibular. Então a gente discutia mais atividade física, dos exercícios, esses conteúdos para subsidiar.

A LDB no artigo 22 assegura que o ensino médio “tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” e o artigo 36 afirmam que o ensino médio é a “etapa final da educação básica” (BRASIL, 1996).

A função atribuída ao ensino médio é o de encenar uma conclusão dos estudos na educação básica. Ele é voltado para a formação de trabalhadores ou o ensino preparatório para a universidade. O professor Temístocles Silva enfatiza na sua narrativa a que a prática desportiva não era cobrada no vestibular, logo no momento do Ensino Médio esta prática deixa de ocupar um lugar central nas aulas de educação física, dando espaço a conteúdos que eram exigidos no vestibular. A prática esportiva deixa de ser obrigatória e passa a ser opção.

A escola se enquadra nos modelos ideais da sociedade do trabalho, devido às exigências do próprio modelo do sistema político vigente não só no contexto brasileiro, mas, sobretudo, no contexto mundial, onde é notória a excessiva valorização do vestibular vivida nos últimos anos, que essencialmente é considerado a maior meta do processo de ensino, especialmente no período vivenciado pelos professores entrevistados. É neste sentido que observamos a “valorização” de algumas disciplinas no momento em que o aluno escolhe prestar vestibular para um dado curso, como sendo aquelas que têm um “peso maior” para alcançar a tão sonhada aprovação no curso preterido.

Até então os professores entrevistados endossavam a necessidade de frequência nas atividades do turno oposto para obter a aprovação na disciplina. Temístocles Silva afirma: *“Tinha obrigatoriedade da ação. Fiz basquete, mas não criei 100% de vínculo. Fiz pela necessidade de aprovação da disciplina.”* *“A nota de educação física era dada pela frequência nas aulas de esporte”*, relata a professora Ianny Souza. No entanto, no período do ensino médio esta realidade foi se modificando.

Faz-se necessário ressaltar que a prática esportiva nas narrativas dos professores, Temístocles Silva e Ianny Souza, ainda estava presente na escola e durante o ensino fundamental, era importante a sua frequência a fim de uma aprovação, contudo durante os anos do ensino médio deixa de ser obrigatória e passa a ser opcional. *“Tinha! Todavia, a pessoa que quisesse de forma facultativa ela teria acesso a essa prática”*. *“[...] tinha esse sistema de educação física ser no mesmo turno, e aí a prática esportiva no turno da tarde, mas... ninguém me disse que eu tinha esta prática esportiva eu fiquei achando... que era só um turno.”* Discurso dos professores citados acima.

Temístocles Silva menciona um fator interessante e não pontuado pelos professores entrevistados, que foi a desvalorização sofrida pela disciplina que teve sua carga horária

diminuída. Durante o ensino fundamental eram 3 (três) aulas de educação física, 1(uma) em sala de aula e 2 (duas) no contra turno voltada as modalidades esportivas, enquanto no ensino médio presenciamos uma diminuição, já no terceiro ano do ensino médio são lembradas apenas 1 (uma) aula de educação física, agora, já voltada para os conteúdos delimitados para o vestibular. *“Aí você vê uma desvalorização da disciplina. E eu sinto isso em alguns colégios hoje, ainda este tipo, ah não! O vestibular. Principalmente o terceiro ano, não vai ter porque tem que estudar para o vestibular”*.

A professora Ianny Souza, também pontua a diminuição da carga horária e bem como a valorização do vestibular, *“então no terceiro ano também tinha essa coisa que a gente não tinha educação física, a gente era liberado da aula de educação física. Não tinha para ninguém por conta do vestibular”*.

Mas, quando se aponta para o fato da continuidade, observei que durante o ensino fundamental o foco das aulas de educação física era centrado no esporte, e no ensino médio, ainda que exista a prática do esporte passa a serem atrelado a outros conhecimentos. Então nos perguntamos, será que realmente existia a continuidade do ensino durante o ensino médio? Ou reconhecemos um momento em que a educação física começa a perder seu conteúdo e os professores das escolas básicas vão caminhar a disciplina diante de outros anseios, principalmente o do vestibular?

Os professores Júlio César e Rafael Carlos não pontuam a diminuição das aulas de Educação Física no período do ensino médio, o que nos levam a entender que a prática esportiva e representar a escola nos jogos escolares ainda eram valorizados no ambiente escolar, já que os mesmos eram atletas no período em que eram estudantes da educação básica.

Diante dos fatos narrados, constatamos divergência e convergência nos caminhos trilhados pelos professores entrevistados na experiência na educação básica, especialmente na sua relação com a disciplina pedagógica educação física, apesar disso todos seguem a mesma escolha profissional, prestam vestibular para o curso de Licenciatura em Educação Física.

A seguir apresentaremos as memórias do período universitário, agora futuros professores de Educação Física. Destacaremos os fatos significativos desta nova fase, ou seja, o que foi lembrado quando indagados sobre o período da Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

3.2 O PERÍODO ACADÊMICO: A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: “EU CHEGO COM A IDEIA DA PRÁTICA ESPORTIVA, MAS ELA É DESCONSTRUÍDA AO PASSAR DO TEMPO”

No tópico anterior, apresentei a memória dos professores sobre sua vida na educação básica, onde o esporte ainda aparece, mas o leque começa se abrir e a Educação Física foi apresentada de outra forma. Agora, inclinaremos nossos olhares para o período acadêmico. Assinalamos o que marcou o momento universitário destes professores, especialmente, no que tange a sua relação direta com a Licenciatura em Educação Física.

Primeiramente estabelecerei os motivos que levaram escolher o curso de Educação Física, para então conhecer as trajetórias percorridas pelos professores entrevistados. Um ponto que caracteriza este grupo é a não certeza da escolha, a educação física aparece como uma conveniência, apenas o professor Júlio César apresenta a certeza da sua escolha profissional. Como o professor Júlio César teve uma aproximação significativa durante a educação básica, conclui a etapa na certeza de continuar com o esporte em sua vida, logo, escolhe a Educação Física como profissão.

O professor Temístocles Silva afirma: “*é, eu ainda não sabia, tinha algumas coisa que me atraía assim, tipo direito.*” A professora Ianny Souza apresenta mais claramente como não tinha certeza das suas escolhas profissionais.

Mas, aí eu ficava assim em duvida, sem saber eu pensei enfermagem, medicina esses negócios nunca quis não, mas eu já pensei em arquitetura já pensei em fazer artes plásticas, já pensei fazer farmácia por conta de medicação remédio essas coisas, e também é enfermagem né? [...]Eu fiz meu vestibular pra Biomedicina eu fiz Arquitetura também na UFBA, Biomedicina foi na UESC e na UESB eu fiz pra Enfermagem foi Enfermagem gente? Foi enfermagem e a 2ª opção engenharia ambiental porque eu queria também trabalhar com essa questão de meio ambiente desde cedo.

Cursar educação física não é primeira opção, ela aparece apoiada em outro contexto, a partir de outras necessidades. O que pode ser fundamentado pelo o esporte não aparecer como cena principal da vida escolar destes professores e a não valorização da disciplina durante os anos finais do ensino médio.

Na primeira escolha dos professores eles não são presenteados com a aprovação, logo, no ano seguinte, escolhem o curso de Educação Física, agora impulsionado por outro objetivo, ter o status de universitário. Nessa situação como apresentaram proximidade com o esporte, em maior ou menor escala no ensino básico, escolhe prestar vestibular para Licenciatura em Educação Física. Temístocles Silva relembra:

Falei, sabe de uma, sempre gostei de jogar bola, a idéia da educação física né? Sempre gostei da prática esportiva, vou ver, se eu não me identificar eu tenho uma ponte para o status da Fisioterapia né? Mesmo não entendendo o que é fisioterapia, mas eu tinha como pular pra lá né?

Minha mãe falou, chegou a falar comigo né? Acho conversando sobre essa questão de profissão ,ela falou oh vei! tu gosta de dançar, tu gosta de esporte, e tu gosta de [...] porque tu não faz logo essa Educação Física. já é aqui tu não vai precisa sair e tal. É só pra passar, depois tu ver o que tu faz. Troca de curso que tem essa questão de transferência né? E é área de saúde tu transfere pra o que tu quiser aí eu falei é, eu vou fazer³⁸.

Como ressaltai no início do texto, ambos os professores não foram atletas durante seu período escolar, não representaram a escola em eventos esportivos e em suas memórias aparecem outros conhecimentos que experimentaram durante a vida escolar e ainda assim, a representação do esporte contribui para a escolha profissional. Não obtendo aprovação no primeiro momento, buscam outros caminhos para ter o status de universitário. *“preciso entrar aí, já não era mais a questão do status do curso, era entrar. Por que o status agora era ser universitário”*, sinaliza o professor Temístocles Silva.

Ainda que seu objetivo principal fosse seguir outros caminhos, o gosto pelo esporte ou atividades físicas influencia a escolha profissional. Os professores não têm claros e definidos o gosto pela profissão de professor, especificamente de professor de Educação Física.

O fato de buscarem o curso de Educação Física partiu da necessidade de estar no ambiente universitário, tornando assim, um caminho inverso da afirmativa de que todos os alunos buscam o curso de Educação Física pelo simples gosto do esporte.

Encontramos neste contexto, uma motivação diversificada para as escolhas profissionais, o desejo de fazer outro curso. O curso de Licenciatura em Educação Física é lotado no Departamento de Saúde - DS, então é possível a transferência interna para outro curso do mesmo departamento, ou seja, o objetivo de um curso de maior status é possível por outro caminho. Um curso no departamento de saúde, mesmo sendo uma licenciatura, existe a possibilidade de transferência para cursos como enfermagem, fisioterapia e medicina.

Conforme cita as informações do site da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia:

O curso tem como objetivo a formação do aluno em licenciatura plena, habilitando o profissional de Educação Física a exercer sua função educadora, prioritariamente, na área forma (fundamental e médio e superior), possibilitando também aquisição de conhecimentos genéricos na área não

³⁸ Entrevista concedida ao autor por Ianny Caroline Melo de Souza, 18 de Julho de 2014 na cidade de Jequié-BA.

formal (academias, condomínios, associações desportivas, clubes, centro sociais urbanos, clínicas e entre outros).

Neste contexto, temos um curso que em seus objetivos deixa claro que a sua ação principal é formar professores, e ainda assim, é lotado no departamento de saúde, questão que precisa ser desdobrada em outros estudos, fato este que não é uma realidade exclusiva da UESB, mas da UEFS e UESC também. Qual a interferência desta situação na formação dos futuros professores de Educação Física? Qual a visão dos estudantes do curso sobre esta situação? Quais são os impactos para a formação?

Quanto aos projetos dos cursos das Universidades Estaduais Baianas, Pires (2007) aponta os avanços dessas universidades no solo baiano, pois são reflexos das produções acadêmicas dos últimos 20 anos da Educação Física Brasileira, que buscam superar os modelos tecnicistas de educação e sua sustentação são as correntes conhecidas como progressistas da Educação e da Educação Física nacional, além de contar com um grupo de professores concursado egressos do curso da UFBA.

Neste sentido, é inegável que a escolha pelo curso em destaque, está ligada em maior ou menor grau as experiências vividas no ambiente escolar, especificamente nas aulas de educação física. Este fato é refletido de alguma maneira quando estas experiências são trazidas na memória dos professores apresentando significados e valores que os levaram a escolher o curso de Educação Física.

Santini e Molina Neto (2005) salientam que mesmo não havendo convicção na hora da escolha profissional, é possível após o ingresso da pessoa no curso de Educação Física, desenvolver competências específicas para o desempenho que o trabalho exige, caracterizando, assim, com o passar do tempo, o desenvolvimento do processo de identidade com o curso escolhido.

Inicia-se a vida acadêmica não pelo desejo de ser professor, mas sim, estar no ambiente universitário, porém no caminho se descobrem enquanto professores e trilham este percurso até o final.

Mesmo com diversas motivações, todos estão no curso de Licenciatura em Educação Física e as marcas deixadas pelo curso são diversas nas narrativas. Como pontuado no início do capítulo, Temístocles Silva e Júlio César são da mesma turma, logo vivenciaram o mesmo momento histórico da universidade, mas a marca deste período na memória é distinto. O que fica cravado na memória é particular, narram o que ficou de mais importante para a sua formação.

Temístocles Silva resume em grande parte a sua vida universitária ao momento dos movimentos político, a luta pela melhoria do curso. São egressos da terceira turma, mas ainda sofreram com falta de estrutura adequada para a realização de algumas aulas que necessitavam de um espaço apropriado.

A minha geração é aquela que lutou pelo ginásio, lutou pela piscina. A gente conseguiu ficar aqui acampado 72 dias, gente fala hoje ninguém consegue perceber. A gente trancou a universidade. Falou não, só volta quando tiver as coisas saindo do papel. A gente fez lá inauguração simbólica da piscina, então a gente acabou não usufruindo disso que ta posto hoje, mas em contrapartida colaboramos historicamente principalmente por essa formação nossa que foi muito na idéia político né?

Ao passo que o professor Júlio César destaca o seu envolvimento com o mundo universitário as atividades acadêmicas proporcionadas pelo curso. Situação que o Temístocles Silva não pontuou.

Então nesse período eu tive a oportunidade de vivenciar atividade tanto no ensino como na extensão né? [...] Eu tive uma experiência, enquanto monitor da disciplina recreação e lazer né? Um período que a gente passou um semestre junto com professor Cesar Pimentel. Durante a graduação também tive experiência como monitor da disciplina natação né? [...] a pesquisa a gente teve a oportunidade, eu tive a oportunidade durante a graduação de participar do núcleo da atividade física na UESB pro NEAFS né? [...] Na verdade naquele período foi o primeiro núcleo na área de educação física na universidade, aí a gente teve a oportunidade de junto com o professor Jair Sindra tá desenvolvendo alguns trabalhos, alguns estudos pra ta apresentando em alguns eventos, eventos tipo estadual e regional, um exemplo o nordestino.

Presenciamos episódios diferentes em um mesmo momento, o que se justifica como aponta Portelli (1997) “apoiar-se em episódios pode ser o caminho para salientar sua importância”. Para o professor a maior valia na sua vida acadêmica foram os movimentos realizados pelos estudantes com o objetivo da melhoria na estrutura física da universidade e assim alcançar melhores condições de ensino, enquanto o professor Júlio César pontua a relação com a pesquisa, ensino e extensão.

Toda esta experiência contribuiu para que os futuros professores ampliassem sua visão sobre o que é a educação física e de como deve ser uma atuação adequada do professor desta disciplina. A educação física que conheciam até então, começa a adquirir novas conotações. O professor Júlio César afirma: *“não tinha ideia do que era, eu tinha uma experiência com a prática esportiva, que hoje eu sei que na sua essência não contempla o que eu acredito como*

é a educação física e que eu chego com essa ideia aqui, mas é desconstruída com o passar do tempo”.

Não posso deixar de assinalar que estes professores mudam suas concepções acerca da educação física, mas ainda assim, carregam traços do que era a educação física nas suas vidas escolares. O professor Júlio César deixa claro estes traços quando menciona: *“na graduação comecei a fazer um trabalho nessa escola com a modalidade handball, não foi um trabalho de educação física né?”*, em outro momento ao se referir à educação física assinala: E continua: *“Então, assim eu no período da graduação foi bastante vasto em relação à experiência, então assim eu tive oportunidade de acumular muitas técnicas voltadas à área de educação física”*.

Ao mesmo tempo em que compreende a diferença entre educação física e prática esportiva ao se referir a sua vida acadêmica, seu relato perpassa sobre as formas de como ocorreu à aquisição dos conhecimentos das técnicas da área de educação física. Ou seja, ainda são vivas em sua memória as marcas deixadas pela educação física no momento anterior a universidade, sua relação anterior ao momento universitário era direcionada exclusivamente as vivências com o esporte.

Observamos que no período compreendido entre os anos 2000 a 2004 os alunos do curso de Educação Física da UESB têm a oportunidade de desfrutar de um ambiente acadêmico que vivencia a luta pela melhoria do ensino, mas que também tem uma formação acadêmica que busca apresentar aos estudantes o tripé de uma universidade: Ensino, pesquisa e extensão.

Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), a universidade é local que oferece o ensino superior, nos artigos 43 a 57 declara que a finalidade da educação superior é excitar a criação cultural e o desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo, como também formar profissionais em diferentes áreas do conhecimento, aptos para inserirem no mercado de trabalho também, além de incentivar a pesquisa e a iniciação científica, bem como o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e a difusão da cultura, provocar o desejo de aperfeiçoar-se culturalmente e profissionalmente e propiciar o conhecimento, seja ele de nível global, nacional ou regional, estabelecendo com a comunidade uma relação de reciprocidade, promovendo assim a extensão, aberta à participação de todos (BRASIL, 1996)

É necessário compreender a Universidade como uma instituição de ensino que desenvolve um projeto articulado entre ensino, pesquisa e extensão. Estes três eixos norteadores devem coexistir de modo que, durante a graduação, o aluno tenha a possibilidade de vivenciar uma boa formação para o seu futuro profissional.

A Universidade é uma instituição educacional diferente da educação básica, por apresentar a possibilidade do desenvolvimento da pesquisa e da extensão juntamente com o ensino. Desta forma, ao ingressar na Universidade, o aluno depara-se com uma nova realidade, em relação ao que ele já vivenciou anteriormente em sua vida escolar.

É preciso despertar no acadêmico o interesse de se qualificar da melhor forma possível, convencendo-o de que isto é elemento imprescindível de sua formação. Nesta perspectiva, o discente deve participar efetivamente deste sistema, no qual ele tem liberdade de aprender, pesquisar e participar de projetos voltados para a comunidade.

Assim, destacamos que cabe a universidade proporcionar aos seus educandos o ensino, a pesquisa e a extensão. Durante o período de formação inicial o aluno deve encontrar na Universidade um curso que garanta a assimilação do conhecimento por meio deste tripé, ou seja, o conhecimento deve ser adquirido por meio de um ensino de qualidade, pela participação em projetos de extensão e pela pesquisa científica.

Neste contexto, é notório o avanço dos cursos em Educação Física, especialmente a partir da formação de professores nas Universidades Públicas baiana, especialmente a UFBA, fazendo com que ampliasse o quadro de profissionais formados nesta área, tendo em vista, ser este campo bastante escasso de professores, realidade que era mais visível severa no interior baiano, começando desta forma, a resolver o problema da falta de professores licenciados em Educação Física em sala de aula. Neste sentido, a existência de uma universidade que cumpra este papel já é um grande avanço para área.

Pires (2007) aponta que os professores das Universidades Estaduais baianas, na maior parte das vezes, são oriundos da formação da UFBA, muitos iniciam a atuação profissional como professores universitários apenas com o diploma de licenciatura e é no movimento da universidade que estes professores vão se qualificando e obtendo diplomas de mestres e doutores, logo é de se esperar que no início do curso na Universidade ainda não tenha pesquisa e extensão.

Acredito que outras pesquisas estão sendo feitas, especialmente com os alunos que se formaram a partir do ano de 2010. Outras realidades podem ser encontradas, já que se faz mais de 10 anos de curso o que provavelmente, nos remete a imaginação de que seu corpo docente tenha alcançado seus diplomas de mestrado e doutorado e a pesquisa e extensão, caminhem junto com o ensino.

Os professores que iniciaram sua vida acadêmica no período de 2005 até 2009 não apresentam com tanto detalhe seu envolvimento na vida universitária. A professora Ianny Souza, por questões particulares, apenas cumpre com o currículo, enquanto o professor Rafael

Carlos apresenta este momento como uma oportunidade de estudos, “*o caminho traçado aqui no que eu queria pro estudo*”, este relata a falta de apoio da universidade para a pesquisa.

Fiz alguns congressos, participei de alguns eventos, escrevi alguns artigos também, na raça e na coragem sozinho praticamente alguns. No terceiro semestre, segundo semestre mesmo quis fazer um artigo, não sabia nem o que era um artigo na minha vida, nunca tinha vista, peguei na biblioteca um livro que Franknei me orientou a pegar, e ele me deu uma ajuda né? Nesse sentindo também ele me orientou bastante nisso, mais eu fui na cara e na coragem fazer alguns artigos escrevi, escrevi nesse período da faculdade uns cinco artigos, cinco ou seis artigos que eu publiquei todos né?

Novaes e Pires (2011) no texto que tem como título “O ato de pesquisar em Educação física: um olhar sobre um curso de graduação na Bahia”, objetiva compreender como se configura o ato de pesquisar nesse curso, no qual mesmo relata que nos estudantes participante da pesquisa afirmaram que a contribuição do curso de Educação Física da UESB para a pesquisa é restrita, além de pontuar a falta de divulgação dos projetos, o que de certa medida também torna restrita a participação.

Quanto à existência de linhas de pesquisa, Novaes e Pires (2011) pontua que, há debates sobre pesquisa no curso e o registro sobre a temática citado pelo Departamento de Saúde foi à aprovação de projeto de pesquisa e a formação do NEAFS (Núcleo de Estudos em Atividade Física e Saúde), cadastrado no CNPq, no entanto não foi citado nenhum debate ampliado sobre o tema.

É importante frisar que a realidade apresentada ocorre no período anterior a 2010, o que pode ser consequência de muitos professores estarem em qualificação. Logo, assim que retornaram para a Universidade começaram o movimento de grupos de pesquisas e extensão na universidade. Se os professores ainda estão em qualificação é provável que professores substitutos estejam atuando em seus lugares e dentro da conjuntura que vivia o estado baiano quando muito eles tinham apenas a especialização.

Demo (2005) defende que a pesquisa deve perpassar toda a vida acadêmica, do professor e do aluno. Não se pode falar em Universidade sem pesquisa. Ao pesquisar a ação dos educandos estarão voltadas a descoberta e criação, estarão sempre produzindo conhecimento do outro para si e de si para outro. Pesquisar coincide com a vontade de viver, de mudar, de transformar, de recomeçar, logo a universidade não pode apresentar fragilidade na pesquisa, assim como no ensino e na extensão.

Então, observamos que no relato do professor Rafael Carlos, aluno da nona turma, teve dificuldade no que tange o apoio a pesquisa e esta dificuldade pode está relacionada à

necessidade do surgimento de mais grupos de pesquisa, já que em 2004 o quantitativo de aluno passa ser em média 120, ingressando a cada ano cerca de 40 novos alunos. Neste sentido, cabe destacar, que quanto à extensão em nenhum momento foi citado pelo professor Rafael Carlos, deixando dúvidas se este eixo foi desenvolvido por ele no período universitário ou não.

Diante desta realidade contextualizada anteriormente, compreendo o momento histórico vivido pelos professores entrevistados, ocasião em que os professores da universidade ainda estão em qualificação, logo é possível compreender o porquê pontuam a necessidade de pesquisa na instituição.

Além das atividades acadêmicas proporcionadas pelo curso, os professores entrevistados destacaram as atividades extracurriculares, ou seja, aquelas atividades que não fazem parte do rol das disciplinas obrigatórias para a integralização do curso de Licenciatura em Educação Física e a sua relação com a escola. É interessante pontuar que mesmo se tratando de um curso de Licenciatura apenas o professor Temístocles Silva ainda no início da graduação começou atuar no ambiente formal, todos os outros a atuação ficou restrita ao ambiente não formal.

[...] vou também ao Piaget fazer, vou usar o laboratório, então muita gente passou como cobaia na minha mão. Aí vamos lá. Aí, eu comecei a estudar as disciplinas e descobri que dava pra ir além do quarteto fantástico, fazer jogos de outras culturas. Ai vem à idéia dos jogos indígenas, dos jogos africanos... Aí começo a pesquisar, aí vou lá ao Piaget e incremento isso.

O professor Temístocles Silva foi o único que pontuou a relação com o ambiente escolar antes do estágio curricular obrigatório, ou seja, aquele momento em que o graduando inicia seu contato direto com o ambiente escolar, ação que é mediada pelo professor supervisor da universidade juntamente com o professor titular da disciplina da escola na qual este educando irá estagiar.

Esta constatação vem de encontro aos estudos de Millen Neto et al (2002) ao pontuar que mesmo sendo um curso de licenciatura em Educação Física, “dos 300 questionários validados somente em 46 foram relatados estágio no âmbito escolar” (p.168). Neste estudo os autores buscam fomentar a discussão a cerca das condições e implicações de como a prática do estágio extracurricular tem se configurado para os alunos do curso de Educação Física como sendo essenciais para o período da sua formação, tendo em vista ser este momento em que o graduando estará de frente com o seu campo de atuação, podendo descobrir afinidade ou não com a profissão escolhida.

Durante a formação inicial dos professores Júlio César, Rafael Carlos e Ianny Souza suas experiências com o ambiente escolar foram restritas ao momento do estágio obrigatório, mesmo o curso da UESB tendo como objetivo prioritariamente a formação no âmbito formal.

O curso tem como objetivo a formação do aluno em licenciatura plena, habilitando o profissional de Educação Física a exercer sua função educadora, prioritariamente, na área formal (fundamental, médio e superior), possibilitando também, a aquisição de conhecimentos genéricos na área não formal (academias, condomínios, associações desportivas, clubes, centros sócias urbanos, clinica e entre outros)³⁹.

Neste sentido, ressaltamos que as experiências extracurriculares do grupo de professores entrevistados foram centradas no ambiente não formal e ainda no início do curso, bem como destacaram a importância destas vivências para a sua vida profissional.

Era muito legal porque eu participava, eu já fiz eventos né? De grande porte que foi os jogos do SESI aqui em Jequié, eu já fiz uns dois ou três jogos do SESI de Jequié. Que um foi evento grande. Particpei também de eventos maiores ainda do SESI, evento regional na Bahia toda reunida lá em Simões Filho, e de ginástica laboral também. Eu participei de ginástica laboral de várias empresas daqui de Jequié. Escolinha de futsal, de futebol de campo e futsal com crianças carentes então você... Eu praticamente participei de muitas coisas em relação à Educação Física no SESI né? Ginástica, fazia eventos é pratica esportiva com crianças carentes entendeu? Então tudo isso me deu uma base bem legal de profissão né? De tudo do caminho a ta sendo seguido o que eu ia encontrar quando tivesse formado⁴⁰.

Por que tive essa experiência com o esporte, tive a experiência com a atividade motora adaptada também, e assim eu acredito que foi bastante diverso [...] Eu tive a experiência com a natação por isso que eu falei no início que durante a graduação eu tive a oportunidade graças a Deus, é o que eu acredito, de acumular um maior número de técnica possível. Pra conhecer, como o campo de educação física, tem um leque de opção de trabalho, minha formação eu consegui que ela se tornasse generalista por isso, por esse leque de opção que eu tive⁴¹.

Estes estágios extracurriculares foram realizados pelos professores entrevistados na maioria das vezes, com o intuito de complementar a formação. É tanto que o professor Júlio César deixa claro, que por ter a oportunidade de uma vasta experiência durante a formação acadêmica, foi possível obter uma formação generalista, ou seja, por meio das experiências próprias da situação profissional os professores obtiveram um conhecimento da sua profissão, especificamente do caminho que encontraria depois de formado.

³⁹ Informação Disponível em: www.uesb.br. Acesso em: 14/05/2016.

⁴⁰ Entrevista concedida a autora por Rafael Carlos Lavigne Diniz, 18 de julho de 2014 na cidade de Jequié –BA.

⁴¹ Entrevista concedida a autora por Júlio César Oliveira Luz, 28 de julho de 2014 na cidade de Jequié – BA.

Ramos (2002) no seu texto que busca analisar e refletir as questões que envolvem os estágios extracurriculares na preparação profissional em educação física aponta que infelizmente os estágios extracurriculares continuam não sendo alvo de estudos que busquem analisá-los e/ou compreendê-los.

Assim, sinalizamos para a necessidade da universidade pensar as questões básicas que envolvem a inserção do aluno no mercado de trabalho ainda durante a vida acadêmica, ou seja, é necessário se preocupar com o estágio extracurricular, mesmo que seja uma atividade não regulamentada, ela existe e faz parte da vida dos futuros professores de educação física desde o início de sua formação.

O professor Rafael Carlos declara: *“Eu comecei estagiar no SESI em 2006 e só fui sair de lá só sair de lá quando tava formado”*, enquanto o professor Júlio César testemunha que logo no início, *“1º e 2º semestre eu tive oportunidade da academia, no 3º semestre com esse clube de futebol, [...] depois desse estágio tive experiência com academia de nataçãõ, na verdade atividades aquática... logo depois com atividades de educação física adaptada”*.

As experiências com estágio extracurricular iniciam ainda no começo do curso e perduram até a formação, no entanto, apenas o professor Temístocles Silva se refere a este momento como de laboratório. Desta maneira, destacamos a importância desses espaços como formação e a universidade podem contribuir para a reflexão dos seus estudantes.

A título de informação compreende-se que as atividades extracurriculares não estão prevista no currículo, logo não acarreta responsabilidades quanto à aprovação e responsabilidades acadêmico-administrativas, contanto, por se tratar de um ambiente acadêmico que busca a formação plena dos seus estudantes, não pode-se fechar os olhos para esta situação.

Depois de formado, o estudante acadêmico passa a ser professor, por conseguinte apresentarei a memória do início da carreira profissional. Pontuarei a trajetória e as escolhas até o momento que inicia sua vida profissional na rede estadual de ensino da Bahia.

3.3 “DEPOIS EU PENSEI EM DESISTIR DA ÁREA”: A CARREIRA PROFISSIONAL EM FOCO: OS DESAFIOS FRENTE À REALIDADE PROFISSIONAL

O ingresso na carreira docente é um desafio para o professor. Como observado anteriormente, a escola foi um espaço pouco explorado durante a vida acadêmica dos professores entrevistados, mesmo experimentando diferentes momentos e situações durante a universidade. A experiência escolar ficou, na maioria das vezes, restrita exclusivamente no momento do estágio supervisionado.

Neste sentido, é importante ressaltar que a grande relevância dos estágios supervisionados e as demais experiências docentes experimentadas no ambiente acadêmico para a formação do professor, no entanto, chamou a minha atenção nas memórias narradas pelos professores a não oportunidade de acesso ao ambiente escolar durante a vida acadêmica, fato que nos faz acreditar que esta experiência seja de fundamental importância para a melhor aprendizagem do aluno que será um futuro professor.

Temos nos relatos dos professores, a escola como oportunidade de trabalho e o espaço da academia de ginástica. Neste novo momento da vida surge a necessidade de estabilidade financeira o que leva um professor entrevistado mudar de área de atuação e outro fica por um período desempregado, situação até então, não pontuada.

O Professor Temístocles Silva deixa claro em seu relato que, devido a sua atuação de destaque no estágio extracurricular logo depois da sua colação de grau, a oportunidade de emprego aparece, *“com 15 dias de formado eu recebo uma ligação do ex-secretário, que tornou-se prefeito, convidando pra eu assumir um projeto pedagógico”*.

A partir dessa oportunidade a vida profissional do professor se segue. Agora, coordenando o projeto Segundo Tempo, sendo este um projeto federal onde mesmo busca conciliar este trabalho com outro que ele tinha numa escola particular, vínculo este que já existia desde o início da graduação. *“Mantive o contato com o Piaget... porque assim, eu cresci junto com o colégio, eu cheguei no colégio só tinha a 5ª série, eu já saí na 8ª né”?*

O professor Júlio César também depois de formado continuou com o vínculo empregatício que ele tinha, mas galgou outros horizontes. Agora, cria vínculos com escolas particulares e começa atuar no ensino superior, privado e público. Passou a ser professor substituto da mesma instituição que era egresso. *“fiz um outro para atuar no ensino superior, um concurso para substituto na universidade ... passei e iniciei o trabalho como professor da universidade... eu tive uma experiência [...] em uma universidade particular, que foi em Vitória da Conquista, foi na FTC”*.

Como relatado anteriormente, o professor Júlio César e Temístocles Silva são da mesma turma e terminam o curso de graduação no mesmo período e ao adentrarem a vida profissional, mesmo que em áreas diversificadas ambos logo são abraçados pelo mercado do trabalho e apresenta em suas memórias o quanto esta realidade contribuiu para não apresentarem em seus relatos desestímulos e negação de alguma área de atuação.

Enquanto que o professor Rafael Carlos apresenta claramente em seu relato, o desejo de desistir da profissão, já que em determinado momento estava desempregado e a oportunidade em escola particular representava instabilidade financeira.

A professora Ianny Souza, mesmo gostando de atuar na área não formal precisou abandonar este ambiente e seguir em busca de concurso público para atuar na educação básica. Trabalhar em academia de ginástica não supriram suas necessidades financeiras e decidiu assim, prestar concursos públicos.

Quando eu sair da graduação em 2009 que eu comecei a trabalhar em uma escola no Dom Pedro II, particular, fiquei 1 ano lá ensinando meninos pequenos, novos, meninos do ano primeiro ao ano quinto no Dão Pedro II né?... Aí depois até pensei em desistir da área, que foi quando eu fui pra Salvador, porque eu tava sem emprego aqui em Jequié. Tava na questão de muita perspectiva não muito legal profissional [...] porque eu tinha que estudar pra concurso, pra alguma coisa que fosse mais fixo, não podia ficar em colégio particular que todo ano era uma tensão onde você continua ou não continua. O quadro muda, ou o quadro não muda e aí eu pensei não é isso que eu quero pra minha vida também⁴².

Quando eu sair com o diploma eu pensei: eu preciso trabalhar porque preciso ganhar dinheiro ... aí eu fui pra academia, fui dar aulas de step, jump, ginástica, essas coisas que eu gostava também [...] Porque assim eu comecei a ver, a fazer as contas né? Aí agente começa dando aula na academia naquela época, não sei ainda hoje, se é pior, se é melhor. Era 8,00 reais a hora aula [...] trabalho o dia inteiro me acabo o dia inteiro, não paga nem o que eu como, não paga nem o que eu como depois da aula. Aí não fiquei não. [...] Na verdade eu não queria, não queria fazer concurso pra escola não, não queria não eu fiz até o de Jaguaquara, mas assim por conta por, por que tinha que fazer eu tinha que fazer né? No caso eu tava com vínculos que não eram, eram temporários não eram estáveis né?⁴³

Presenciamos nos relatos dos professores uma nova situação, a falta de reconhecimento profissional depois de formados. A necessidade de uma estabilidade a fim de melhorar suas condições financeiras é evidente. Neste contexto, observamos que os professores Temístocles Silva e Júlio César, não apresentam em suas memórias estas dificuldades, mas sim, a necessidade de se obter uma estabilidade financeira, que segundo eles, se concretizaria com a aprovação num concurso público. Na fala dos professores Temístocles e Julio Cesar, em nenhum momento é pontuado o espaço escolar, a rede estadual de ensino, pelo desejo de estar em sala de aula, o desejo pela prática do ensino da educação física.

O professor Temístocles Silva percebe a sua preferência pelo espaço da gestão e neste espaço constitui um período da sua vida profissional, mas por se tratar de um espaço instável, quanto à empregabilidade, escolhe durante sua vida profissional sempre prestar concursos.

⁴² Entrevista concedida a autora por Rafael Carlos Lavigne Diniz, 18 de julho de 2014 na cidade de Jequié –BA.

⁴³ Entrevista concedida ao autor por Ianny Caroline Melo de Souza, 18 de Julho de 2014 na cidade de Jequié-BA.

O professor Júlio César a partir de contato com a educação adaptada se reconhece nesse espaço e busca atuar, mesmo como voluntário, e logo que obtém a aprovação do concurso do Estado, consegue ser emprestado para esta ONG que já atuava desde a graduação, então continua o seu trabalho, mas agora com a estabilidade financeira, agora, como um servidor público.

A professora Ianny Souza ao concluir a graduação, não reconhece a escola como um espaço para atuar, a sua ligação com a dança é muito forte. Inicialmente, atua no espaço da academia de ginástica, mas pelo pouco retorno financeiro sai desta área e começa a trabalhar com projetos de danças em escolas, fato que a faz a partir dessa experiência, reconhecer a escola como um espaço possível de trabalhar e realizar o que gosta.

Já o professor Rafael Carlos, durante toda a sua vida acadêmica teve acesso a experiência apenas no SESI, o que contribuiu para reconhecer outra realidade da educação física. Realidade focada em eventos esportivos e trabalhos com crianças carentes. Ao adentrar na vida profissional perde este contrato, já que era estágio e sente a necessidade de focar no estudo, isto é, passar num concurso público, tendo em vista este precisar de uma estabilidade financeira.

A partir das memórias dos professores, observei histórias de vida diferentes que convergiram para o mesmo espaço, a escola básica da rede estadual de ensino. Mesmo com diferentes experiências profissionais, ao iniciarem o mundo do trabalho, despertamos nosso olhar ao perceber o quanto as experiências da graduação têm uma relação direta com as opções e escolhas que surgem depois de formado.

A seguir apresentarei a experiência de todos os professores narradores. Primeiramente será apresentada a memória das escolhas de formação continuada quanto às especializações, depois debruçaremos nossos olhares sobre a rede estadual de ensino, a partir das seguintes indagações: qual a realidade presenciada? Qual a proposta de formação oferecida pelo governo estadual? Das propostas oferecidas o que fica na escola e o que é apenas tabela a ser cumprida? Estas foram às indagações iniciais levantadas para o outro momento de vida dos professores, agora não buscam mais a estabilidade financeira, esta já foi alcançada.

4 A REDE ESTADUAL DE ENSINO E A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR EM SERVIÇO

Neste capítulo, debruçei a minha análise nas memórias dos professores de educação física a partir do início de sua atuação profissional, especialmente, quando passam a fazer parte do quadro de professores efetivos da rede estadual de ensino. Suas memórias foram ancoradas especialmente nos cursos de especializações e nos cursos de formação oferecidos pela rede estadual de ensino, ou seja, aponto as escolhas de formação quanto aos cursos de especializações dos professores entrevistados como também as opções que aparecem no seu percurso profissional.

Ao apontar as discussões sobre cursos de especialização, parto do princípio de que a formação acontece antes mesmo do início da graduação, como assinala Tardif (2002), afirmação que foi possível perceber ao refletirmos sobre a importância de cada experiência dos professores entrevistados.

A formação docente abrange um processo sem fronteiras bem delimitadas na medida em que envolvem as influências familiares, os vários anos nos bancos escolares, o curso de graduação, a atuação profissional enquanto professor, dentre tantas outras. Todos esses momentos contribuem para a construção de imagens, crenças, ideias, conhecimentos e saberes sobre o ensinar e o que é ser professor e que constituem (e vão continuar constituindo) o docente, nos dando a ideia de um processo contínuo e permanente (FERREIRA, 2006, p. 48).

Pimenta (2000) argumenta sobre a necessidade do professor se atualizar permanentemente, já que a atividade docente não é uma atividade burocrática que precisa apenas de conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas. O trabalho docente lida constantemente com o conhecimento, e “se o conhecimento, de um lado é aquilo que a tudo inova, do outro lado da mesma moeda é aquilo que a tudo envelhece” (DEMO, 2004, p. 121). Nesse contexto, a formação continuada vem se evidenciando como fundamental para a vida profissional docente.

Tardif (2002) também aponta para a necessidade de uma formação contínua e continuada, já que os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos. Os professores devem passar por este processo constantemente de auto formação e reciclagem através de diferentes meios, após sua formação inicial.

Nóvoa (1995) classifica os projetos de formação continuada em dois grupos, sendo eles o “modelo estrutural” e o “modelo construtivo”. O primeiro diz respeito à perspectiva universitária e escolar, nessa perspectiva a formação continuada estrutura-se sob o

fundamento da racionalização técnico-científico, pressupondo um processo de formação geralmente distanciado das práticas dos professores, ou seja, organiza-se com base numa proposta previamente organizada, centrada na transmissão de conhecimentos, para depois os professores aplicarem na prática escolar. O segundo modelo surge da reflexão interativa e contextualizada, articulando as práticas formativas com as práticas profissionais. É comum o uso de grupos, oficinas, dinâmicas de debates, pesquisa-ação. Neste modelo, o ponto de formação são as práticas e os saberes dos professores nos diferentes contextos do ambiente escolar.

Saliento que a formação continuada defendida é a do “modelo construtivo”, ou seja, a formação continuada é compreendida essencialmente como um processo que envolve a crítica, auto reflexão, troca de saberes e de experiências, não se resumindo dessa maneira, apenas como um processo de atualização. Durante as entrevistas realizadas a formação continuada aparece especialmente enquanto cursos, tanto os cursos escolhidos pelos professores como os oferecidos pela rede estadual de educação, no entanto nas falas dos professores aparecem outros momentos de formação continuada, como a AC (Atividade Complementar).

Segundo as orientações das atividades complementares (AC), ela se constitui como um espaço/tempo inerente ao trabalho pedagógico do(a) professor(a) destinado ao planejamento e organização de suas atividades a ser realizada de forma individual ou coletiva. Além de ser estabelecida como um direito que faz parte do trabalho do professor(a), a AC também pressupõe a responsabilidade e compromisso de cada educador com o aprimoramento/qualificação das atividades desenvolvidas na escola, tanto no que se refere ao planejamento específico do seu trabalho com a sua disciplina/componente curricular, como também na articulação coletiva com seus pares no esforço para realização de um trabalho colaborativo em prol do fortalecimento das aprendizagens dos estudantes⁴⁴.

O AC tem feito por área, de conhecimento, e não é só a gente. A gente comprou a briga com o colégio para que a gente pudesse fazer o nosso AC independente do AC da área. E a partir do que a gente construir, são 3 professores efetivo, tem um pessoal do projeto mais educação, a gente coloca para fazer, já que a gente não faz uma dissociação do projeto com a intervenção da educação física, porque são estudantes da área. Então o AC tem sido feito mais do ponto de vista administrativo. Do ponto de vista pedagógico não temos dado conta de uma formação continuada. A gente cria

⁴⁴Informação retirada das Orientações às Atividades Complementares (AC), no site: <http://institucional.educacao.ba.gov.br/>.

estratégias, dentro da experiência que a gente tem para promover ações inovadoras na escola, baseada na experiência particular⁴⁵.

Deste modo, deixo claro que outras ações de formação continuada podem estar ocorrendo, no entanto, nosso foco será as opções de escolhas quanto à especialização e a proposta de formação continuada no que tange os cursos de formação para os professores de Educação Física que o governo do estado da Bahia vem ofertando.

Neste sentido, o intuito é problematizar a realidade vivida por estes professores e quais os caminhos trilhados quanto à especialização e dar ênfase nas propostas de formação oferecida pela rede estadual de ensino no período de 2003 a 2014 tomando como base as seguintes indagações: a formação continuada traz mudanças na prática profissional? Quais as principais dificuldades apresentada pelos professores? Quais os avanços nas propostas de formação continuada do estado da Bahia segundo a memória dos professores entrevistados?

Os professores entrevistados fazem suas escolhas em períodos distintos. Essas escolhas são reflexos de opções apresentadas no momento vivido por cada um, mas, sobretudo, suas escolhas são ancoradas nas experiências de formação desde sua vida na educação básica e reafirmada no ambiente acadêmico e na necessidade do momento vivido.

4.1 “COMECEI FAZER UMA ESPECIALIZAÇÃO AQUI NA UESB”: A IMPORTÂNCIA DA UESB NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOS NOVOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Tabela 3: Identificação dos cursos de Especialização realizados pelos professores entrevistados

Identificação	Especialização
Alberto José Andrade Ferreira	Especialização Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte – UESB (2012).
Eduardo Costa Vieira	Especialização Atividades Físicas para população Especiais – UESB (2001).
Suzyanne de Almeida Pereira Munaro	Especialização Atividades Físicas para população Especiais – UESB (2002).
Emerson Carlos Paim	Especialização Atividades Físicas para população Especiais – UESB (2003). Fisiologia do Exercício – Gama Filho.
Luciano Ferreira Bittencourt,	Especialização Metodologia do Ensino da Educação Física – UESB (2003).

⁴⁵ Entrevista concedida a autora por Temístocles Damasceno Silva, 11 de setembro de 2014.

	Especialização em Educação Física Escolar – FACE ⁴⁶ (2012).
José Gonçalves Lopes Junior	Especialização Metodologia do Ensino da Educação Física – UESB (2003). Especialização Metodologia do Ensino Superior – UESB (2004).
Rogério Santos Teixeira	Especialização Educação Física Escolar – EAD (2010). Especialização Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte – UESB (2012).
Temístocles Damasceno Silva	Especialização Atividade Física e Saúde – FTC ⁴⁷ (2006). Especialização Metodologia da Educação Física e do Esporte – UESC (2012).
Júlio César Oliveira Luz	Especialização em Educação Especial – FTC (2004). Especialização em andamento em Gerontologia – UESB (2006). Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte – UESB (2012).
Ianny Caroline Melo de Souza	Especialização em Atividade Física, Educação e Saúde para Grupos Especiais – Faculdade da Cidade do Salvador (2011). Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte – UESB (2012).
Rafael Carlos Lavigne Diniz	Especialização em Atividade Física, Educação e Saúde para Grupos Especiais – Faculdade da Cidade do Salvador (2011). Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte – UESB (2012).

Fonte: Entrevistas e currículo lattes dos mesmos

⁴⁶ Faculdade de Ciências Educacionais Capim Grosso.

⁴⁷ Faculdade de Ciências e Tecnologia de Jequié/BA, FTC – JEQUIÉ.

No presente quadro destaco a importância da UESB no processo de formação continuada dos novos professores de Educação Física. Como foi apresentado no capítulo anterior, o curso de Licenciatura em Educação Física da UESB surge para suprir uma demanda que existia em Jequié e região, a falta de professores licenciados em Educação Física atuando nas escolas públicas, no quadro reconheço que o seu papel não se resumiu apenas para suprir esta necessidade inicial, mas também oferecer a formação continuada para os professores.

Os professores ao concluírem seu curso de Licenciatura logo iniciaram a especialização e a oportunidade no início dos anos 2000 era oferecida pela UESB. Já os professores que iniciaram sua formação inicial nos anos 2000, quando concluem seu curso de graduação tiveram outras opções de formação, no entanto, reafirmo que as memórias de escolhas da formação continuada são ancoradas na realidade histórica vivida no momento, mas também na experiência marcada pela educação física no período escolar e na universidade, quando tiveram a opção de escolherem a preferência era especialização que tinha uma relação com os períodos vividos anteriormente. O professor Eduardo Vieira deixa claro ao relatar em sua memória esta escolha: *“Nem quando eu vim fazer a especialização aqui, que tinha duas vertentes, tinha Educação Física Escolar e tinha Atividade Física para Grupos Especiais, eu fiz minha inscrição para Grupos Especiais e tinha Educação Física escolar”*.

Os professores, Luciano Bittencourt e José Lopes Junior, durante sua vida acadêmica encontraram outras oportunidades e ainda durante a graduação têm uma aproximação com ambiente escolar. Percebo em suas memórias situações que os levaram a escolher a formação na área educacional. Professor José Lopes Junior relata *“... no começo eu estava em Ubaitaba, eu consegui ficar na educação depois que eu passei na universidade, eu fui pra já trabalhar com educação física em 99”* e o Professor Luciano Bittencourt inicia o curso de Educação Física próximo ao término da graduação em letras, então durante o período universitário da Licenciatura em Educação Física, ele estava atuando como professor de Língua Portuguesa da rede estadual de Ensino.

Mesmo motivado inicialmente pelo esporte ao escolherem o curso de Licenciatura em Educação Física, as novas experiências durante este processo os levaram a terem escolhas diferenciadas depois de formados, especialmente nas escolhas de formação, nos estudos de especialização seu olhar é direcionado para o ambiente escolar. O professor Luciano

Bittencourt apresenta claramente esta escolha, “*meu foco foi a escola onde trabalhei a questão dos PCNs, minha discussão gira em torno desta questão.*”

No que tange as possibilidades de formação continuada, especialmente em *Lato Sensu*, o estudo de Novaes (2008) contribui para conhecer o panorama geral de possibilidades de formação que os professores entrevistados vivenciaram em cada momento. Em sua dissertação, apresenta um horizonte dos cursos de Pós-graduação *Lato Sensu* ofertados para o campo de Educação Física no Estado da Bahia no período de 1986 até 2008.

Este panorama foi construído a partir de arquivos pessoais do seu orientador como, por exemplo, os *folders*, materiais de divulgação e caderno de pós-graduação publicado pelo *jornal A tarde* em outubro de 2006, bem como outras matérias de publicações que estavam disponíveis e consultados no período de 2007-2008.

A partir desse panorama constatei que o primeiro curso de especialização *Lato Sensu* na Bahia é datado de 1986 e foi oferecido pela UCSAL e depois de mais de uma década a UESB, campus Jequié, oferta o segundo curso no ano de 1998, após este período, todos os anos até 2008, data em que encerra a pesquisa, as universidades e faculdades da Bahia propiciam cursos de especialização um total de 42 opções.

Na Bahia desde 1973 já forma profissionais de Educação Física. A partir 1988 a primeira universidade pública começa a contribuir para a formação de nível superior, no entanto, o início de cursos de especialização é mais tardio, ou seja, o primeiro curso a oferecer a formação em nível de especialização só acontece no ano de 1986 e o segundo 1998, este último em solos do interior baiano, o que me leva a crer que muitos dos profissionais formados a partir do início dos anos 80 podem ter procurado a especialização da UESB, campus de Jequié.

Do total de 42 cursos apontados por Novaes (2008) apenas 10 (dez) cursos são oferecidos no território do interior baiano e destes 5 (cinco) no Município de Jequié, cidade onde reside os professores entrevistados. Os cursos implementados de Especialização na área de Educação Física no interior da Bahia segundo Novaes (2008) são:

- Metodologia do Ensino da Educação Física, oferecido pela UESB nos anos de 1998 e 1999;
- Metodologia do Ensino na Educação Física e Atividade Física para Grupos Especiais, também oferecido pela UESB e nos anos de 2001, 2002 e 2003, formaram 3 (três) turmas;
- Atividade Física e Saúde, ofertado pela Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC em 2005 e 2006;

- Atividade Física e Saúde para Grupos Especiais (idosos, hipertensos, diabéticos, PNE's e obesos), ofertado pela Federação dos Trabalhadores Públicos do Estado da Bahia – FETRAB nos anos de 2008 e 2009.
- Saúde, Nutrição e Performance, Vitória da Conquista, Faculdade de Tecnologia e Ciência – FTC, 2007
- Saúde do Trabalhador, Vitória da Conquista, Faculdade de Tecnologia e Ciência – FTC, 2007.
- Ginástica Laboral e Avaliação Física, Vitória da Conquista, Sociedade Nacional de Educação, Ciência e tecnologia – SOET, 2008.
- Educação Física Escolar e Reabilitação Esportiva, Ibicaraí, Faculdade Monte Negro.

Nota-se nesta lista supracitada que o primeiro curso de Especialização ofertado pela UESB é datado do ano de 1998, momento que ainda não existia turma formada no curso de Licenciatura em Educação Física, no entanto, acredito que ele surge pela necessidade de formação continuada dos professores do curso, uma vez que, a maioria era egressa da UFBA, como pontuado anteriormente, e podem ter começado atuar na universidade com o título de licenciatura em Educação Física.

Desta forma, destaco a importância da UESB no cenário baiano. O curso de Licenciatura em Educação Física surge dentro da proposta de expansão, almejando suprir as necessidades de professores formados e para, além disto, ela também busca contribuir para a formação dos professores que já estavam formados.

Enquanto que a partir dos anos de 2001, 2002, 2003 o presente curso surge com o propósito de formação dos novos professores de Educação Física, oferece duas opções para os professores recém-formados: Metodologia do Ensino da Educação Física e Atividade Física para Grupos Especiais. Como são apontados na tabela 3, os professores entrevistados que puderam escolher seguiram o caminho que se aproximava das suas experiências vividas anteriormente.

Desta forma, vemos uma tentativa por parte da universidade de contribuir para a formação com o enfoque no ensino, no entanto, esta iniciativa só retorna acontecer em 2012, conforme relata o professor Rafael Carlos Diniz: *“eu fiz a pós-graduação e depois 2011, foi 2011 ou 2012, foi 2012, que eu fiz a outra pós-graduação dessa vez de graça, aqui na UESB”*, a professora Ianny também pontua *“eu fiz outra em 2012”*, assim como o professor Júlio César Luz também pontua sua participação nessa especialização.

Depois do ano de 2003, temos uma lacuna de 9 anos para que a UESB ofereça outra especialização, como é apresentado no quadro. Em 2012, a UESB oferece uma nova especialização, agora apenas com a opção de formação na área de Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte, surgindo a partir da necessidade de qualificar os professores da rede estadual, *“teve a porcentagem da rede né? Então ele possibilitou que a gente fizesse então eu fiz a pós.”*⁴⁸ situação essa, que nos leva a pensar sobre o momento vivido em 2001, 2002 e 2003, qual conjuntura influenciou para as duas opções de especialização? Por que em 2012 ocorre de forma diferente? Tais questionamentos não serão possíveis de responder no presente estudo.

Os professores que iniciaram a partir dos anos 2000 o curso de Licenciatura em Educação Física, apresentam mais detalhadamente os motivos que levaram a escolher a especialização como uma oportunidade de continuar os estudos, o que pode ser justificado pelo momento ser mais próximo da sua vida atual. Os professores ressaltam a necessidade de aprofundar conhecimento adquiridos durante a universidade, o professor Júlio César Luz deixa bem claro em suas lembranças:

[...] no fim da graduação eu tive a oportunidade de entrar no curso de pós-graduação na área de educação especial, no último semestre por ta trabalhando numa ONG como voluntário isso me motivou a debruçar um pouco mais na área da educação física adaptada, na área da educação especial de forma geral né? Principalmente pela uma lacuna que eu percebi no curso de graduação pelas poucas oportunidades que eu tive, por ter uma disciplina apenas pontual durante o curso.

Deste modo, observei que no início da carreira os professores sentiam necessidade de continuar os estudos e/ou aprofundar os conhecimentos já adquiridos. Sendo assim, não é de se estranhar que tanto o professor Júlio César Luz, em sua entrevista apresentada anteriormente, como Temístocles Silva, Rafael Carlos Diniz e Ianny Souza, mesmo antes de concluírem o curso de licenciatura buscam continuação dos estudos, agora em cursos de especialização.

O professor Júlio César Luz e a professora Ianny Souza relatam que seu desejo pela especialização também era de certa forma, para suprir conhecimentos não aprofundados durante o período da graduação. A professora Ianny Santos relata: *“eu achei interessante por trazer vários temas que gente não tava acostumada a ver na graduação, principalmente*

⁴⁸ Entrevista concedida a autora por Rafael Carlos Lavigne Diniz, 18 de junho de 2014.

porque era de saúde [...] era oportunidade de trabalhar coisas diferente na área de saúde, meu projeto seria de atividade física”.

Ambos os professores, iniciaram o curso de especialização ainda estudantes da graduação. Vejo neste contexto, a especialização como uma oportunidade de dar continuidade e aprofundamentos de conhecimento, à medida que, naquele momento os professores estavam experimentando situações que geravam esta necessidade.

Todavia, o desejo pela especialização teve motivações diferenciadas no grupo de professores entrevistados. Enquanto os professores Júlio César Luz e Ianny Souza almejavam o curso de especialização tencionando em suprir lacunas deixadas no período acadêmico, Temístocles Silva afirma que *“não tinha afinidade com área, fiz pela necessidade. Não era meu foco de atuação, mas preciso da pós para galgar novos horizontes, concursos, seleções futuras”* e o professor Rafael Carlos Diniz apenas pontua que necessitava da especialização, pois estava desempregado e necessitava de aprovação em concursos públicos, *“em 2010, quando fiz a pós, tava em lugar nenhum, eu tava desempregado, e tava estudando pra concurso”*.

Os professores, Alberto Ferreira e Rogério Teixeira, não iniciaram o curso de especialização com tanta brevidade. O professor Alberto Ferreira conclui sua graduação em 1987 e só em 2012, faz a sua primeira especialização. Assim, durante todo esse período suas escolhas de formação continuada pautavam nas atividades fitness, como o mesmo justifica por serem estes os cursos mais próximos do nosso estado, não existiam na área educacional. Sua relação com o esporte durante a juventude contribuiu para seu desenvolvimento profissional, tanto na escolha do curso, como durante todo seu processo de formação e atuação profissional.

Alberto Ferreira constrói sua trajetória profissional optando por durante e após a graduação por cursos voltados para a área fitness.

Foi, por que assim, na realidade, na realidade a faculdade só me deu assim, sabem os insights, o que eu aprendi foi no curso. Foi com curso. É [...] Simpósio latino americano, simpósio brasileiro, enef, eneef, que é encontro nacional de estudante que agente ia fazer, aí sempre tinha um curso interessante, foi com isso que [...] na realidade o meu [...] meu processo de desenvolvimento, passou , passou a partir disso. Eu tenho, um mestrado e meio de curso com a carga horária, eu tenho 3600h de curso.

A partir da memória do professor Alberto Ferreira percebo um processo de formação continuada firmado em cursos de pequena duração que pouco valorizaram a troca de experiência profissional, respondendo apenas a exigência do mercado não formal, ou seja,

fitness, e pouco contribuindo no exercício profissional do professor de educação física escolar, fato que pode ser justificado também pois até o final da década de 1980 só existia no Estado da Bahia um curso de formação inicial, com características notadamente de disciplinas técnicas.

Quanto à especialização, Alberto Ferreira só realiza em 2012, ou seja, depois de 25 anos de formado. O professor justifica esta demora pelo fato das despesas para a realização de uma especialização serem maiores que os benefícios financeiros posteriores, e quando *“pinta esta especialização, como é na minha cidade e sem custos eu falei eu vou fazer”*. O Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Metodologia em Educação Física e Esportes foi oferecido pela UESB em convênio com a Secretária de Educação do Estado da Bahia, sendo 70% das vagas destinadas aos professores da rede pública estadual de ensino.

Enquanto isso, o professor Rogério Teixeira realiza a especialização em um espaço de tempo menor, concluiu a sua graduação em 2003 e no ano de 2010 dá início ao seu curso de especialização, sendo a mesma em Educação Física Escolar – EAD. Cabe destacar que, anterior ao momento da especialização, sua formação estava focada em cursos da área fitness, especialmente o Fitness Brasil, optando em não fazer cursos para área escolar.

Com cursos, não, só fitness Brasil, aqueles cursos voltados para área de academia e lá sempre aquele ousadia, de porra tem uma folga, vai ter o que de bom? Ginástica Laboral. Eu fiz curso de Ginástica Laboral, sabe? Sempre nesse sentido, nunca fiz curso de escola no fitness Brasil, nunca, nunca. Sabe eu achava assim, porra! O cara vai passar 50 tipos de brincadeiras, 50 tipos de jogos, e aí? Eu não quero fazer isso na escola. Não quero! Eu achava horrível isso. [...] e aí fazia muitos cursos. Fiz muito cursos. Fiz ENAF⁴⁹, que tinha o ENAF... tinha, tinha outros cursos, tinha vários cursos de atividade física, eu comecei a fazer sobre academia, atividade física, e testando uma coisa outra, ginástica laboral, é [...] massagem, assim outras atividades.

Assim como o professo Alberto Ferreira, o professor Rogério Teixeira firmou durante um período da sua vida, a formação voltada a cursos de pequena duração e com o foco na atividade física, o que se justifica por seu lócus inicial de atuação ser nas academias de ginástica, no entanto, além de atuar em academias dava aula em escolas particulares da cidade.

⁴⁹ ENAF: Encontro Nacional de Atividade Física. É o maior evento de Sport & Fitness e Saúde realizado nas Américas e um dos mais importantes do mundo. Tendo como objetivo promover a reciclagem e aprimoramento dos profissionais e estudantes de Educação Física, Fisioterapia e Nutrição. Oportunidade de atualização de conhecimentos e aperfeiçoamento de técnicas, sempre inovando, criando e recriando formas de abordagens cada vez mais ousadas. Disponível em: www.enaf.com.br. Acesso em: 10/07/2016.

Outro aspecto importante sobre a formação continuada do professor Rogério Teixeira, ocorre segundo seus relatos orais, 2004 ou 2005, afirmando ser logo depois que saiu da graduação.

Foi educação física, tinha dois grupos, tinha educação física, foi segunda, segunda especialização da UESB pra educação física, foi logo a segunda, devem ter sido 2004, foi muito, muito logo depois que saiu e mesmo com aquela teimosia de não querer fazer, já né? Bati pé e fui... Por que eu queria ter vivido uma coisa antes, pra depois ir pra uma pós, mesmo assim eu fui, acho que foi 2005, eu fui, mas terror assim, de conhecer pessoas fantásticas, professores fantásticos e a UESB não pagou direito, os professores não terminaram o curso, e eu comecei um trabalho com um professor, e aí quem tinha que terminar era um daqui, e aí o cara se acha tão bom quanto de lá de fora, e aí todo aquele projeto que o cara criou, o daqui vai e destrói, desmembra, eu falei poxa e desistir.

Neste ponto, destaco inicialmente o período apontado pelo professor Rogério Teixeira, 2004 ou 2005, segundo as informações presente em Novaes (2008), a UESB não ofertou curso de especialização neste período, mas sim 2001, 2002 e 2003, mas apontamos que na história oral datas são possíveis de ser esquecidas “a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas ‘erradas’ são ainda psicologicamente ‘corretas’, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis” (PORTELLI, 1997a, p.32). Situação que pode ser justificada pela distância do tempo presente quando relacionado ao tempo passado e, especialmente pelo momento vivido.

Para além da data apresentada pelo professor Rogério Teixeira o que destaco é a não conclusão do curso, deixa claro em sua memória situações vivenciadas que contribuíram para a desistência, a primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados (PORTELLI, 1997a, p.31).

Nesta situação, mais do que apresentar a data do evento é proporcionar a reflexão sobre as situações vivenciadas no momento. Até então, apresento opções de especializações apresentadas para os professores e as realizadas pelos mesmos e pouco foi pontuadas as dificuldades apresentadas nesses períodos, fato que pode ser observado pela narrativa do professor Rogério Teixeira, que deixa claro os diversos problemas:

[...] terror assim, de conhecer pessoas fantásticas, professores fantásticos e a UESB não pagou direito, os professores não terminaram o curso, e eu comecei um trabalho com um professor, e aí quem tinha que terminar era um daqui.

Situação que não é específica da UESB, mas que acarreta diversas universidades públicas na Bahia e no Brasil. Para melhor aprofundamento sobre as situações que ocorreram

nas especializações, especificamente da UESB, é necessários outros estudos. Desta forma, algumas questões podem ser suscitadas no que tange as situações específicas destes cursos de aperfeiçoamento, dentre as quais cabe destaque: Quantos professores iniciaram o curso? Quantos chegaram a concluir? Por que as evasões?

Quanto ao professor Rogério Teixeira concluiu a primeira especialização em 2010, Educação Física Escolar – EAD, pela necessidade do título, *“eu quis por causa do título, por causa dos 15% e tal e a do ano de 2012 para necessidade de mudança salarial. Mudança de nível, especialista e outro e falei, a faço os dois, uma como curso e outra como mudança de nível”*.

Neste contexto, a necessidade de seguir os estudos e escolherem a especialização como uma possibilidade, aparece centrada na obtenção do título visando o aumento salarial, e quanto aos professores que iniciam a formação inicial no início dos anos 2000, a especialização aparece centrada na necessidade de suprir conhecimentos não aprofundados durante o período acadêmico, como uma oportunidade de melhores condições de emprego, ou seja, o curso de pós-graduação em nível de *lato senso* é a garantia de melhores oportunidades de trabalho ao decorrer da sua vida profissional. O professor Temístocles pontua que no período que concluiu o curso 2005, *“a pós era restrita igual ao mestrado”*.

Com base no estudo de Novaes (2008), era restrito as opções de escolhas de especialização, especialmente no momento que o professor Temístocles Silva conclui a sua graduação no ano de 2005. Existia apenas uma opção, o curso de Atividade Física e Saúde, logo diante da realidade apresentada ele segue o caminho que é possível, realiza o curso não desejado, mas que proporcionará a este o certificado de título de especialista.

A dificuldade de se ter acesso ao que aspira, leva-o a refletir o quanto a especialização pode ser comparada ao mestrado no período relatado. Para este professor realmente ter o título de especialista é comparado ao título de mestre. Como ter especialização no interior baiano, se há pouco tempo, raros eram os professores licenciados em Educação Física no interior da Bahia?

A especialização pontuada pelo professor Júlio César Luz não está presente no panorama de Novaes (2008), isto não quer dizer que ela não tenha existido, apenas que dentro das fontes coletada pela autora, não encontrou divulgação da mesma. Já a especialização dos professores Ianny Silva e Rafael Carlos Diniz é a oferecida pela FETRAB, ambos realizam a mesma especialização, mas em períodos posteriores, 2008 e 2009 respectivamente.

Corroborando a isso, é importante trazer esta reflexão já levantada por Novaes (2008, p. 65-66):

No panorama traçado, podemos observar que, embora os cursos de graduação existentes atualmente no estado assumam, em sua maioria, a formação do licenciado em Educação Física, conforme aquele levantamento feito pelo MEC⁵⁰ há uma relativa dispersão de enfoques temáticos na oferta do curso de pós-graduação. Pensando na continuidade do processo, como esses professores de Educação Física egressos perspectivam a continuidade da formação? Será que não deveríamos ter mais ofertas de cursos de metodologia de ensino na área? A partir de que surgem as demandas dessas temáticas?

No decorrer do seu estudo as perguntas levantadas buscam ser respondidas, mas para este momento destacamos que todos os professores entrevistados que iniciaram a Universidade a partir dos anos 2000, realizaram especialização em outra área, ou seja, não buscaram a continuidade da formação focado no ensino, e isto é justificado em seus relatos, já que o professor Temístocles Silva e Rafael Carlos Diniz cumprem a especialização pensando principalmente na mudança de nível, logo pode-se ressaltar que se existissem ofertas de cursos com o foco na escola, ou seja, metodologia de ensino é possível que os mesmos poderiam ter realizados.

Diante da realidade apresentada destaquei que a possibilidade de escolhas para especializações vem surgindo em Jequié, especialmente na UESB, no entanto, a escassez da oferta precisa ser diminuída, e assim os profissionais tenham acesso a especialização com a temática metodologia do ensino, bem como as escolhas partem do momento histórico vivido por todos os professores entrevistados e, sobretudo, são influenciadas pelas experiências de vida de cada um.

4.2 “EU FIZ OS CURSOS QUE O ESTADO OFERECIA”: A PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA POLÍTICA GOVERNAMENTAL NO PERÍODO DE 2003 A 2014 PARA OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste momento, apresento a proposta de formação continuada do estado a partir especialmente, das memórias dos professores entrevistados e pautada nos documentos construindo uma “linha temporal” das ações governamentais do estado da Bahia no período de 2003 a 2014, formação esta, oferecida para os professores de Educação Física.

É interessante pontuar que o período de 2003 a 2014 corresponde dois governos no estado da Bahia. 2003 a 2007 finda a hegemonia carlista na Bahia, que durou cerca de 16 anos (1991 -2007). Então começa o novo governo, PT (o partido dos trabalhadores assume o lugar

⁵⁰ NOVAES (2008) em sua pesquisa constrói um quadro sistematizado dos cursos de graduação em Educação Física no Estado da Bahia, como parte da pesquisa de mestrado, a partir dos dados disponíveis no Inep, 2007.

da hegemonia carlista e atua de 2008 até o presente momento). Hegemonia carlista referiu-se aos governos ou políticos ligados a Antônio Carlos Magalhães (SCHNEIDER, 2009).

Durante o período do governo de 2003 a 2007 o governador da Bahia era Paulo Souto. Nestes anos, os professores entrevistados que vivenciaram este governo foram Alberto Ferreira, Eduardo Vieira, Luciano Bittencourt, Suzyanne Munaro, José Lopes Júnior e Julio César Luz, todos os outros professores entrevistados fazem parte da rede estadual de ensino já no governo de Jaques Wagner (PT).

A professora Suzyanne Munaro, relata: *“eu me lembro que depois nós tivemos a certificação, o professor José Lopes Junior, A certificação a gente não concordou com a certificação. Aquela prova, nunca concordou com aquela prova, da forma como ela foi feita”*, e o professor Luciano Bittencourt, *“antes nós tínhamos uma prova né? E eu fiz todas as certificações”*, estes professores pontuaram em sua memória proposta de formação continuada durante o período de 2003 a 2007. Todos os outros foram necessárias perguntas específicas referente à certificação para que ela fizesse parte dos relatos.

O projeto de certificação foi desenvolvido pela Fundação Luis Eduardo Magalhães (FLEM), por meio do Programa Educar para Vencer (PEV) no período de 2001 a 2006, nas gestões do PFL/DEM. O projeto de Certificação Ocupacional de Profissionais de Educação está inserido neste programa maior, PEV. Com o intuito de defender o discurso sobre a qualidade da educação, o governo da Bahia lança o “Projeto de Certificação de Profissionais de Educação”, que almejava a participação de gestores, coordenadores pedagógicos e professores (SCHNEIDER, 2009).

A Lei 8480/02 da Bahia reestrutura o Plano de Carreira e Vencimento do Magistério Público do Ensino Fundamental e Médio do Estado da Bahia, é nela que estão presente as orientações sobre o programa de Certificação:

Art. 4º - A promoção na carreira do Magistério Público Estadual do Ensino Fundamental e Médio far-se-á de uma classe para a imediatamente superior, dentro do mesmo nível, observada a disponibilidade orçamentária, a requerimento do interessado e após a comprovação de estar o servidor no efetivo exercício das atividades de magistério correspondentes às atribuições do cargo que ocupa e, conforme o caso, dos seguintes requisitos:

Redação do caput do art. 4º de acordo com o art. 2 da Lei nº9.838, de 19 de dezembro de 2005. Redação original: "Art. 4º - A promoção na carreira do Magistério Público Estadual do Ensino Fundamental e Médio far-se-á, condicionada à existência de vaga, de uma classe para a imediatamente superior, dentro do mesmo nível, a requerimento do interessado e após a comprovação de estar o servidor no efetivo exercício das atividades de

magistério correspondentes às atribuições do cargo que ocupa e, conforme o caso, dos seguintes requisitos:"

I - da classe A para a Classe B: **aprovação no Programa de Certificação Ocupacional;**

[...]

Art. 5º - **A Certificação Ocupacional constitui programa de capacitação que inclui exames práticos e teóricos, com o objetivo de propiciar o desenvolvimento e atualização profissional do servidor do Magistério do Ensino Fundamental e Médio com vínculo permanente com o Estado.**

§ 1º - O programa referido neste artigo será executado sistematicamente e de forma continuada sob a coordenação da Secretaria da Educação.

§ 2º - A certificação individual do servidor deverá ser revalidada a cada período de 03 (três) anos, sendo a sua aprovação no programa o requisito indispensável para a promoção prevista nesta Lei.

Art. 6º - Os critérios e a operacionalização para a Certificação Ocupacional para os servidores do Magistério Público do Ensino Fundamental e Médio serão definidos em Regulamento, que deverá ser publicado no prazo de 120 (cento e vinte) dias após a publicação da presente Lei.

Art. 7º - Os atuais ocupantes dos cargos de provimento efetivo de Professor e Coordenador Pedagógico serão enquadrados na classe A do nível correspondente ao cargo ocupado, de acordo com a carga horária semanal a que estejam submetidos.

Art. 8º - A promoção estabelecida nesta Lei é privativa dos cargos de provimento efetivo de Professor e Coordenador Pedagógico.

Art. 9º - O integrante do quadro efetivo do Magistério Público Estadual do Ensino Fundamental e Médio, quando investidos em cargos em comissão, ainda que privativos do Magistério não poderão concorrer à promoção enquanto perdurar a investidura.

Parágrafo único - Aplica-se o disposto neste artigo ao exercício de todos os cargos em comissão, inclusive os de Vice-Diretor, mesmo estando o servidor submetido ao regime de tempo integral. (Bahia, 2002), **grifo nosso.**

Assim, o programa de Certificação ocupacional era uma prova que para medir os conhecimentos dos professores. Conforme este decreto e a Lei N.º 8.480 de 24 de outubro de 2002, “integrantes do quadro efetivo do Magistério Público do Estado da Bahia” Professores aposentados, em estágio probatório e sem licenciatura plena não podiam fazer o exame.

De acordo a ACERT (2006), foram realizadas 3 (três) avaliações para os professores das disciplinas. Cada avaliação era composta por duas etapas, a aprovação na primeira etapa condicionava a participação na segunda. O primeiro teste era denominado “Teste de Competência Gerais do Educando” era composto por 55 questões de múltipla escolha e 1 redação. O segundo “Teste de Conhecimentos Específicos” era constituído por 100 questões de múltiplas escolhas, continham questões de planejamento do curso, prática docente e conteúdos específicos da disciplina. A ACERT estabeleceu que para serem aprovados, eles precisavam acertar aproximadamente 65% das questões de cada teste.

O professor Luciano Bittencourt exemplifica esses dois testes: “*As duas primeiras que foram provas. Você tinha uma prova de conhecimentos gerais e você tinha uma prova de conhecimento específico*”.

Os exames ocorreram de 2004 até 2006, o primeiro teste do primeiro exame foi 26 de novembro de 2004, e o segundo teste 23 de janeiro de 2005; o segundo exame ocorreu nos dias 27 de novembro de 2005 e 29 de janeiro de 2006 e o terceiro e último exame ocorreu nas datas de 23 de julho de 2006 e 26 de novembro de 2006. Em 2008 com o novo governo a certificação foi cancelado.

Com o novo governo uma nova ação para formação continuada começa a ser proposta. O professor Luciano Bittencourt lembra, “*participei também de uma conferência no Colégio Modelo, que é à distância, também com alguns professores discutindo Mídia e Educação e o foco na área de Educação Física. [...] Nessa faixa aí 2007, 2008*”.

É provável que a data seja 2008, pois foi a partir desse momento que Instituição Anísio Teixeira (IAT), órgão da Secretária de Educação do Estado da Bahia, começa desenvolver ações para a formação continuada de professores da rede.

Um programa de difusão de linguagens e tecnologias da informação e da comunicação da rede pública estadual de ensino. Ela foi criada em 2008 com o objetivo de atender às demandas voltadas para pesquisa, produção, formação e experimentação nos processos de ensino e aprendizagem. A Rede AT é vinculada à Diretoria Geral do IAT e constituída por uma equipe interdisciplinar organizada em núcleos de atuação específica e responsáveis pela execução dos projetos. São eles, o Núcleo Pedagógico, o de Produção Audiovisual, o de Comunicação, o de Designers e o de Desenvolvimento de Softwares Educacionais (SEC, 2012).

O professor Luciano Bittencourt recorda que as videoconferências ocorreram algumas vezes: “*acho que foram duas ou três videoconferências, eu participei de duas*”. Quanto às videoconferências apontadas pelo professor nada foi encontrado, no entanto, a rede de videoconferência do estado da Bahia se insere no programa de formação continuada para professores, instituído pelo decreto nº 7.898 de 30/01/2001 que em seu artigo 1º diz:

Art. 1º - Fica instituído, no âmbito do Estado, o Programa de Formação Continuada para Professores com a finalidade de assegurar a formação profissional do professor da rede pública e possibilitar a melhoria da qualidade de ensino nas Escolas Públicas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, com a utilização de tecnologias de Educação à Distância. (BAHIA, 2001).

Souza e Melo (2013) afirmam que a rede de videoconferência foi implementada em 2004, com uma grandiosa estrutura, com capacidade para realizar eventos em média com

1300 participantes online. Os estúdios estão localizados em pontos estratégicos do estado de forma que possam atingir toda a sua extensão geográfica de 567.295 Km², distribuídos nos 417 municípios, que no final de 2010 todas as Diretorias Regionais de Educação (DIREC's) passaram a ter sala de videoconferência, assim distribuídos: 34 localizam-se em unidades escolares de ensino médio no interior, com predominância nos Colégios Modelo Luiz Eduardo Magalhães, 04 estão em sedes de diretorias regionais de educação, 02 no Instituto Anísio Teixeira – IAT em Salvador, 01 em cada uma das universidades estaduais, Universidade Estadual da Bahia - UNEB, Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e também na Universidade Católica de Salvador – UCSAL.

Imagem 2: Mapa da localização dos auditórios da videoconferência



Fonte: SEC (2012)

Os professores entrevistados também apontam como proposta de formação continuada, encontros organizado pela Secretária de Educação com a finalidade de construir as referências curriculares para a Educação Física escolar no estado da Bahia. O professor Rogério Teixeira relata que: *“teve também que foi a história do [...] a arrumação da educação física”*.

Taffarel (2010), em seu texto titulado Educação Física: Referência Curriculares para a rede pública do estado da Bahia⁵¹, pontua que a construção das referências curriculares se deu a partir de um processo coletivo, com participação efetiva dos professores da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia ocorrendo em 4 (quatro) momentos, sendo estes:

Primeiro momento: em que discutimos concepções básicas sobre Projeto Histórico, Formação Humana, Teoria Educacional e Teoria Pedagógica, Cultura Corporal e Educação Física com os professores de 33 Diretorias Regionais da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (DIREC/SEC/BA) através de videoconferências.

Segundo momento: foi um evento científico com professores e pesquisadores que debateram a Formação do Professor de Educação Física, a Escola e seu Projeto Político Pedagógico, a Educação Física Escolar e o Trabalho Pedagógico. Deste evento desencadeou-se o planejamento dos eventos nas DIREC/SEC/BA.

Terceiro momento: de aprofundamento de estudos, o que vem sendo realizado no programa de Pós-graduação em Educação da FACED/UFBA com o Grupo de Professores de Educação Física da Rede Pública de Ensino da Bahia (GEPERP) e o diálogo crítico com elaboradores de propostas de diretrizes curriculares para a educação básica em geral e, em especial, para a Educação Física nos estados da Bahia, Pernambuco, Paraná e Rio Grande do Sul.

Quarto momento: está sendo o momento de apresentação de proposições superadoras e de experiências inovadoras e sua fundamentação teórica, a ser sistematizada a partir da realidade concreta das unidades de ensino, das escolas, nas 33 DIREC/SEC/BA, levando em consideração o diagnóstico da realidade da Educação Física escolar, as finalidades e a função social da escola, as bases teórico-metodológicas analisadas, criticadas, debatidas e sintetizadas de proposições superadoras.

Para além das questões pontuadas por Taffarel (2010), Pires e Junior (2012) em um estudo que busca perceber de que maneira os encaminhamentos das questões Curriculares da Educação Física se configura na realidade regional, atual NRE 22, naquele momento do estudo denominado DIREC 13, reconhece nas informações coletadas da DIREC 13 o seguinte percurso:

Participação dos professores em videoconferência promovida pela SECBA na discussão de concepções básicas sobre projeto histórico, formação humana, teoria educacional e teoria pedagógica, cultura corporal e Educação Física.

Ajuda de custo para os professores da regional para a sua participação no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), na cidade de Salvador, e posteriormente na jornada pedagógica do CBCE realizada na cidade de Alagoinhas, na Bahia.

Constituição de um grupo de estudos para o exercício de um diálogo crítico para elaboração de propostas de diretrizes curriculares para a Educação Física no Estado da Bahia.

⁵¹ Texto didático destinado ao seminário da DIREC 1A e 1B, a realizar-se em 14 e 15 de Dezembro de 2010.

Realização de um seminário com o intuito de sistematizar as propostas a partir da realidade concreta das unidades de ensino, das escolas, levando em consideração o diagnóstico da realidade da Educação Física escolar. (PIRES e JUNIOR, 2012, p. 842-843).

Mesmo que pouco tenha sido lembrado pelos professores entrevistados sobre este momento, temos estudos que mostram estas ações de 2010 até 2011. A falta de lembranças sobre este fato pode ser relacionado a diversas situações, como a não participação ativa do professor, não perceber esse momento como formação continuada ou/e devido à distância do período para o momento da entrevista. No momento da entrevista os professores entrevistados estavam em cursos de formação continuada, como veremos a seguir. Logo, os anseios vivos em sua memória estavam pautados no momento vivido.

No entanto estas contradições, enquanto para alguns este momento não foi lembrado, o professor Luciano Bittencourt valoriza este momento pontuando e afirmando que o material foi produzido e chegou à escola. Por que este momento não foi significativo para a grande maioria dos professores entrevistado? Cadê o material produzido? Já que a maioria não aponta o acesso a este material.

Também no período de 2010 ocorreu o curso de “Capoeira na Escola: Patrimônio de todos nós”. Apenas os professores que iniciaram a atuação da rede estadual de ensino a partir de 2011 não tiveram a oportunidade de participar desta ação. O professor Alberto Ferreira pontua com alegria este curso: *“Ah! Teve o de capoeira, teve o de capoeira sim”*. O Professor Eduardo Vieira pontua: *“eu fiz, só fiz um curso oferecido pelo estado, só um curso de capoeira”*.

Na síntese do projeto estruturante da Secretária de Educação do ano de 2010, apresenta este curso afirmando que este vem contribuir para aplicação da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que se refere à inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nos currículos oficiais das redes públicas de ensino, com tais objetivos:

Capacitar e/ou atualizar os professores da rede pública de ensino no intuito de desenvolver ações pedagógicas do ensino da capoeira como prática educativa voltada ao respeito à diversidade étnico-racial e cultural.

Capacitar e/ou atualizar os professores da rede pública de ensino, oportunizando-lhe subsídios teóricos – metodológicos para o uso da capoeira como instrumento de educação voltada ao respeito à diversidade étnico-racial e cultural.

Elaborar, juntamente com os professores, um material didático–pedagógico que sirva de dispositivo pedagógico.

Publicar o livro didático “CAPOEIRA NA ESCOLA: CULTURA PARA TODOS NÓS”, servindo de documento base para o ensino da capoeira no âmbito escolar.

Produzir um filme “CAPOEIRA NA ESCOLA: CULTURA PARA TODOS NÓS”, evidenciando as questões relevantes a inserção da capoeira na escola. Organizar as ações para o festival de capoeira na escola. (SEC, 2010, p. 47).

Nas memórias relatadas os professores reconhecem o curso como uma primeira ação do estado no que diz respeito à capoeira na escola e as características do mesmo. O professor Júlio César pontua, *“o estado propôs uma formação na área de capoeira, na verdade foi à primeira formação na área de capoeira no estado da Bahia”*. O professor Alberto Ferreira afirma que no curso não estava envolvido apenas o professor de educação física, mas de outras áreas também, pois o curso buscava um trabalho interdisciplinar entre as disciplinas, *“professor de Geografia, professor de história envolvido, por que na realidade não era só professor de educação física que tava nesse curso, era professor de geografia, história e educação física”*.

Na síntese do projeto, o único instrumento encontrado durante a pesquisa de documentos da SEC, não tinha informações específicas sobre os professores participantes, apenas que o público-alvo era os educandos da rede pública de ensino, mas a dissertação de Mendonça (2013), *Capoeira na Escola: Análise e reflexões acerca de sua legitimação nas aulas de Educação Física das escolas Estaduais da DIREC 13 – Jequié – Bahia*, é apresentado questões sobre o curso, apontando algumas características e as áreas de conhecimento que participaram.

Mendonça (2013) afirma que o trato da capoeira no curso “Capoeira-Patrimônio de todos nós” foi de maneira mais contextualizada, sob uma perspectiva interdisciplinar abarcando não só a Educação Física, mas também outras áreas de conhecimento, como a história, Geografia, Artes, contribuindo assim, para uma visão mais ampliada do significado histórico e social dessa manifestação cultural. O professor Alberto Ferreira recorda a dinâmica do curso.

Foi assim, foi modulo comum, primeiro modulo foi, o professor veio, Glau...Lau...Glauber. Glauber. Glauber. Veio da secretaria trouxe a ementa do curso, foi a primeira parte a parte teórico, bem teórico mesmo falando sobre esta parte da historicidade da capoeira. Na segunda parte da foi Virgilio e mestre Mago que vieram e deram a parte prática também da capoeira, a parte de movimentação de... metodologia de como trabalhar a capoeira, sem trabalhar a capoeira, sem trabalhar os golpes a princípios, né? Fazendo aquela toda movimentação utilizando de jogos, da ludicidade para poder desenvolver os movimentos da capoeira que é a: ginga, é... os agachamentos, as quedas né? E os golpes da capoeira sem ser, sem descrever como golpe. Depois veio mestre Virgilio e mestre Mago, que já veio com aquela parte analítica da capoeira, o golpe, repete e faz e repete e aí depois o jogo da capoeira. Veio também ensinando a parte de instrumento, como é

que toca a capoeira, os instrumentos da capoeira, o berimbau, atabaque e o pandeiro. Como é que toca.

A partir do relato do professor Alberto Ferreira e os objetivos do curso, destaco que o curso “Capoeira na escola - Patrimônio de todos nós”, foi uma iniciativa de formação presencial com uma metodologia de trabalho diversificada que busca a presença da capoeira na escola, não apenas pela vertente da disciplina de Educação Física, mas também por outras áreas de conhecimento.

Depois deste curso os relatos dos professores foram específicos para os cursos EAD e cuja participação estava direcionada ao aumento do salário, depois do período da certificação as experiências de formação apresentada pelos professores entrevistados, não tiveram relação direta como aumento salarial. Em relação a este quesito, o professor Luciano Bittencourt relata:

Olhe bem na verdade esses cursos do estado desde que eles foram implementados na verdade era o processo de certificação né? Desde a época de Paulo Souto, agora o que mudou na verdade foi o perfil dos cursos, antes nós tínhamos uma prova [...] nesse novo modelo dos dois últimos cursos oferecidos a nós o curso a distância.

O novo modelo de curso que o professor pontua acima é denominado Curso de “Atualização em Práticas Pedagógicas”. Segundo a SEC (2012) a Secretária de Educação por meio do Instituto Anísio Teixeira, promove o presente curso na modalidade educação à distância, com carga horária de 120 horas, aos professores e Coordenadores Pedagógicos. A inscrição para o curso foi realizada de 22 de novembro a 6 de dezembro de 2012 e teve início 17 de dezembro de 2012.

O presente curso é ofertado pelo Centro de Educação a Distância da Universidade de Brasília (CEAD-UnB) e tem como objetivo, aprimorar a formação de educadores e ampliar a discussão de estratégias teórico-metodológicas capazes de articular as linguagens, nas diversas áreas do conhecimento. O curso de extensão em “Atualização em Práticas Pedagógicas” terá carga horária integral de 120 horas e será constituído por duas etapas, com dois módulos de 30 horas cada. (CEAD-UnB, 2012)

Segundo a portaria nº 9.483/2012 o 1º (primeiro) módulo tratou questões da escola, organização curricular e prática docente – conceitos principais; o 2º (segundo) módulo abordou questões sobre instrumentos pedagógicos e a melhoria da preparação e dinamização de aulas; 3º(terceiro) módulo procedimentos técnicos e institucionais de planejamento de ensino e o 4º(quarto) módulo Projeto de intervenção pedagógica.

Sobre as questões trabalhadas nos módulos o professor Luciano Bittencourt recorda:

Em relação ao primeiro curso que foi o que é feito pela UNB Universidade de Brasília, é eu achei interessante a proposta do curso que era no final você aglutinar. Você fazer uma discussão mais geral do ponto de vista pedagógico da educação né? Discutindo vários assuntos inclusive a questão da inserção das novas tecnologias então assim todas essas discussões que nós sabemos que são importantes, a questão do currículo a percepção, uma nova percepção de currículo e no final afunilando com o projeto específico por cada área que foi sempre tem a oportunidade de discutir com outros colegas de outros lugares e formatar um projeto pra área de educação física que foi a proposta do curso, eu achei interessante a proposta

Outro ponto a destacar sobre os módulos é a forma como os professores foram distribuídos no mesmo, Alberto Ferreira pontua claramente;

No primeiro momento foi você no grupo de professor de várias disciplinas falando sobre o termo metodologia, no segundo momento você falando sobre os professores da tua área de conhecimento que é área de linguagem falando sobre a comunicação entre as disciplinas e no terceiro momento que foi você com a educação física que foi falando projetos aplicados na escola.

Neste contexto apresentado pela portaria e relato dos professores entrevistados, percebo que a proposta do curso busca discutir a questão da educação e para finalizar almeja a aplicabilidade na escola, já que os últimos momentos buscam em conjunto construir um projeto, no entanto, nem na portaria, nem no site da secretária encontrei informações sobre o aumento salarial daquele ano está condicionada ao cumprimento de 75% do curso, informação presente apenas nas memórias dos professores e no site do Sindicato dos trabalhadores de Educação do Estado da Bahia.

Suzyanne Munaro afirma que “*os professores só fazem mesmo porque tem a obrigação de fazer, por conta do aumento percentual do salário*”. O Professor Emerson Pain deixa claro o quantitativo do aumento: “*Aí teve um de Práticas Pedagógicas, que foi aquele que deu 5% [...] os 15% que foi dividido né*”?

O curso destinado aos docentes e coordenadores pedagógicos, foi instituído pela Secretaria da Educação do Estado, por intermédio da Portaria nº 9.483 de 20 de novembro de 2012, e possibilita progressão com ganho médio de 14%, sendo a primeira promoção retroativa a novembro deste ano e a segunda, a partir de março de 2013 APLB (2012).

Outro ponto a destacar sobre o curso é que os professores que estavam em estágio probatório não tiveram direito de realizá-lo. Da mesma forma quando ocorria à certificação, Júlio César comenta, “*quanto às certificações, teve duas certificações no período que eu tava no estado até hoje. A primeira certificação eu tava no estágio probatório e não pude fazer.*”

Para os professores que deveriam concluir o estágio probatório em 2014 e 2015 (2.331), a secretaria vai instituir nova edição do curso nesses anos, exclusivamente para garantir a progressão a esse grupo de profissionais. O projeto regula, exclusivamente, as promoções concedidas nos anos de 2012 e 2013, ficando suspensa neste período, a avaliação de desempenho, APLB (2012).

No entanto até dia 18 de Junho de 2014, data da entrevista com o Professor Rafael Carlos, *“pelo que eu entendi era para fazer no último ano do estágio probatório, que era este ano, mas até agora ninguém falou nada”*. Mas, o que o governo tinha proposto como apresenta na APLB (2012) foi feito, pois logo depois em 22 de julho de 2014, o site oficial da Secretária de Educação publicou o chamado para os professores.

As inscrições para a segunda edição do Curso de Atualização em Práticas Pedagógicas, promovido pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, serão abertas nesta quinta-feira (24/07), a partir das 10h, e seguem até as 23h59 do dia 1º de agosto. A informação foi publicada no Diário Oficial do Estado da Bahia (DOE) desta terça-feira (22/07). O curso será realizado por meio de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e terá a carga horária integral de 120 horas, sendo constituído em duas etapas com dois módulos cada. Para cada etapa, o cursista deve cumprir 75% da carga horária, o que o habilitará para a etapa posterior. A formação dará direito à promoção de carreira e assegura um ganho médio de 14%, para os cursistas que cumprirem a carga mínima em cada etapa. Para participar do Curso de Atualização em Práticas Pedagógicas, é preciso ser ocupante permanente do cargo de professor ou coordenador pedagógico, estar em efetivo exercício na rede estadual e ter concluído ou ser concluinte, com aprovação, o estágio probatório entre o dia 1º de janeiro de 2014 e 31 de dezembro de 2015. (PORTAL DO SERVIDOR, 2014).

Diante das informações apresentadas acima, é possível observar que a proposta da segunda edição do curso de Atualização em Práticas Pedagógicas segue o mesmo formato da primeira edição, com diferenças quanto ao aumento salarial. O ato de se inscrever já garante 3,7% e o conhecimento trabalhado tinha um foco nas tecnologias e informação nos diversos campos da Educação. No primeiro módulo, serão realizadas quatro etapas sobre: As tecnologias da informação e da comunicação no contexto escolar; Educação e Redes Sociais; O uso pedagógico dos recursos tecnológicos no cotidiano escolar e Educação e conteúdos digitais.

O segundo módulo constará das seguintes etapas: Currículo e avaliação: apropriação tecnológica, inovação e diversificação; Educação para a Diversidade e Inclusão; Memória, investigação científica e produção artística na perspectiva da prática pedagógica

interdisciplinar e Produção colaborativa e compartilhamento de material didático-pedagógico com uso de conteúdos digitais, (APLB, 2014).

A partir da memória dos professores entrevistados, documentos e sites oficiais do governo a “linha temporal” da formação continuada proposta pelo governo estadual do período de 2003 até 2014.

Tabela 4: “Linha temporal” da formação continuada proposta pelo governo estadual do período de 2003 a 2014.

Formação continuada	Período
Exame de Certificação 1	1º etapa (2004); 2º etapa (2005)
Exame de Certificação 2	1º etapa (2005); 2º etapa (2006)
Exame de Certificação 3	1º etapa (2006); 2º etapa (2006)
Videoconferência	Data provável 2008
Referência Curriculares para a rede pública do estado da Bahia	2010-2011
Capoeira na Escola: Patrimônio de todos nós	2010
Atualização em práticas pedagógicas	2012
Atualização em práticas pedagógicas	Atualização em práticas pedagógicas

Fonte: Memórias dos professores, site da secretária de Educação do estado da Bahia e referências bibliográficas.

Assim, destaco que ocorre uma mudança nas formas que a capacitação é apresentada para os docentes, especialmente sobre a metodologia dos cursos. Notadamente na ação de formação continuada para todos os professores da rede, quanto à ação é direcionada a disciplina de educação física ela apresenta outras formas.

Inicialmente, a formação continuada tinha o foco numa prova para avaliar o desempenho dos professores, condicionando o aumento salarial e a aprovação da mesma. A partir do governo dos trabalhadores, isto é, o PT, os cursos de formação seguem a vertente da EAD, com uma metodologia de trabalho dividido em blocos. No primeiro curso, os professores dialogavam com as diversas áreas, depois apenas com sua área específica, no caso da educação física a área a dialogar era linguagens e para finalizar construíam um projeto com o grupo de professores da mesma disciplina. Concluir o curso com a frequência de 75% e aprovação condicionava ao aumento salarial.

Em ambos os casos, os professores que no momento estavam no estágio probatório não tinham direito de participar e adquirir aumento salarial, ficando sem aumento até sair do estágio probatório, isto em conformidade com a Lei nº 8.480, de 24 de outubro de 2002, como apresento no início deste tópico.

No entanto, existem ações específicas para os professores de educação física, nestas ações a proposta não apresenta o aumento salarial, mas sim a construção da educação física na Bahia em especial, nas escolas. Os professores relatam as videoconferências, reuniões para a construção do currículo da educação física no ensino médio e o curso de “Capoeira-Patrimônio de todos nós”, este último, surgem pensando em se fazer cumprir a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.

A seguir apresento a memória dos professores quanto à participação nos referidos cursos, apresentando a visão dos mesmos sobre a formação continuada, apresentando pontos positivos e negativos, sempre a partir dos relatos orais daqueles que são o carro chefe da formação continuada.

4.3 “O QUE MUDOU NA VERDADE FOI O PERFIL DOS CURSOS. ANTES NÓS TÍNHAMOS UMA PROVA NÉ?”: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Com o objetivo de conhecermos a memória acerca da experiência com a formação continuada oferecida para os professores de Educação Física, neste momento apresento as lembranças das experiências vividas durante a construção das Referências Curriculares para a rede pública do estado da Bahia, curso de capoeira na Escola: Patrimônio de todos nós e o curso de Atualização em práticas pedagógicas do ano de 2012. Quanto à certificação, videoconferência e o curso em prática pedagógicas do ano de 2014 não tenho elementos para apresentar, tendo em vista esta certificação e videoconferência terem sido pontuadas apenas pelos professores sem maiores aprofundamentos e, o curso em prática pedagógica do ano de 2014 ainda estava em andamento no momento da entrevista.

O professor Luciano Bittencourt quanto à construção das referências Curriculares para a educação física, pontua como um momento muito interessante para a área: *“eu participei desse projeto aqui em Jequié e esse projeto hoje se materializou, tanto que o estado já fornece, já forneceu, desde o ano passado que nós temos as orientações curriculares”*, enquanto o professor Rogério Teixeira apresenta este momento: *“ah! Aquilo foi uma bagunça geral”*. Justificando sua colocação da seguinte forma: *“por que na verdade você não sabia o que era que estavam querendo, então a gente fazia mesas de reuniões sem nem saber o que eu vou contribuir o que eu vou levar né”?*

A partir dos relatos dos professores, observei a tentativa do estado em construir um diálogo com os professores da rede, a fim de que as mudanças do currículo não venham de forma horizontal, mas ocorram a partir de uma tarefa partilhada e compartilhada, entretanto,

precisa melhorar a comunicação para com os professores para que todos conheçam o objetivo e o processo que estão sendo inserido e possam ter uma participação consciente.

O professor Luciano Bittencourt aponta a seguinte avaliação sobre o momento da construção da orientação curricular:

Só a iniciativa da construção das orientações curriculares acho que foi um avanço muito grande. Se nós olharmos que há cinco anos atrás um professor no primeiro ano aqui no Luiz Viana tava dando um conteúdo e o outro lá no colégio bem próximo tava falando um conteúdo totalmente diferente né? [...] então conseguir articular o currículo mínimo que contemple ou que pelo menos façam com que os professores falem semelhantemente na Bahia, eu acho que foi um avanço né? Pelo menos no papel isso tá né? Quer dizer, a gente não pode reclamar, por que a gente questiona muito, mas existe. Existe uma orientação curricular lá, se ela é equivocada, se ela não é se ela contempla se ela não contempla aí é outro debate, mais nesse sentido eu acho que nós avançamos né? Avançamos.

A partir da memória apresentada acima, observo que não foi um consenso à orientação curricular presente no momento, já que o professor apresenta que os questionamentos existem, no entanto, por si tratar de uma orientação e não uma grade de conteúdos fixos para cada ano o professor avalia como um avanço para área, especialmente na Bahia.

Próximo ao período da construção curricular ou até mesmo concomitante já que ocorreu no mesmo ano, 2010, os professores tiveram a oportunidade de realizar um curso com o foco no conhecimento da capoeira, tendo este um formato de curso, atividades presenciais e professores organizando o que seria tratado em cada módulo, “*à parte final do curso foi você aplicar o projeto, construir o projeto, aplicar na escola, depois falar, fazer um relato como é que foi essa aplicabilidade*”, pontua o professor Júlio César.

Os professores entrevistados pontuam que estes cursos foram bastante significantes para a prática pedagógica e com uma metodologia bastante diversificada, à medida que, depois de cada encontro era necessário que os professores levassem o que foi aprendido para escola e no encontro seguinte às experiências pudessem ser compartilhadas por todos os envolvidos.

Quando perguntado sobre os cursos, eles apontam a contribuição dos mesmos, no entanto, apenas a professora Suzyanne Munaro apresenta que o curso não trouxe mudanças nem contribuições para o seu trabalho na escola: “*eu pessoalmente não acredito aquilo para mim, não me capacitou*”. Em suas colocações ela expõe sempre a dificuldade em trabalhar o conhecimento capoeira na escola, especialmente diante das dificuldades de religiosidade dos educandos: “*tive alunos que saíram da sala, que quiseram me exorcizar por conta da*

questão”. Acredito que a professora Suzyanne Munaro tem como memória mais significativa estes eventos do cotidiano da escola, o que a leva avaliar apenas os pontos negativos do curso.

Pela recordação da professora a questão central não estava no curso em si, mas na dificuldade que teve em lidar com determinadas questões no âmbito da sala de aula, deixando claro também em seu enunciado de que não acredita.

No entanto, os outros professores destacam a necessidade de cursos com este formato, Eduardo Vieira relembra alguns momentos com seus colegas, *“muito bom! E a agente até discutia com nossos colegas, né? Discutíamos que cursos dessa espécie, assim, teriam que ser oferecidos com uma frequência maior, por que modifica nossa prática na escola, acrescenta muito”*.

Quanto aos conhecimentos trabalhados no curso o professor Júlio César, pontua que: *“foi um curso que me fez aprofundar um pouco mais na discussão né? Me fez conseguir mais alguns recursos, vamos dizer assim né? Então assim, já vinha trabalhando com a capoeira, mas esse curso me deu mais alguns recursos metodológicos pra ta atuando”*.

Quanto estes recursos metodológicos o professor Rogério Teixeira aponta mais detalhadamente:

Me deu ferramentas. Me deu outra visão da capoeira, que eu tinha diferente, sabe? [...] Acho que o mais, a praticidade do curso foi bem maior. O trato com os professores de lá do curso, né? Foi mais assim, a visão dele, mais, mas pra realidade [...] Na verdade no curso eu percebi muito assim, que os caras davam as ferramentas pra você usar, sabe? Eles não deixavam aquela opção de não... Eles falavam que pode ser assim eles mostravam exemplos, é isso que eu falo, falta muito isso no estado, a gente fazer coisas pra as caras à tapa né? [...] pow o aluno que não quer jogar, ele tenta tocar. O aluno que não quer tocar nem quer jogar, vamos falar sobre a historia, deixa ele ver um filme. Aquele curso eu achei massa por isso. Ele tinha essa historia, de porra vamos tentar envolver todo mundo em tudo o que é possível [...] ela fala assim vamos abrir um leque, vamos fazer roda, agente vai fazer a roda, a agente vai tocar, a gente vai passar um filme, a gente vai fazer, vamos se envolver turma. Então aquilo aquele curso pra mim foi fantástico.

No entanto, mesmo com os diversos pontos positivos e possibilidades de aplicar a capoeira na escola, os professores ainda relatam a falta de retorno da secretária de educação, apoio financeiro para a aplicabilidade do projeto e o não cumprimento com todos os pontos colocados no projeto. O curso ficou como uma ação pontual e não deu continuidade para a aplicabilidade do conhecimento capoeira na escola, ficando apenas como uma ação para cumprir a exigência do curso. *”Aí eu sei que depois do curso não teve mais nada de capoeira no IERP também, e aí desde quando tou aqui no Luiz Viana não fizemos nenhum projeto assim”*. Rogério Teixeira deixa claro a sua dificuldade de realizar a proposta.

O problema todo daquele curso de capoeira foi a verba, que eu vim, eu vim com ideia de ampliar né? A história da questão não só da prática de capoeira da construção de, instrumentos, de chamar gente pra vim aqui, de trocar uma ideia não sei o que tal, tal. Eu vi muita ideia e na verdade quando a gente esbarra, a escola ela não tem interesse, ela não quer gastar esse dinheiro, ela sabe? Não se pode solicitar da DIREC que envie isso. Então assim, eu esbarrei na questão da grana na verdade, que a gente vem. Eu queria fazer uma semana, parar a escola uma semana e falar sobre isso, não tem possibilidade.

O professor Alberto Ferreira avalia da seguinte maneira:

Oh, a proposta do estado é uma coisa que eu acredito, mas a execução da proposta que é o problema. [...] Do curso como um todo. Olha só, porque assim o curso tem a proposta a ementa até interessante querendo implementar, implantar a capoeira na escola como forma de componente curricular por tratar de uma manifestação cultural, interessantíssimos, acho super válido. [...] Soltou e soltou, tome ai, se vire. Vá. Quer dizer poderia ter lá um link você chegaria no da secretaria do estado na, na... no site da secretaria de educação teria um link lá: capoeira na escola patrimônio de todos nós, você entraria nesse link e você teria é, eventos, história, a capoeira no Brasil, a capoeira na Bahia né? A capoeira na região, por região.

Então, observo que a proposta do curso busca a experiência do professor construindo a formação a partir “de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal”, como afirma Nóvoa (1995, p. 25). A atividade do curso era uma constante ir e vir, ou seja, a experiência de um módulo deveria ser aplicada na escola e no encontro seguinte refletir em grupo a prática cotidiana. Assim corrobora com o pensamento de Marques (1992) que o espaço construído no curso fortalece e aprimora a prática desenvolvida no âmbito da escola, pois a ação do curso possibilitava a articulação entre as estratégias do professor na sala de aula e o espaço para a reflexão coletiva contribuindo para o aperfeiçoamento constante das práticas educativas.

Os professores reconhecem a construção coletiva do curso, especialmente quanto à possibilidade de aplicabilidade do conhecimento capoeira e a reflexão da ação com todos os envolvidos no processo, no entanto, é necessário criar condições concretas para que a experiência não se resuma para uma situação, mas possa ser um fazer pedagógico constante.

A partir de 2012, outra configuração de curso de formação começa a ser proposta pelo estado. Neste momento, a experiência de formação continuada é direcionada aos cursos de educação à distância, o decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005 conceitua a educação a distância da seguinte forma:

Art. 1º Para os fins deste Decreto caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Nesta perspectiva, no presente decreto, o governo já vinha com algumas ações quanto à formação EAD, a memória dos professores reconhece momentos de videoconferência que tinham como objetivos a discussão quanto às questões que envolviam a área. Segundo os relatos do professor Luciano Bittencourt desde 2008 ele recorda de suas participações nesses eventos, no entanto, a proposta do ano de 2013 segue dentro de formato de cursos com módulos e participação de todos os professores da rede estadual, e como aponto no tópico anterior, condiciona a participação ao aumento salarial.

Situações que contribuíram para os professores entenderem esse momento como uma certificação, nome utilizado para os exames de provas aplicadas durante o governo anterior. O professor Júlio César pontua: *“teve esse curso, concluí essa certificação”*. O professor Luciano Bittencourt também aponta a semelhança deste curso com o modelo de certificação: *“olhe bem na verdade esses cursos do estado desde que eles foram implantados na verdade eram é o processo certificação né? Desde a época de Paulo Solto agora o que mudou na verdade foi o perfil dos cursos. Antes nós tínhamos uma prova né?”* Corroborando com o professor Luciano Bittencourt a professora Suzyanne Munaro acentua: *“é a mesma certificação, só que agora eles fazem como EAD”*.

Quando pontuam sobre o curso de Atualização em Práticas Pedagógicas a primeira avaliação feita pelos professores, é perceberem este momento como um processo de avaliação e não como um momento de aprendizagem, o professor Eduardo Vieira ver o curso como momento de buscar o aumento salarial: *“na verdade é um aumento que era pra ser dada, a gente vai ter que ir buscar através desses cursos”*.

Quando interrogado diretamente sobre a proposta do curso, como eles veem o formato do curso de Atualização em Práticas Pedagógicas, aparece nos relatos uma avaliação positiva, o professor Temístocles Silva narra:

Não concordo muito com a metodologia, pq não tem o impacto esperado. A forma como está sendo feita, pra mim, não sei para os outros, mas acho que não tá tendo o significado daquilo que está se buscando, primeiro ele justifica um direito trabalhista se condiciona a uma ação, direito é direito. Independente de fazer o curso ou não. O curso deveria ser em outro viés. Se quisesse atrelar a questão do orçamento que aumentasse, mas que não atrelasse um direito a, para mim já começa errado aí, a forma meramente a distância, vai de encontro a minha formação educacional,

Enquanto o professor Luciano Bittencourt acentua:

Em relação ao primeiro curso que foi o que é feito pela UNB, Universidade de Brasília, é eu achei interessante a proposta do curso que era no final você aglutinar, você fazer uma discussão mais geral do ponto de vista pedagógico da educação né? Discutindo vários assuntos inclusive a questão da inserção das novas tecnologias. Então assim, todas essas discussões que nós sabemos que são importantes, a questão do currículo a percepção, uma nova percepção de currículo e no final afunilando com o projeto específico por cada área, que foi sempre. tem a oportunidade de discutir com outros colegas de outros lugares e formatar um projeto pra área de educação física, que foi a proposta do curso. Eu achei interessante a proposta, no entanto a execução do trabalho, a condução né? Do formato é que não me agradou, por que eu vi pessoas copiando coisa dos outros né? Plagiando ideias formatando trabalhos que já existiam, então isso na verdade eu acho que não.

Sobre este último ponto levantando pelo professor, sobre a execução do projeto, Suzyanne declara que a busca do curso não era pelo desejo de se ter conhecimento ou até mesmo ou a aspiração por um possível aumento salarial, mas realizam o curso pela “*obrigação de fazer, por conta do aumento porcentual do salário*”. Outro ponto que pode justificar é a falta de condições objetivas para a realização do mesmo,

[...] ouve história de gente que pagou pra fazer, pra outra pessoa fazer né? Porque tem gente que não tem nem internet não, o acesso direto. [...] não dá condições pra a gente, é tanto que a preferência deles por EAD é isso, você pode tá trabalhando né? Você trabalha, a noite você, um horário que você tiver, por obrigação você vai lá, tem que entrar né?

Outra questão importante a ser pontuada, é a situação abordada pelo professor Júlio César: “*um curso que pouco me acrescentou, até porque eu não acredito nessa formatação EAD. [...] também é muito fragmentado né? É o próprio curso ele não me mobilizou a tá estudando, a tá me qualificando, assim a meu ver foi um aperfeiçoamento muito superficial*”.

Os professores ao mesmo tempo em que reconhecem o curso como uma certificação pontua que: “*é melhor do que a prova, muito melhor. Eu acho que ela proporciona um diálogo maior*”, relata o professor Luciano Bittencourt. Por outro lado, as condições objetivas para realizar como tempo e acesso a internet, muitas vezes dificultam este diálogo.

Observo na memória dos professores que o estado vem com ações que visam à formação continuada dos professores, no entanto, estas ações são superficiais, ou seja, se observamos a aparência ela mostra ações, mas muitas vezes a essência não busca a formação, o que contribui na maioria das vezes para uma falsa formação e que os professores reconheçam essas ações como práticas de objetivos diversos, como aumento salarial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a memória dos professores de Educação Física do Núcleo Regional de Educação de Jequié, antiga DIREC 13, percebi que jamais o texto escrito será capaz de mostrar todos os detalhes e os significados construídos durante um texto oral, mas tive a finalidade de preservar a maior quantidade de sentido e significados deixados pelos professores entrevistados.

Na memória (re) construída em cada entrevista, percebi que as escolhas, especialmente as preferências profissionais, são influenciadas pelas experiências de vida anterior ao momento da escolha, mas também são reflexo das condições objetivas que vivem no momento presente.

E foi tentando conhecer as escolhas e opções de formação continuada oferecida pela rede estadual de ensino, que desenvolvi este estudo. Delimitei como baliza cronológica o período 2003 a 2014. Optei por este marco, pois compreendeu o período do último governo da era carlista e compreende o novo governo do partido dos trabalhadores (PT), e as fontes do estudo foram às entrevistas, ou seja, elas foram o carro chefe dos dados coletados, contribuindo assim, para o reconhecimento não só das trajetórias individuais, como também a experiência de um grupo no espaço da Educação Básica na NRE 22.

Ao debruçar sobre as fontes, isto é, as entrevistas dos professores, constatei que ao falar sobre as escolhas e opções de formação continuada é importante pontuar as experiências durante a infância e adolescência, especialmente em relação à educação básica e ambiente da formação profissional, ou seja, as relações construídas durante o ambiente universitário. Também esse procedimento metodológico tornou possível a visualização de dois grupos: o primeiro inicia sua vida universitária anterior aos anos 2000 e o segundo ingressa na Universidade após este período.

No primeiro capítulo do texto, dedico à análise das entrevistas dos professores que fizeram parte do primeiro grupo. Deste grupo foi possível subdividi-lo em dois, pois os professores Alberto Ferreira e Eduardo Vieira, realizaram o curso de Licenciatura em Educação Física em instituições privadas, tendo este momento, se configurado como sendo um período histórico, já que na Bahia eram bastante restritas as opções de Cursos superiores em Educação Física. Na capital baiana tinha dois cursos, um oferecido pela UCSal e outro pela UFBA e no interior, existia apenas a opção da Faculdade de Montenegro localizada no Sul da Bahia. Todos os outros professores são egressos da UESB, momento marcante que a Bahia vive a expansão dos cursos de Licenciatura em Educação Física.

Mesmo tendo ingressado no ambiente acadêmico em períodos históricos diferentes, os dois primeiros professores supracitados, escolhem o curso de Licenciatura em Educação Física na década de 80 e início dos anos 90 no século XX, e os professores advindos da expansão dos cursos superiores são do final da década de 90 do século XX, especificamente a partir de 1997, data do início do curso da UESB, todos fazem esta opção profissional influenciados pela experiência enquanto alunos da rede básica. Experiência esta marcada, sobretudo, pela aula de educação física vivenciado neste período, ou seja, a escolha da profissão de professor de Educação Física baseou-se fortemente em uma memória afetiva que remota a um relativo “sucesso” no esporte escolar.

Nesse sentido, não é de se estranhar que ao adentrarem no ensino superior suas primeiras escolhas sejam direcionadas aquelas que tragam uma relação com as experiências anteriores. Logo quando tem a oportunidade de iniciarem as disciplinas relacionadas diretamente ao esporte e à temática de atividade física e saúde, se reconhecem nesse espaço, e a formação é direcionada as atividades de cunho “prático”, ou seja, quando tem a opção além do currículo acadêmico, escolhem sempre os cursos voltados para a área fitness.

No entanto, dos professores que fazem parte do primeiro grupo, dois divergem dessas escolhas, os professores, Luciano Bittencourt e José Junior, têm a oportunidade ainda na graduação, iniciarem sua experiência profissional no ambiente escolar. Esta oportunidade de vida contribui para que outras escolhas fizessem parte do caminhar desses professores, especialmente aquelas ligadas ao ensino da Educação Física, tendo em vista nas suas memórias a Educação Física aparece mais relacionada ao ambiente escolar, sejam as disciplinas obrigatórias do currículo e as escolhas de formação durante a graduação.

Desta forma, observei que as marcas na memória da experiência estudantil no período escolar da educação básica, foram de grande influência para as escolhas profissionais, mas que também as novas experiências vividas pelos professores, contribuíram para que novos olhares fossem lançados e novas atitudes sejam tomadas. A memória é o vivido, é a experiência.

Outro aspecto analisado neste primeiro capítulo é o momento da entrada no mundo do trabalho dos professores, que em sua maioria, seguiram caminhos que os levaram para área da educação física não formal, especialmente treinamento, atividade física e saúde, durante a graduação e depois de formados, no entanto, a professora Suzyanne Munaro e Luciano Bittencourt desde formados apenas atuaram na educação física escolar.

Os professores entrevistados não tiveram dificuldade para iniciar a carreira profissional na educação física escolar. Eles viveram um momento que em Jequié e região era

bastante escasso a presença de profissionais formados em Educação Física. O início da atuação profissional deste grupo de professores, foi marcado pelo vasto campo de atuação profissional, seja na área formal ou não formal.

No segundo momento do estudo apresentei a memória dos professores que tiveram a experiência de iniciar a Licenciatura em Educação Física a partir dos anos 2000. Assim como no momento anterior, os fatos remorados são englobados em três momentos; a experiência com a educação básica, a experiência no ambiente universitário e o início da atuação profissional. Todos eles passam por estes momentos em período histórico bem próximo, no entanto, questões específicas de cada um, mostram uma diversidade de caminhos e escolhas. Neste grupo, as escolhas são influenciadas principalmente pelas condições objetivas que o momento apresentava.

Quanto à educação física no período escolar, não aparece como sinônimo de esporte, no momento vivido por estes professores. A disciplina educação física oportuniza um leque de possibilidades de conhecimentos, especialmente quando os professores entrevistado começam a cursar o ensino médio, contudo, o professor Júlio César Luz e Rafael Carlos Diniz ao apresentarem sua memória referente a este período, resume apenas ao momento da prática esportiva, selecionam os momentos que ficaram marcados em suas vidas.

Diferente do primeiro grupo, este não termina o ensino médio com a certeza de seguir a Educação Física como profissão. Prevalece a necessidade do status social, dito de outra forma, são impulsionados a escolherem o curso de educação física em primeira instância, pela necessidade de serem universitários e o curso de educação física aparece com uma opção que durante a vida escolar de alguma forma se identificaram com a área, mas especialmente, o curso de Licenciatura em Educação Física se apresentava como um caminho para novos cursos, já que era possível transferi-lo, para outros cursos ligados a área da saúde.

Durante o curso, mesmo vivenciado o mesmo período, especialmente o professor Júlio César Luz e Temístocles Silva selecionam, situações distantes ao relembrem deste período de suas vidas. Para o professor Júlio César Luz, a universidade representou o momento do seu envolvimento com as atividades acadêmicas, ensino, pesquisa e extensão, enquanto o professor Temístocles Silva demarca este período com as dificuldades vivenciadas por um curso durante o período de implementação, carência de estrutura adequada, falta de professor, reconhecendo assim, seu envolvimento nos movimentos estudantis e conseqüentemente a sua luta para a melhoria do curso.

O início de atuação profissional deste grupo é demarcado pela insuficiência de reconhecimento profissional depois de formado, a não ser aqueles que durante a graduação criou um vínculo empregatício e permaneceram com este depois do formado.

Depois de formados além das ações direcionadas a prática profissional, os professores entrevistados escolhem cursos de especializações, não desejando apenas o diploma de Licenciatura, mas também, o certificado de especialista. Situação descrita no terceiro e último capítulo, a formação continuada, especialmente os cursos de especialização escolhido pelos professores entrevistado e a proposta do Governo Estadual de Ensino para a formação continuada dos professores de Educação Física.

Quanto às escolhas de especialização um fato interessante sobre é que os professores que fizeram parte do segundo grupo, ainda durante a graduação, no último semestre, já iniciaram o curso de especialização, levados pela precisão de aprofundar os estudos e a necessidade do diploma para galgar o horizonte profissional. Neste contexto, a escolha pela especialização é levada pelas condições concretas no momento, quais as oportunidades existiam na ocasião? Estas oportunidades são as escolhas feitas.

Enquanto os professores que fizeram parte do primeiro grupo não justificaram o porquê iniciam o curso de especialização, apenas deixam claras as escolhas dentro deste percurso. Eles realizaram o curso de especialização oferecido pela UESB e este curso oferece duas opções, dentre as opções escolhem a que tem uma aproximação com as experiências de educação física vividas nos momentos anteriores de suas vidas.

Neste grupo, o professor Alberto Ferreira não realizou a especialização logo depois de formado. Uma lacuna de 25 anos separa a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física da primeira especialização. Ele inicia sua atuação profissional em um momento histórico diferente dos demais professores, no final da década de 80 do século XX. Neste, momento na Bahia não existia muitas opções de cursos de especialização e, para realizá-los era necessário o deslocamento para outros estados, o custo/benefícios não era proporcional. Tinha um grande gasto e pouco retorno financeiro.

Como o professor Alberto Ferreira e Rogério Teixeira não realizam próximo ao período de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física uma especialização, nas suas memórias os cursos de formação de pequena duração são bastante destacados, especialmente os eventos ligados a área de atividade física e saúde: Encontro Nacional de Atividade Física; fitness Brasil. Essas experiências são significativas para estes professores que leva o professor Alberto Ferreira a pontuar que quanto a carga horas dos cursos realizados o mesmo já tem um mestrado e meio.

Para finalizar o estudo, os professores entrevistados pontuaram a experiência de formação continuada proposta pelo governo do estado da Bahia, no período compreendido entre 2003 e 2014, período que corresponde à ação de dois governos. 2003 a 2007 finda a hegemonia carlista e inicia o novo governo, PT (Partido dos Trabalhadores).

Durante os anos de 2003 a 2006 o estado da Bahia era governado por Paulo Souto, quanto à formação continuada dos professores em exercício é lembrado apenas as certificações, que tinham como finalidade propiciar o desenvolvimento e atualização profissional do servidor do Magistério do Ensino Fundamental e Médio, ou seja, eram provas para medir o conhecimento dos professores e promover aqueles que alcançassem 65% das questões.

Então não era de se esperar que os professores não concordassem com aquela forma de qualificação profissional, deixando claro em suas memórias o quanto foram contra a esta ação do governo, é tanto que em 2007 esta ação é deixada de lado e novas ações são direcionadas a formação continuada dos professores em exercícios, especialmente os professores de Educação Física.

O governo de Jaques Wagner inicia com ações diversificadas, buscando inicialmente ouvir os professores, neste sentido os professores relatam momentos de videoconferência, momento que buscava uma integração entre diversos professores de Educação Física, infelizmente pouco foi memorado pelos professores sobre este momento, mas um fato é certo eles ocorreram e em diversos locais da Bahia, uma vez que, diversas cidades, especialmente no Colégio Modelo das respectivas tinham condições para a realização destas videoconferências.

São necessário pesquisas para desdobrar os momentos de videoconferências, como estas eram acolhidas pelos professores? Quais as construções advindas destes momentos? Quais os objetivos e por que ocorreram? Dentre outros questionamentos que surgirão no desenrolar da pesquisa.

Este movimento de videoconferência segundo a memória dos professores ocorre no início do governo do PT. Próximo ao final do primeiro mandato também é apresentado na memória dos professores um movimento de aproximar as discussões de quem vive o cotidiano escolar da educação física, os professores de Educação Física, com a construção de propostas para melhorar a educação física na escola, então os professores apontam encontros organizado pela Secretária de Educação com a finalidade de construir as referências curriculares para a Educação Física Escolar no Estado da Bahia.

A ação da construção das referências curriculares foi pouco lembrada pelos professores entrevistados, no entanto 2 (dois) estudos deixaram claro as etapas e ações realizadas no período de 2010 e 2011 almejando cumprir tal finalidade.

Quanto a memória dos professores foi possível observar contradições nas lembranças da participação deste momento, ao mesmo tempo em que o professor Rogério Teixeira pontua como um momento de “*arrumação da educação física*” construção esta bastante desorganizada, o professor Luciano Bittencourt valoriza este momento, pontuando e afirmando que o material foi produzido e chegou à escola.

Então fica o questionamento, por que este momento não foi significativo para a grande maioria dos professores entrevistado? Cadê o material produzido? A maioria não aponta o acesso a este material.

No mesmo período que ocorreram à construção das referências curriculares da Educação Física o governo propõe um curso de formação visando a implementação da capoeira no ambiente escolar, “Capoeira na Escola: Patrimônio de todos nós”. A formação continuada dos professores começa a ter um caráter de cursos, no entanto um curso que não visa apenas o cumprimento de uma carga horária, mas ações no espaço escolar de implementação da capoeira.

O curso foi bastante significativa para a prática pedagógica e com uma metodologia bastante diversificada, à medida que, depois de cada encontro era necessário que os professores levassem o que foi aprendido para escola e no encontro seguinte às experiências pudessem ser compartilhadas por todos os envolvidos.

Então o novo governo do PT ainda no seu primeiro mandato avança quanto a proposta do exame de certificação, o começa estado propõe ações visando à melhoria da prática pedagógica do professor de Educação Física como as videoconferências, construção das referências Curriculares e o curso “capoeira na Escola: Patrimônio de todos nós”, essas ações são vistas pelos professores como construtivas, no entanto, falta um maior diálogo com a classe para uma construção permanente dessas ações e também para que os professores compreendam todo o processo.

A partir de 2012, outra configuração de curso de formação começa a ser proposta pelo estado. Neste momento, a experiência de formação continuada é direcionada aos cursos de educação à distância.

“Atualização em Práticas Pedagógicas”, tem a finalidade de participação de todos os professores da rede, desde que não esteja no estágio probatório nem seja aposentado, dividido

em 3 (três) momentos, o primeiro com o diálogo entre todas as áreas, no segundo o diálogo fica restrito entre as áreas, e por fim as discussões passa a ser restrita para a cada disciplina.

A proposta do curso é interessante, no entanto, quando chega à prática fica resumida ao momento de avaliação, não contribuindo de maneira significativa para a ação dos professores em sala de aula, muitas vezes em suas entrevistas os professores relembram do curso como um momento necessário a ser cumprido, pois como resultado terá o aumento salarial, falta na essência à busca pela formação.

Ou seja, os professores reconheceram a melhoria da proposta de formação continuada, especialmente quando deixam de realizar o exame de certificação e passam a realizar cursos de Atualização em Práticas Pedagógicas, entretanto, o que realmente ocorre é a mudança de estrutura, antes era uma prova e agora é um curso em EAD, mas a essência é a mesma, condiciona o aumento salarial, direito trabalhista, ao cumprimento e aprovação.

Então observei que a proposta do estado a partir da memória dos professores entrevistados tem uma “cara” diferente, contudo, sua essência é a mesma. Desta forma, os professores reconhecem a necessidade e importância desses cursos, mas deveriam acontecer não dentro dessas estruturas. O aumento salarial deveria estar posto independente do cumprimento do curso e este surgir como uma opção para os professores, em primeira instância, almejarem a formação continuada da sua prática pedagógica e não o aumento salarial. O que pode justificar algumas ações de professores quanto à execução da proposta.

Outro ponto apresentado é a falta de condições objetivas para a realização do mesmo, como tempo para estudo, condições de acesso à internet e principalmente, apoio para que os docentes pudessem colocar em prática as discussões que ocorrem nos cursos.

Assim, reconheço que os professores mesmo com uma vivência marcada pelo esporte, em maior ou menor grau, sendo influenciados por ela para as escolhas iniciais de atuação profissional, toda a experiência que envolve a vida destes professores e as condições vividas no momento determinam a consciência dos mesmos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE CERTIFICAÇÃO OCUPACIONAL (ACERT). **Exames** – Bahia: dirigente escolar. 2006. Disponível: < <http://www.certifica.org.br/exames> >. Acesso em: 02/07/2016.

ARAGÃO, M. G. S. et al. Projeto político pedagógico para o curso de Educação Física: caminhos percorridos. In: **Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Florianópolis - SC, 1999.

ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES LICENCIADOS DA BAHIA (APLB). **Curso de Aperfeiçoamento em Tecnologias Educacionais tem inscrições prorrogadas até sexta** (18). Quem se inscrever, garante a antecipação de 3,7% do valor da promoção, 2014. Disponível em: <<http://www.aplbsindicato.org.br/estadualeinterior/destaques/a-partir-de-5-de-julho-curso-de-aperfeiçoamento-em-tecnologias-educacionais-quem-se-inscrever-garante-automaticamente-a-antecipacao-de-37-do-valor-da-promocao/>>. Acesso em: 10/07/2016.

_____. **Projeto que assegura promoção para professores é enviado à Assembléia Legislativa** 2012. Disponível em: <<http://www.aplbsindicato.org.br/estadualeinterior/noticias/projeto-que-assegura-promocao-para-professores-e-enviado-a-assembleia-legislativa/>>. Acesso em: 10/07/2016.

BAHIA. **Institui o Programa de Formação Continuada para Professores e dá outras providências**, Decreto 7898/01 | Decreto nº 7.898 de 30 de janeiro de 2001 Disponível: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10188472/artigo-1-do-decreto-n-7898-de-30-de-janeiro-de-2001-da-bahia>>. Acesso em: 01/07/2016.

_____. **O secretário da Educação do Estado da Bahia**, no uso de suas atribuições, considerando a necessidade de promover a valorização dos profissionais da educação. 2012.

_____. **Plano de Implementação do Projeto de Educação da Bahia Fase II – PIP**. Lei 8480/02 | Lei nº 8.480 de 24 de Outubro de 2002 da Bahia. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/85388/lei-8480-02-bahia-ba>>. Acesso em: 01/07/2016.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTTI, M.; MEZZAROBBA, C. Relação entre as experiências anteriores e a escolha do curso na formação profissional em Educação Física. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 18, supl. p. 213-216, jan. 2007.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, Espírito Santo, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. **Secretária de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Decreto 5.773 de 9 de maio de 2006**. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 10 maio 2006. Disponível em: <<http://www2.mec.gov.br/sapiens/portarias/dec5773.htm>>. Acesso em: 10/07/2016.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Brasília. 1998b.

CAPARROZ, F.E. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola: educação como componente curricular**. Vitória: CEFD/UFES, 1997.

CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTANCIA (CEAD). **Início do curso de extensão em Atualização em Práticas Pedagógicas**, Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.cead.unb.br/index.php/todas-as-noticias/293-inicio-do-curso-de-extensao-em-atualizacao-em-praticas-pedagogicas.html>>. Acesso em: 10/07/2016.

CHOUÍ, M. S. **Escritos sobre a universidade**. São. Paulo: Editora UNESP, 2001.

DAÓLIO, J.; A ordem e a (des)ordem na educação física brasileira. **Revista Brasileira das Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n.1, p. 115-127, set. 2003.

DARIDO, S. C.; **Educação Física na escola questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koongan, 2003.

_____. As Olimpíadas de Sydney, o Desempenho do Brasil e Algumas Implicações Pedagógicas. Universidade Estadual Paulista. **Motriz**, Vol. 6 , n. 2, pp. 101-105, Jul-Dez 2000.

DEMO, O. Professor e seu direito de estudar. In: SHIGUNOV NETO, A.; MACIEL, L. S. B. (Org.). **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas: Papirus, 2002, p. 71 – 88.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2005.

FERRARO, A. N. **A Educação Física na Bahia: memórias de um professor**. Bahia: Ed. da UFBA, 1991.

FERREIRA, L. A. **O professor de Educação Física no primeiro ano de carreira: análise da aprendizagem profissional a partir da promoção de um programa de iniciação docente**. São Paulo, 2006. 216f. Tese (doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de São Carlos.

FIGUEIREDO, Z. C. C. A formação docente, currículo e saber. In: CAPARROZ, F. E. **Educação Física escolar: política, investigação e intervenção**. Vitória: Proteoria, 2001. p. 115-139. v.1.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Estudos sobre desenvolvimento profissional: da escolha à ruptura da carreira docente. **Revista da Educação Física /UEM**, v. 19, n.4, 605-618, 4. trim. 2008.

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

MARQUES, M.O. **A formação do profissional da educação**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1992.

MEDINA, J. P. S. **Educação Física cuida do corpo e “mente”**. 13. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.

MEIHY, J. C.; HOLANDA, F. **História oral – como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2010.

MENDONÇA, G. P.A. **Capoeira na escola: Análise e reflexões acerca de sua legitimação nas aulas de Educação Física das escolas estaduais da DIREC 13 – Jequié**. 164f. Dissertação (Mestrado em educação física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu. São Paulo: USJT, 2013.

MILLEN NETO, A R.; CASTILHO, D. S.; ALMICO, R. V.; CONCEIÇÃO, R. R. Reflexões sobre o estágio extra-curricular: seus conceitos, sua realidade e suas consequências. In: Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 6., 2002, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2002. p. 166-170.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei n. 9.394/1996**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

MONTENEGRO, A. **História oral e memória – a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2010.

MORENO, A. Educação Física: de que profissão e de que profissional se fala? In: FRANCO, C.; KRAMER, S. **Pesquisa e educação: história, escola e formação de professores**. Rio de Janeiro: Ravil, 1997. p. 257-275.

NOVAES, A. L. PIRES, R. G. O ato de pesquisar em Educação Física: um olhar sobre um curso de Graduação na Bahia. **Coleção Pesquisa em Educação Física - Vol.10**, n.4, 2008.

NOVAES, A. L. **Panorama e perspectiva da/para a formação continuada em Educação Física**. Caminhos da Pós-Graduação *Lato Sensu* na Bahia. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFBA.Salvador: Universidade Federal da Bahia,2009.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão de professor**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p.15 – 33.

OLIVEIRA V. M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense; 2008. (Coleção primeiros passos).

OLIVEIRA, S. A. de. Considerações sobre as políticas públicas de esporte escolar no Brasil do século XXI. In: **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte** [e] I Congresso Internacional de Ciências do Esporte / Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Porto Alegre: CBCE, 2005.

PAIVA, F. S. L.; Notas para pensar a educação física a partir do conceito de campo **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. especial, p.51-82, jul./dez. 2004.

PIMENTA, S. G. Professor: Formação, identidade e trabalho docente. In: _____. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p.15 – 35.

PIRES. R. G. Formação Profissional em Educação Física no Brasil: suas histórias, seus caminhos. **Revista da Faced**, n 10, p. 179–193, Bahia, 2006.

_____. **Educação física na Bahia**: cenas e flashes de uma história. Salvador: Arcadia, 2008.

_____. A expansão do ensino da Educação Física na Bahia: uma análise de suas principais Motivações. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - Vol.8, nº 2 – 2009.

PIRES, R. G.; JÚNIOR, N. V. S. Pensar a Prática, **Goiânia**, v. 15, n. 4, p. 821-1113, out./dez. 2012.

PORTAL DO SERVIDOR, **Curso Práticas Pedagógicas**, 2014. Disponível em: <<http://www.portaldoservidor.ba.gov.br/conteudo/valorizacao-do-servidor/curso-praticas-pedagogicas>>. Acesso em: 10/07/2016.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v 1, n.2, p. 59-72.

_____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, n. 15. São Paulo, Educ. 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História** n. 15 São Paulo, Educ.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. São Paulo, n. 15, abr./1997, p. 13-49.

RAMOS, G. N. S. Os estágios extracurriculares na preparação profissional em educação física. **Movimento Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v.1, p.127-141, 2002.

ROSSI, F.; HUNGER, D.A.C.F. Formação acadêmica em educação física e intervenção profissional em academias de ginástica. **Motriz**, Rio Claro, v.14, n.4, p.440-51, 2008.

SANTINI, J.; MOLINA NETO, V. A síndrome do esgotamento profissional em professores de Educação Física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.3, p.209-222, jul./set., 2005.

SCAGLIA, A.; GOMES, R. M. O jogo e a competição: investigações preliminares. In: VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. B. (Org.). **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SCHNEIDER, M. C. **Certificação de professores**: contradições de uma política. 2009. 249f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFSC. Florianópolis: UFSC, 2009.

SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO DA BAHIA (SEC). **Curso de Atualização em Práticas Pedagógicas**, 2012. Disponível em: < <http://educadores.educacao.ba.gov.br/noticias/curso-de-atualizacao-em-praticas-pedagogicas>>. Acesso em: 10/07/2016.

SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO DA BAHIA (SEC). **Instituto Anísio Teixeira**, TV Anísio Teixeira Série / Programa: Muito prazer, 2012. Disponível em: <<http://educadores.educacao.ba.gov.br/noticias/conheca-rede-anisio-teixeira>>. Acesso em: 10/07/2016.

SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO DA BAHIA (SEC). **Orientações para organização de eventos de videoconferência**, 2013. Disponível em: <<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Alantiara/Meus%20documentos/Downloads/orientacoes-de-videoconferencia-2013.pdf>>. Acesso em: 10/07/2016.

SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO DA BAHIA (SEC). **Síntese dos Projetos Estruturantes**, anexo 1, 2010.

TAFFAREL, C. Z. **Educação Física**: referências curriculares para a rede pública do Estado da Bahia. Salvador: Mimeo, 2010.

TARDIF, M. **Sabres docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

VERENA, A. **Ouvir e contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Fontes Orais

1. Alberto José Andrade Ferreira, entrevistado em 09 de abril de 2014, na cidade de Jequié – BA
2. Rogério Santos Teixeira, entrevistado em 14 de julho de 2014, na cidade de Jequié – BA
3. Suzyanne de Almeida Munaro, entrevistada em 18 de julho de 2014, na cidade de Jequié – BA
4. Ianny Caroline Melo de Souza, entrevistado em 18 de julho de 2014, na cidade de Jequié – BA

5. Rafael Carlos Lavigne Dinnis, entrevistado em 18 de julho de 2014, na cidade de Jequié – BA
6. Temístocles Damasceno Silva, entrevistado em 22 de Julho de 2014, na cidade de Jequié – BA
7. Júlio César Oliveira Luz, entrevistado em 28 de julho de 2014, na cidade de Jequié – BA
8. Eduardo Costa Vieira, entrevistado em 11 de setembro de 2014, na cidade de Jequié – BA
9. Luciano Ferreira Bittencourt, entrevistado em 12 de setembro de 2014, na cidade de Jequié – BA
10. Emerson Carlos Souza Paim, entrevistado em 16 de junho de 2014, na cidade de Jequié – BA
11. José Gonçalves Lopes Junior, entrevistado 28 de julho de 2014, na cidade de Jequié - BA